



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BRUNO DE GÓIS FIGUEIREDO

É morrendo que se vive: etnografia de um grupo espírita caruaruense

Recife
2022

BRUNO DE GÓIS FIGUEIREDO

É morrendo que se vive: etnografia de um grupo espírita caruaruense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia. Área de concentração: Antropologia da Religião.

Orientadora: Profa. Dra. Mísia Lins Reesink

Recife

2022

F475e Figueiredo, Bruno de Góis.
É morrendo que se vive : etnografia de um grupo espírita caruaruense /
Bruno de Góis Figueiredo. – 2022.
141 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mísia Lins Reesink.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2022.
Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Espiritismo. 3. Grupo espírita. 4. Conflitos. I.
Reesink, Mísia Lins (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2023-062)

BRUNO DE GÓIS FIGUEIREDO

É morrendo que se vive: etnografia de um grupo espírita caruaruense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia. Área de concentração: Antropologia da Religião.

Aprovada em: 08/09/2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Genaro Camboim Lopes de Andrade Lula
(Examinador Externo – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte)

Profa. Dra. Laure Marie-Louise Clémence Garrabé
(Examinador Interno – Universidade Federal de Pernambuco)

Profa. Dra. Mísia Lins Reesink
(Orientadora – Universidade Federal de Pernambuco)

Recife

2022

Ao meu avô (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, e todos os seus e suas ajudantes, visíveis ou invisíveis, que me empurraram para continuar.

Agradeço aos meus pais, Anderson e Cláudia, pela vida e pelas bases dadas. À minha irmã Paula, cuidadora da minha saúde! À minha tia Cristina e Clara e Bianca, primas/irmãs, por se fazerem presentes, apesar da minha distância. A vovó Claudete, minha memória viva.

A Yanna, esposa e companheira de todas as horas, incentivadora incansável e sempre com o pensamento de que “tudo vai dar certo”. Apenas amor.

Sou grato pela turma e ao corpo de funcionários do PPGA, sempre solícitos com nossas demandas. Ao professorado, pelos ensinamentos e confiança nos futuros antropólogos e antropólogas. Às amigas encontradas no programa: Jusci, sempre presente nas aulas, nos lanches, nas ligações e nos trabalhos! Jairo, sempre disposto a ajudar e com muita fé em mim. Bruno Bali, companheiro de pesquisas da religião, das lamúrias e também enorme incentivador. Ao pessoal do DEVIR, em especial Arlindo (a paciência encarnada) e Poly, que eu tanto “aluguei”!

Ao pessoal da Secretaria da Mulher, que tanto me apoiou! Às amigas de todas as horas Ana Callou e Beatriz Vidal, grandes encorajadoras para que eu me inscrevesse no Mestrado. Juliane, amiga de sempre e para sempre. Liana, também amiga de sempre e provocadora de muitas reflexões! Patrícia, Jeo, Fabi, Milena, Beta, Lucidalva, Nathália, Olga, Viviane. Michele e Ana Carla, minhas primeiras “professoras” de Antropologia.

Aos amigos de longa data: Rafa Albuquerque, desde sempre me encorajando e torcendo. A Jacque e Emanuel, sempre me acolhendo, com palavras e momentos, quando eu precisava “respirar”. Jefferson e Memê, longe fisicamente, apenas. Minhas salvadoras e meu salvador de coluna, Rafa Trindade, Rafa Maíra e André Medeiros.

Aos meus amigos espíritas Rafael (padrinho do meu casamento), Pâmela, Gustavo, Andrea... por serem quem são.

Ao pessoal do Colégio Alternativo, sempre torcendo pelo meu sucesso: Edilma, Eliana, Socorro, Fernanda, Ana Cláudia, Helena e todas as professoras, auxiliares e funcionários!

Ao pessoal da *inFlux*, também me ajudando no que podiam para eu escrever a tempo!

Gratidão à minha orientadora Mísia, que sempre me deixou à vontade na pesquisa e nos textos, porém sempre presente. Muitas vezes (tenho a impressão) mais entusiasmada que eu quando o cansaço bateu, mas, pouco a pouco, me mostrando ser capaz de produzir uma pesquisa entusiasmante (assim espero!).

Ao pessoal do GEEFA e da Casa Chico Xavier. Pela amizade, por nossas conversas e pela disponibilidade em me atender e abrir todas as portas que bati. Peço desculpas pelos erros que possam constar nesse trabalho, que com certeza existem, e assumo a responsabilidade por eles.

A quem não citei, peço perdão, mas sintam-se contemplados mesmo assim.

RESUMO

Esta dissertação tem por objeto de pesquisa o Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis (GEEFA), uma pequena casa espírita da cidade de Caruaru, interior de Pernambuco. Diante das relações interpessoais estabelecidas no grupo, essa pesquisa tem o objetivo de contribuir para a produção antropológica sobre o espiritismo e os grupos espíritas, considerando a reflexão a respeito dos processos de conflitos que ocorrem no local analisado, antes e após a sua fundação. Também é do nosso interesse compreender e descrever a escolha e o processo de alçada das lideranças da casa, interpretar a razão dela continuar em operação e analisar as práticas adotadas pelos seus integrantes durante nossa estadia em campo. Para que isso aconteça, a abordagem pensada se dá por meio da apresentação do GEEFA a partir dos seus membros, permitindo a elaboração de um quadro de ideias sobre suas histórias e perspectivas – sobre o grupo ao qual aderiram e os papéis desempenhados por eles. Assim, voltamos nosso olhar para antagonismos que se apresentam na casa e como os próprios membros do local manuseiam categorias comuns à cosmologia espírita, como o estudo da doutrina, a aplicação dos *passes* e a prática da mediunidade, para conquistarem posições de destaque na estrutura do lugar. É sabido que o movimento espírita, desde a sua formação, se viu envolto em disputas que semearam tensões entre os seus adeptos. Isso acontece, porém, em um panorama mais amplo em comparação a um local de dimensões reduzidas como o GEEFA. Há margem, então, para levantar a problemática sobre a possibilidade de uma casa espírita de pequeno porte ser palco de processos de dramas sociais. Partimos da hipótese de que a liderança da casa é, ao mesmo tempo, a mola propulsora que garante o funcionamento do grupo e a grande responsável por provocar rupturas entre seus membros. Para pôr à prova esse pensamento, fazemos uso do método etnográfico e de entrevistas semiestruturadas, feitas no formato *online*, devido à pandemia da COVID-19, para a coleta e análise dos dados reunidos.

Palavras-chave: Espiritismo; Grupo espírita; Conflitos.

ABSTRACT

This dissertation has as its object of research the Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis (GEEFA), a small spiritist house in the city of Caruaru, in the countryside of Pernambuco. Given the interpersonal relationships established in the group, this research aims to contribute to the anthropological production on spiritism and spiritist groups, considering the reflection on the processes of conflicts that occur in the analyzed place, before and after its foundation. It is also in our interest to understand and describe the choice and process of leadership elevations of the house, to interpret the reason why it continues to operate and to analyze the practices adopted by its members during our stay in the field. For this to happen, the conceived approach is through introducing the GEEFA from its members, allowing the elaboration of a framework of ideas about their stories and perspectives - about the group they joined and the roles played by them. Thus, we turn our gaze to the antagonisms that present themselves in the house and how the local members themselves handle categories common to the spiritist cosmology, such as the study of its doctrine, the application of *passes* and the practice of mediumship, in order to conquer prominent positions in the structure of the place. It is known that the spiritist movement, since its formation, was involved in disputes that sowed tensions among its adherents. This happens, however, in a broader panorama compared to a site of reduced dimensions like GEEFA. There is scope, then, to raise the issue about the possibility of a small spiritist house being the stage for social dramas processes. We start from the hypothesis that the leadership of the house is, at the same time, the driving force that guarantees the functioning of the group and is largely responsible for causing ruptures among its members. To put this thought to the test, we make use of the ethnographic method and semi-structured interviews, carried out in the online format, due to the COVID-19 pandemic, for the collection and analysis of the gathered data.

Keywords: Spiritism; Spiritist group; Conflicts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Espíritas em Pernambuco, por população	17
Figura 2 – Localização do GEEFA em Caruaru-PE	32
Figura 3 – O GEEFA	32
Figura 4 – Preparo de alimentos para doação	33
Figura 5 – Cartaz comemorativo de aniversário do GEEFA	35
Figura 6 – Organograma do GEEFA	36
Figura 7 – Primeiro <i>card</i> alusivo ao avanço do coronavírus em Caruaru	84
Figura 8 – Os kits de alimentos	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O GRUPO DE ESTUDOS ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS	24
2.1	NASCE O GEEFA	24
2.2	A SEDE DO GEEFA	32
2.3	OS INTEGRANTES DO GEEFA	36
2.3.1	Antônio	36
2.3.2	Juliana	39
2.3.3	Bruna	40
2.3.4	Morgana	42
2.3.5	Nazareno	44
2.3.6	Afonso e Wycara	45
2.3.7	Maria	47
2.3.8	Dino e Alisson	49
2.4	REFLEXÕES SOBRE AS TRAJETÓRIAS DOS TRABALHADORES	49
2.5	CONFLITOS ANTES DO GEEFA	52
2.6	LÚCIO E ANTÔNIO	57
3	O GEEFA EM SUAS PRÁTICAS	61
3.1	A PRECE PARA O GEEFA	61
3.2	O PASSE ESPÍRITA NO GEEFA	64
3.3	O GEEFA E OS ESTUDOS	66
3.4	A MEDIUNIDADE	70
3.4.1	O mecanismo da mediunidade	72
3.4.2	As reuniões mediúnicas do GEEFA	74
3.4.2.1	Os <i>dialogadores</i>	75
3.4.2.2	Novo formato das reuniões mediúnicas	77
4	A PANDEMIA CHEGA AO GEEFA	82
4.1	A COVID-19	82
4.1.1	A COVID-19 em Caruaru	83
4.2	REPERCUSSÕES DA COVID-19 NO GEEFA	85

4.3	REPERCUSSÕES DA NOITE DE 20 DE MARÇO	94
4.3.1	As sopas	94
4.3.2	As mentalizações	98
4.3.3	O GEEFA virtual	99
4.4	REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA COVID-19 NO GEEFA	105
5	SONHOS E <i>DESDOBRAMENTOS</i>	111
5.1	OS SONHOS E O GEEFA	111
5.2	O SONO E O SONHO	114
5.3	SONHOS <i>GEFIANOS</i>	116
5.4	OS <i>DESDOBRAMENTOS</i>	123
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
	REFERÊNCIAS	134

1 INTRODUÇÃO

O campo espírita é um terreno vasto em oportunidades de pesquisas e reflexões, dada a relevância dessa doutrina para o cenário nacional de práticas religiosas, e que cresce em número de adeptos¹. A Antropologia se debruça sobre esse tema e as especificidades que o acompanham, como as práticas e categorias levantadas e performadas pelos espíritas; as figuras de destaque que contribuem para a divulgação da doutrina² e as particularidades dos locais que se propõem a operar como divulgadores do espiritismo – os centros espíritas. Esses grupos, apesar de beberem da mesma fonte (a obra de Allan Kardec), têm visões de mundo próprias que os caracterizam em matéria de práticas e mensagens levantadas ao seu público, o que os coloca em um *continuum* de ortodoxia e heterodoxia quando pensamos sobre suas adesões aos fundamentos da doutrina. Apesar desse rico cenário, ainda se fazem necessários mais estudos sobre o espiritismo e sua cosmologia. Uma pesquisa que se volte aos processos de relações sociais, sobretudo as tensões que se estabelecem entre os membros de uma casa espírita, é um ponto que desperta nossa atenção para uma investigação social que se proponha a contribuir com uma visão inédita para a Antropologia sobre o espiritismo e os grupos espíritas.

A fim de contribuir para a produção antropológica sobre o campo espírita, esta dissertação tem como objeto de pesquisa o Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis (GEEFA), uma pequena casa ao lado do Monte Bom Jesus da cidade de Caruaru, no agreste de Pernambuco, cujo surgimento envolve uma série de conflitos que marcam sua história.

As relações sociais do GEEFA são marcadas por disputas e pautadas na busca pelo acúmulo do conhecimento e da prática espírita como diferencial entre os seus integrantes. Nesse local, seus membros procuram um modelo de ser espírita que os legitime nesse universo.

Diante disso, das relações que se estabelecem no grupo, esta dissertação tem como objetivo principal refletir sobre os processos de conflitos que ocorrem no GEEFA. A partir disso, buscamos: a) compreender e descrever como se dá a escolha e o processo de formação das lideranças da casa; b) interpretar o porquê dela seguir operando, inclusive, após a eclosão de uma pandemia e; c) analisar as práticas adotadas pelos seus integrantes.

¹ Segundo o Censo de 2010, o número de espíritas no país saltou de 1,3% da população (2,3 milhões) no ano 2000 para 2,0% (3,8 milhões) em 2010.

² Tendo como representante maior, no Brasil, o médium mineiro Chico Xavier.

É importante destacar que já há uma produção antropológica que analisa casas espíritas³, contudo a abordagem nesta dissertação acontece através da apresentação do GEEFA a partir dos seus membros, retratando o grupo do seu alvorecer até o seu crepúsculo⁴.

Conhecendo as personagens dessa narrativa, elaboramos um quadro de ideias sobre suas histórias e perspectivas, inclusive seus posicionamentos dentro da casa, quando as relações interpessoais tomam forma e modelos de ser espírita são pensados. A construção do *modus operandi* do lugar é pensada para que tenhamos noção das interações que acontecem e das expectativas depositadas, entre os integrantes do grupo, em relação aos papéis que desempenham.

As relações humanas são compostas, também, por conflitos e disputas, e assim procuramos voltar nosso olhar para esse aspecto no GEEFA. Assim, investigamos categorias comuns aos grupos espíritas⁵, porém com a atenção voltada aos processos de antagonismos que se apresentam em campo. Dessa maneira, analisamos, também, se essas mesmas categorias podem ser atualizadas ou até mesmo se outras, novas, se desenvolvem, despertando o interesse antropológico em aproximar, por exemplo, tópicos como a mediunidade às arenas⁶ do GEEFA.

Embates espíritas

Grupos são compostos por indivíduos e suas relações interpessoais. Isso, porém, deixa margem para muitas reflexões a respeito dos tipos de relações que podem ser analisadas. É preciso, então, afunilar esse pensamento para algo que possa ser levado a campo. Nenhuma interação é, a todo momento, completamente harmônica. Mas, apesar das tensões que possam surgir, há aquelas que perduram – assim como há as que acabam.

Mesmo o espiritismo, enquanto movimento, surge em meio a disputas internas para defini-lo a partir de suas características, como seu lado mais *científico* ou sua vertente mais *mística/religiosa*⁷. Percebemos que apesar da mensagem evangélica de amor e paz pregada por essa doutrina, sempre houve terreno para tensões.

³ Ver, por exemplo, Cavalcanti (2008) e Leite (2014).

⁴ Após o encerramento do meu campo, recebi a notícia da fusão do GEEFA à Casa Chico Xavier, outro grupo espírita em Caruaru. O GEEFA, portanto, teve uma duração de dois anos e meio, desde a sua fundação (em dezembro de 2017) até sua junção (em junho de 2020). Essa nova configuração, entretanto, fica a cargo de pesquisas futuras voltadas especificamente para esse contexto.

⁵ Ver trabalhos como os de Lewgoy (2000), Cavalcanti (2008), Arribas (2010) e Leite (2014).

⁶ No sentido turneriano, um cenário de “interações antagonísticas” (2017, p. 123).

⁷ Ver Giumbelli (1997) e Arribas (2010).

Há estudos que analisam os processos de conflitos, porém em grupos que não são espíritas e enfatizando disputas entre lideranças⁸. Não é o caso do GEEFA, que por ser uma casa espírita com atores distintos e atravessando um espaço de tempo à parte, sinaliza um pano de fundo diferente para a investigação de processos de *dramas sociais* (no sentido turneriano). Como comentamos, se o próprio movimento espírita é palco de tensões, os lugares e as pessoas que o compõem também podem ser.

E é com isso que levantamos, portanto, a problemática central dessa dissertação: como são construídos os processos de *dramas sociais* em uma casa espírita como o GEEFA? Com isso, podemos provocar as seguintes questões secundárias: a) como se dá a escolha e o processo de alçada das lideranças da casa? b) como essa casa segue em operação, apesar das suas tensões e, também, do atravessamento da pandemia da COVID-19? c) quais as práticas adotadas pelos seus integrantes e como elas podem se relacionar com os conflitos levantados por essa pesquisa?

Como argumento, partimos da hipótese de que a liderança da casa é a mola propulsora que garante o funcionamento do grupo (angariando membros, fazendo uso de categorias nativas levantadas pela Antropologia no estudo do espiritismo e buscando demarcar o modelo *gefiano* de ser espírita), mas, ao mesmo tempo, ela é responsável por provocar rupturas entres os membros do local.

Para se manter na posição de poder, pensamos, é preciso que as figuras de liderança estejam munidas de ferramentas que as legitimem e assegurem em seus papéis, e é nesse movimento de validação que, inferimos, se desenvolvem processos de conflitos que repercutem nas relações da casa, pois a partir das diretrizes dessas figuras se coloca em xeque o grau de adesão dos demais integrantes do GEEFA em relação à agenda do grupo.

Autores e conceitos

Essa dissertação pensa o Grupo de Estudos Francisco de Assis a partir de suas relações sociais. Mais especificamente, os processos de conflitos nas relações e as disputas por poder e autoridade dos integrantes da casa.

Para nos auxiliar com essa análise, recorreremos ao antropólogo Victor Turner, presença reconhecida na Antropologia⁹ com seus trabalhos que dão ênfase ao indivíduo e ao potencial criativo das crises¹⁰. Ele é responsável, em sua obra, pela construção da noção dos *dramas*

⁸ Ver Guerra de Orixá (1977).

⁹ Ver Cavalcanti (2020).

¹⁰ Ver Eriksen e Nielsen (2018).

sociais, segundo ele um modelo de quatro fases que começa a partir da ruptura de uma relação crucial em um grupo relevante. Os *dramas* são os processos de desarmonia que acontecem em situações de conflitos, ou seja, quando interesses e atitudes de grupos e indivíduos se antagonizam¹¹ – e que revelam o que há de ser mostrado em matéria de comportamento de um grupo em relação aos seus valores. Isso é importante, para nós, para pensarmos as relações interpessoais do Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis: como podemos observá-las ao se desenvolverem e se desdobrarem em situações harmônicas e desarmonicas.

Na teoria de Turner, mesmo em situações de conflitos podem ser observados imperativos maiores que os processos de antagonismos dos *dramas*, que vinculam os indivíduos a lealdades acima deles. Essas lealdades podem fazer com que voltemos nossas energias a um grupo em especial, um *grupo-estrela*, “cujo destino para nós é uma grande preocupação pessoal” (TURNER, 2015, p. 96), mas que, ao mesmo tempo, trazem situações de conflitos de lealdade. Isso é relevante ao contexto do GEEFA para refletirmos a maneira de pensar das lideranças da casa e qual a visão delas em relação aos demais membros do grupo.

Como processos políticos, os *dramas* “envolvem concorrência por fins escassos – *poder*, dignidade, prestígio, honra, pureza” (TURNER, 2015, p. 100, grifo nosso) e, a fim de enriquecer esse debate, fazemos uso da contribuição de Pierre Bourdieu (1986; 1989)¹², outro autor celebrado pela Antropologia e pela Sociologia¹³, para pontuarmos o *poder* no GEEFA.

Para Bourdieu, a influência que um grupo exerce sobre outros é fruto da articulação entre as formas de *poder*, como a econômica, a social, a cultural, a simbólica. Cada uma delas é apresentada como um *capital* (ou a capitalização de um ativo importante para se ter uma posição de destaque), a saber: 1) o *capital econômico* (como dinheiro ou posses), que pode ser convertido em outras modalidades, a partir dos seus agentes; 2) O *capital cultural*, que pode ser institucionalizado na forma de qualificações educacionais – são ativos sociais ligados a alguém, como educação, intelecto, estilo de fala e vestimentas, e que podem promover mobilidade social em uma sociedade estratificada, se subdividindo em: a) *capital cultural incorporado* – adquirido ao longo do tempo, por meio de processos de inculcação e incorporação, com a socialização de parâmetros de uma educação, cultura ou tradição; b) *capital cultural objetivado* – feito com bens materiais que, apesar de poderem ser adquiridos economicamente, simbolicamente evidenciam o detentor desse capital; ou c) *capital cultural institucionalizado* – que se expressa como resultado de um processo de seleção institucional,

¹¹ Turner (2017).

¹² Ver também Jourdain e Naulin (2017).

¹³ Ver Eriksen e Nielsen (2018).

através de qualificações acadêmicas, por exemplo; 3) o *capital social*, que diz respeito às obrigações sociais (ou, como propõe o próprio autor, “conexões”¹⁴) que acumulamos e que transmitem o pertencimento a um grupo. Sua posse reflete em ter relacionamentos duradouros e úteis que garantam ganhos materiais ou simbólicos. Quando há conhecimento e reconhecimento de capitais, como o *econômico* ou o *cultural*, há, então, o *capital simbólico*.

O pensamento bourdiano destaca que cada tipo de *capital* é fruto de uma acumulação que tem como objetivo algum benefício (material ou não). Isso é importante, na nossa pesquisa, para dar subsídio à análise sobre a construção e a manutenção das formas de poder no GEEFA e como se aplicam nas relações entre seus membros. Essas contribuições auxiliam a ilustrar mecanismos de dominação para pensarmos como se movimentam os integrantes do local em suas experiências de socialização e nos campos e disputas descritos no decorrer dessa dissertação.

Esses dois autores norteiam nossa pesquisa e delimitam as discussões propostas à medida que somos apresentados ao campo etnografado, refletindo a teoria antropológica pensada para o Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis.

Um olhar sobre o espiritismo e recorte etnográfico

Desde sua consolidação na França, o espiritismo¹⁵ se configura como uma doutrina que propõe o contato entre os vivos e os mortos, com uma visão particular a respeito da vida após a morte, das leis que regem o além e o que podemos fazer enquanto ainda estamos na Terra. No Brasil, esse processo se repete e começam a surgir grupos espíritas por todo o seu território¹⁶.

Na virada para os anos 2000, o Brasil se firma como a nação com a maior presença de espíritas no planeta, em número aproximado de 4 milhões de adeptos declarados e 18 milhões de simpatizantes, além de serem o terceiro maior grupo religioso do país, atrás apenas dos

¹⁴ Bourdieu (1986, p. 16).

¹⁵ Reginaldo Prandi (2012) escreve que coube a Allan Kardec, pseudônimo de Hyppolyte León Dénizard Rivail, educador e pedagogo francês, na segunda metade do século XIX, depois de observar o fenômeno das chamadas “mesas girantes” (atrações que se tornaram famosas no território francês à época em que ele começa seu processo de análise dos fenômenos tidos como sobrenaturais), verificar a autenticidade de acontecimentos atribuídos aos seres do outro mundo. Após as primeiras participações, na casa de amigos, de reuniões com médiuns e longos estudos sobre as comunicações dos seres do além, ele “passou a acreditar que alguma razão maior poderia ser encontrada por trás das meras manifestações que encantavam curiosos, crentes e praticantes devotados” (PRANDI, 2012, p. 36). Em decorrência disso, em tempo o mundo veria o nascimento do espiritismo ou a doutrina espírita. Para saber mais, ver os trabalhos de Damazio, (1994); Cavalcanti (2008); e Prandi (2012).

¹⁶ Giumbelli (1997); Arribas (2010).

católicos e dos protestantes de todas as denominações, conforme Arribas (2014)¹⁷, e possuírem, segundo o Censo (2010), o maior número de adeptos com nível superior completo no país.

Em Caruaru, interior do estado de Pernambuco, o grupo mais antigo da cidade data de 16 de março de 1937: a Fraternidade Espírita Léon Denis, situada na rua Severino Vieira de Melo, nas proximidades da feira de artesanato¹⁸ municipal. Esse título, entretanto, sofre uma contestação de outro grupo espírita da cidade, a Associação Municipal Espírita (AME):

O "Centro Espírita Léon Denis", hoje "Fraternidade Espírita Léon Denis", a Casa Espírita mais antiga da cidade, poderia ser ponto de partida, o fundamento para a História do Espiritismo, nesta terra de Mestre Vitalino, contudo, além de ter tido as suas portas fechadas mais de uma vez, nem sempre as suas diretorias, em épocas passadas, primaram pelos princípios de Allan Kardec, o que por algum tempo lhe invalidou o nome de Centro Espírita. Por esse motivo é que está sendo tomado por base a AME que, desde a sua fundação, mesmo com dificuldades, sempre seguiu os princípios da terceira Revelação.

É bom lembrar que as últimas diretorias do "Leon Denis", inclusive a atual, são respeitáveis, dignas de elogio, como qualquer outra diretoria de "Casa Espírita" (AME, 2021)¹⁹.

No Censo de 2010, Caruaru figura como a quinta cidade pernambucana em matéria de adeptos declarados do espiritismo, com um total de 3.655 pessoas em um universo de cerca de 314.912 mil habitantes. Isso nos leva a uma porcentagem de 1,2% de espíritas no município, contrastando com os 66,4% (209.003 pessoas) de católicos; 21,7% (68.336 pessoas) de evangélicos de todas as denominações; 8,4% (26.350 pessoas) dos sem religião; 0,6% (1.913 pessoas) de Testemunhas de Jeová; e das demais religiões que somam 1,8% (5.655 pessoas) da população habitante do município.

Figura 1 – Espíritas em Pernambuco, por população.



Fonte: Censo (2010).

¹⁷ Giumbelli (1998 apud ARRIBAS, 2014) informa que existem cerca de 10 mil instituições espíritas que sustentam asilos, escolas, creches e orfanatos.

¹⁸ <https://feldcaruaru.webnode.com/sobre/>

¹⁹ <http://amecaruaru.com.br/ame/index.php/historia>

O GEEFA aparece como mais um local de frequência desse 1,2% de espíritas caruaruenses, no que consideramos ser uma casa ortodoxa, em matéria de teoria e prática do espiritismo, seguindo os preceitos de Allan Kardec e as orientações literárias de autores famosos no meio espírita, como os médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco.

O campo

Meu primeiro contato com o espiritismo aconteceu na adolescência, através de uma tia que me presenteou com *O Evangelho segundo o espiritismo*. À época, porém, não tive tanto interesse nos escritos de Allan Kardec. Em 2016, após o falecimento do meu avô materno, por intermédio dessa mesma tia fui apresentado a Lúcio (futuro fundador e dirigente do GEEFA). Foi assim que passei a frequentar algumas reuniões de estudos com ele para, em 2017, me dirigir pela primeira vez a um centro espírita, pertencente a um amigo dele.

O interesse em unir Antropologia e espiritismo em uma mesma pesquisa veio com a vontade de relatar etnograficamente um grupo espírita. A pandemia da COVID-19 trouxe um cenário ímpar para isso, com o posicionamento do GEEFA em permanecer operando em meio ao caos²⁰ instalado pelo coronavírus. Com as restrições impostas pelos órgãos governamentais para frear o avanço do vírus, testemunhei o refazimento de um grupo dentro dele mesmo, com conflitos que escancararam posicionamentos, disputas de práticas ideais e modelos de ser espírita.

Minha perseverança (ou teimosia) em continuar comparecendo ao GEEFA aconteceu mais pela pesquisa do que pela vontade de frequentar a casa. Eu poderia dizer que, nesse caso, “a adesão”, como escreve Marcelo Camurça (2009), terminou por ser “mais uma afinidade com o grupo estudado enquanto **tema relevante** que entrega pessoal como no caso dos demais crentes, embora, isso apareça diluído e camuflado no cotidiano de sua relação no grupo” (p. 56, grifo do autor). Nenhum membro da casa se preocupou em perguntar o porquê da minha continuidade aos encontros, por já estarem acostumados com a minha presença²¹. Acredito que tenham assumido que eu compartilhava do mesmo pensamento de seguir com as tarefas que

²⁰ Clifford (2002) explica que a etnografia está intrinsecamente ligada à palavra escrita, primeiro meio para se traduzir textualmente a experiência do pesquisador, e todo esse esforço está sujeito à ação de várias subjetividades e cenários políticos – fatores que estão acima do poder do escritor. Foi o que aconteceu com meu campo, com o fator *pandemia* sendo uma variável inegável.

²¹ Por acompanhar Lúcio e sua trajetória desde antes do início do GEEFA, conhecendo, assim, os *gefianos* à medida que o fundador do grupo os apresentava a mim ao longo do tempo.

continuaram por lá, apesar do meu receio, cada vez que eu pisava no GEEFA, de contrair o vírus e transmiti-lo. Isso, felizmente, não aconteceu.

Esse mesmo campo, parecendo me provocar, trouxe imponderáveis que aumentaram minha curiosidade antropológica, como comunicações mediúnicas interpretadas pelas lideranças do grupo como encorajadoras no tocante à permanência dos trabalhos da casa, principalmente porque, segundo a direção do GEEFA, as outras casas espíritas de Caruaru haviam fechado as suas portas.

O fazer etnográfico

Miller e Slater (2004) escrevem que "a etnografia compreende um leque de canais metodológicos [...] que permitem que emergjam não só conhecimentos mais profundos como também conhecimentos que não confirmam as observações iniciais" (p. 44). À medida que eu construí mais cumplicidade com meus pares (especialmente na intimidade das entrevistas), fui entendendo que meu lado nativo só podia mostrar *uma parte* de quem eram aquelas pessoas, muito ricas em suas particularidades. Essas individualidades foram peças-chave para revelar a maneira dos *gefianos* de pensar e de se posicionar.

Lembrando Evans-Pritchard (2005), que *a priori* não tinha interesse por bruxaria quando foi ao país zande, mas se deixou guiar por ela para chegar aos Azande, eu também tive que aprender os caminhos para melhorar minha comunicação com o GEEFA. Percebi, por exemplo, que tentar conversar com o dirigente da casa sobre um assunto sem relação aparente com a doutrina espírita era como assistir a um curta-metragem: não durava muito. Para ele, o importante era o tempo investido no estudo e na prática do espiritismo. Despender energia com temas “menos relevantes” o impacientava. Talvez seu objetivo em agir dessa forma fosse o de provocar um efeito de ser preciso se debruçar sobre as obras espíritas para adquirir o cabedal de conhecimento e de prática esperados por ele, já que “na interação social, percebemos outras pessoas e situações sociais e, baseando-nos nelas, elaboramos ideias sobre o que é esperado, e os valores, crenças e atitudes que a ela se aplicam” (MATTOS, 2011, p. 62).

Se, para o povo zande, falar sobre a bruxaria era algo tão comum quanto falar sobre sua próxima colheita, para os *gefianos* o mundo em que habitamos pulula de espíritos de todos os tipos e eles são verdadeiras “nuvens de testemunhas” dos nossos pensamentos, atos e palavras²².

²² Na pergunta de número 459 d'O *Livro dos Espíritos*, indaga Kardec: "influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?" Lhe respondem: "muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de

Nada mais natural do que reconhecê-los como elementos da nossa realidade, sendo necessário conhecer os mecanismos que regem as relações entre os vivos e os mortos. Ignorar a existência dos desencarnados e a sua influência sobre nós teria um efeito semelhante ao de resistir a um fato social, pois o mundo invisível, na cosmologia *gefiana*, existe e está imbricado ao mundo visível, gostemos ou não. Aceitar isso seria o primeiro passo para conhecer os dispositivos que permitem desvendá-lo, ao passo que refutar essa informação poderia atrair agentes de desequilíbrio (como espíritos *obsessores*) que trariam sanções às nossas vidas.

Em meio a todas essas informações, internas (o *habitus gefiano*) e externas (a pandemia), transferir para um texto tudo o que se vive em primeira mão foi uma tarefa difícil. Como reflete Silva (2000), “o texto etnográfico, como qualquer forma escrita de representação, já é em si mesmo uma *adequação* ou *transformação* da realidade que pretende inscrever, descrever, interpretar, compreender, explicar etc.” (p. 118, grifo do autor). Além de *adequar* o GEEFA para a minha escrita, vamos lembrar que antes disso a COVID-19 se encarregou de forçar o grupo a se *transformar* justamente enquanto eu fazia meu campo.

Algumas abordagens, então, foram repensadas, como a realização das entrevistas, feitas de forma virtual (inclusive por haver certo desconforto de alguns membros quando se pensava em permanecer fisicamente no GEEFA por mais tempo do que julgavam ser o necessário), algo que Miller e Slater (2004) defendem como uma extensão do conceito tradicional de campo dentro das etnografias. Feitas por videoconferências, elas mostraram que:

[...] a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formuladas ou recriadas *[sic]* para atender à realidade do trabalho de campo (MATTOS, 2011, p. 50).

As entrevistas tiveram um caráter semiestruturado, como ferramenta complementar para a coleta e interpretação de dados (MINAYO, 2010). Segui um roteiro inicial de perguntas sobre como a pessoa entrevistada teve acesso e o que seria, para ela, o espiritismo; como conheceu e passou a frequentar o GEEFA; qual a sua visão sobre as atividades do grupo durante a pandemia da COVID-19; e quais as expectativas dela sobre o futuro do grupo. À medida que a conversa tomava forma, novas questões eram acrescentadas ao diálogo: se fosse médium ostensiva, por exemplo, eu poderia perguntar sobre como e quando ela teve suas primeiras manifestações de

ordinário, são eles que vos dirigem" (KARDEC, 2013a, p. 238). Para os espíritas, o tempo todo somos vigiados e influenciados pelos espíritos, que são nossas testemunhas e companhias.

mediunidade ou, caso ela participasse das atividades caritativas, qual era a sua visão a respeito da continuidade daquele tipo de ação durante a pandemia.

Os entrevistados se mostraram bastante disponíveis, mesmo de forma não-presencial, já que durante as atividades que ocorriam na sede do grupo havia pressa em realizá-las e voltar para casa, como comentado acima. Um número limitado de trabalhadores, em torno de oito, continuou frequentando o GEEFA. No decorrer do tempo, outras pessoas se uniram às reuniões da casa (cerca de três – uma delas se tornando trabalhadora do local). daquelas que se afastaram (também em número de três – duas delas se desligando completamente do grupo), consegui manter o contato (e entrevistar) apenas uma que, por não manejar bem instrumentos digitais como videoconferências, propôs e fez uso de mensagens de áudio por *WhatsApp* para responder às minhas questões.

É importante alertar o leitor que o GEEFA, como está apresentado a seguir, já não existe mais. Na segunda quinzena de junho de 2020, quando eu encerrava o campo para me dedicar exclusivamente à escrita da dissertação, o dirigente *gefiano*, Lúcio, comunicou sobre a fusão do Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis à Casa Chico Xavier, outra casa espírita da cidade de Caruaru. Diante disso, optei por não me preocupar com uma escrita focada no presente etnográfico para mostrar que em 2020 houve um grupo espírita com as características mostradas nas próximas páginas.

Divisão de capítulos

A estrutura dos capítulos divide a dissertação em dois momentos distintos: o GEEFA pré-pandemia e durante a pandemia. No primeiro capítulo, **“O Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis”**, somos apresentados à sua história a partir de Lúcio, seu fundador. Vemos como pessoas que estiveram presentes em sua vida foram importantes para levá-lo a idealizar e fundar uma casa espírita. Também conhecemos os outros integrantes do local, a partir dos seus relatos sobre como se tornaram espíritas, como chegaram ao GEEFA e quais as suas impressões. Discutimos como os conflitos foram um ingrediente constante no grupo – antes e durante a sua existência. Para isso, recorreremos ao pensamento de Turner (2015; 2017) sobre como os dramas sociais se encaixam nas disputas por poder na casa espírita estudada. À medida que alguns membros colocam o grupo como instituição-central de suas vidas – seus “grupos-estrela” (TURNER, 2015), também caminhamos para reflexões sobre como os capitais acumulados (nos inspirando nas ideias de Bourdieu) configuram as posições de liderança do local.

O segundo capítulo, **“O GEEFA em suas práticas”**, aborda categorias básicas ao estudo antropológico do espiritismo, como a prece, o *passe*, os estudos, a mediunidade (e sua aplicação nas reuniões mediúnicas *gefianas*) e a caridade. Aqui, observamos o dia a dia do GEEFA e como esses tópicos são parte do *modus operandi* dos membros da casa, como: a) a noção da caridade, categoria que permeia todas as outras, ser um ponto central do espiritismo, segundo Arribas (2014); b) a prece como mecanismo de comunicação com os espíritos benfeitores e como sinal de submissão a eles; c) o *passe*, como escrevem Cavalcanti (2008), Arribas (2010) e Leite (2014), sendo uma troca de energias ou fluidos entre espíritos e encarnados visando o bem-estar de quem o recebe; d) os estudos, além de serem uma garantia de capital intelectual aos envolvidos, também servindo como ferramenta de socialização (LEWGOY, 2004b) e aquisição de outros capitais, como o social. As reuniões mediúnicas, momentos que englobam todos esses tópicos em um único cenário, mostram o posicionamento da liderança da casa em relação aos membros eleitos para ficarem mais próximos a ela, além das consequências disso.

A COVID-19 faz uma mudança radical no campo trabalhado, e por isso o terceiro capítulo, **“A pandemia chega ao GEEFA”**, discute o impacto social do coronavírus em Caruaru e, principalmente, no GEEFA. Mais uma vez, fazemos uso dos depoimentos dos entrevistados para ilustrar e pensar suas visões sobre a pandemia e a respeito da postura adotada pela casa diante do que vinha acontecendo. Aqui, analisamos as narrativas apresentadas por alguns *gefianos* para justificar a continuação das atividades presenciais do grupo e da parcela dos membros que teme pelo seguimento dos trabalhos, além de uma terceira via, que se recolhe por completo. Como fruto dessas repercussões, surgem ações inteiramente virtuais que terminam por ser outro instrumento que evidencia os membros considerados pela direção *gefiana* como os mais “confiáveis” para tocarem os trabalhos da casa.

É nesse capítulo que percebemos os posicionamentos tomados pela liderança do GEEFA em relação aos membros que decidem encarar a COVID-19, continuando a frequentar a casa sem maiores ressalvas, e aqueles reticentes ou até mesmo ausentes. Vemos as estratégias adotadas pela direção *gefiana* para justificar o papel do grupo perante a pandemia.

O quarto e último capítulo, **“Sonhos e desdobramentos”**, cobre um tema inesperado. Mostramos como os *gefianos* interpretam os relatos dos seus *sonhos* e *desdobramentos* (a capacidade de se desprenderem de seus corpos conservando certo grau de consciência do que se passa ao redor) com a ajuda de autores como Martins (1996), Frehse et al. (1996) e Ribeiro (2019). Assim, pensamos que as categorias *sono* e *sonho*, para os médiuns do GEEFA, os colocam como membros ativos e funcionais por estarem trabalhando no mundo onírico,

segundo assumiam, ainda que, por ventura, alguns estivessem afastados da casa. Além disso, refletimos sobre a correlação entre *sonhos lúcidos* (RIBEIRO, 2019) e *desdobramentos* – e como isso foi aproveitado pela direção do grupo para ratificar a mensagem de que a casa precisava seguir funcionando.

As considerações finais repassam as discussões levantadas durante a dissertação e apresentam conclusões parciais sobre o tema estudado, aberto a futuros trabalhos e contribuições.

2 O GRUPO DE ESTUDOS ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS

Nesse primeiro capítulo, seremos apresentados ao Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis – ou, simplesmente, o GEEFA. Nesse início, conheceremos sua história, a começar pela adesão de seu dirigente ao espiritismo até finalmente fundar o grupo, assim como seus integrantes e as relações que se estabelecem quando o GEEFA passa a funcionar.

2.1 NASCE O GEEFA

Para conhecermos o Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis – o GEEFA, é necessário entender que sua história se mistura com a de Lúcio, seu fundador e dirigente. Contando 51 anos no período em que estive em campo, Lúcio era um homem de estatura alta, magro, de cabelos escuros e sem a visão do olho direito, fruto de um acidente de carro. Adorava conversar e tinha grande poder de persuasão. Antes de ter contato com o espiritismo, era pouco afeito a narrativas de cunho religioso, afirmando que

Tudo que fosse relativo a igreja não serviria de nada [...] Até eu digo: se alguém fosse me dar uma Bíblia era capaz de eu jogar no lixo ou tocar fogo nela, porque eu dizia "não tem como eu aceitar um negócio desse". Então, dentro de mim já tinha algo que não aceitava aquelas historinhas que tinham ali, que pra mim era como dizer "historinha pra criança" (Lúcio).

Seu primeiro encontro com o espiritismo aconteceu em 2007. Aprovado em um concurso público para trabalhar no INSS, começou a buscar tratamentos para ajudar sua visão, que se comprometia:

Em 2007, precisamente, eu tive um problema com a visão e diante disso fui convidado, através de outra pessoa que sensibilizou-se com a situação, conversou com a minha esposa. Então ela [a pessoa amiga do casal] disse "é porque tem um médium que faz cirurgias espirituais que tá vindo a Caruaru. [...] Então, a gente, obviamente... quando quer uma cura, você não mede distância nessa hora. Então, obviamente a gente foi conhecer esse médium. Inclusive era um centro chamado... ainda tem aqui em Caruaru, é o André Luiz, fica lá no Alto do Moura. Então eu conheci lá o médium e realmente aquela prática toda de cirurgia espiritual, não é? Que vinha o médico por ele, enfim. E eu participei desse movimento todo de cirurgia. Então, até aí eu não tinha a menor pretensão e nem tava ciente de quem era Kardec ou então o que é ser médium. Simplesmente eu tava crendo que diante daquela situação mediúnica a pessoa poderia me ajudar a solucionar o meu problema. Então, nesse aspecto eu acreditava, eu sabia que tinha ali incorporação, que tinha... até mesmo porque a gente já sabia e tinha noção plena da... Por exemplo, quando se falava de José Arigó; em Dr. Fritz, com Edson Queiroz, lá de Recife. Então a gente já tinha noção do que se tratava nesse campo da, vamos dizer assim, do fenômeno espírita porque seria interessante não ousar ficar dizendo "desse tipo de mediunidade", até mesmo porque ninguém sabia o que era

mediunidade. Não tinha como... A gente sabia do que tava acontecendo, mas não tinha a linguagem própria, técnica, vamos dizer assim (Lúcio).

Sua entrada repentina no universo espírita aconteceu com a procura de uma solução voltada à sua saúde, algo bastante comum àqueles que buscam o espiritismo. Isso acontece desde os primórdios da doutrina no Brasil, sobretudo, graças à presença de médicos (muitos deles homeopatas) que tratavam as populações carentes dos grandes centros urbanos da segunda e primeira metades dos séculos XIX e XX, respectivamente (GIUMBELLI, 1997). A partir daí, segundo o autor, se observa o protagonismo de médiuns que incorporavam médicos espirituais, conhecidos como “receitistas”, alguns dos quais passaram a contar com certo prestígio e a se popularizar, como os casos de José Arigó e Edson Queiroz, mencionados por Lúcio²³. De acordo com Greenfield (1999),

O espiritismo no Brasil, através de curadores como Zé Arigó, José Carlos Ribeiro, Edson Queiroz e outros, tem oferecido para todos os tipos de doenças e enfermidades um sistema de tratamento e assistência culturalmente significativo e *complementar* à medicina moderna (p. 54, grifo nosso).

Complementar porque corrobora com a adequação do movimento espírita em posicionar sua doutrina como algo à parte da medicina da Terra (ou da matéria), consequência de longos embates legais ao longo de sua história (GIUMBELLI, 1997; ARRIBAS, 2010). Esse *complemento* se repetirá no que virá a ser o GEEFA, em especial às pessoas assistidas pelo grupo (para que aliassem os tratamentos materiais aos atendimentos espirituais) e, antes disso, se refletirá no próprio Lúcio, ao observar que

Mesmo acontecendo isso [se submeter à cirurgia espiritual], eu estava buscando, inclusive, os recursos da medicina, procurando os oftalmologistas aqui de Caruaru, cada um que dava uma opinião; indo pra Recife; não passava pela minha cabeça nada do contexto espiritual (Lúcio).

Depois do episódio da cirurgia espiritual (que repercutiu positivamente no seu quadro de saúde), acontece um hiato entre 2007 e 2011, ano em que ele retorna ao espiritismo ao frequentar uma casa de estudos. De início, Lúcio observa que os integrantes desse grupo, quando iniciavam suas atividades, faziam preces e recordavam sempre a figura de Jesus Cristo, o que lhe causava estranhamento ("peraí, isso é uma casa espírita ou é uma igreja?") e o fazia pensar que o espiritismo deveria ser misturado com o catolicismo.

²³ Leite (2014) traz os trabalhos dos Hospitais Espirituais que atuam no território pernambucano atualmente, oferecendo serviços voltados ao tratamento e cirurgias espirituais não-invasivas.

Aos poucos, ele foi desconstruindo o que chamou de “rituais eclesiásticos” através do estudo da doutrina espírita e com o apoio desse grupo começou a ter outra visão sobre tudo aquilo. A partir daí, novas situações surgem:

[...] às vezes no estudo, ele [o dirigente do grupo] começava a fazer percepções de tato, como se fosse perceber a aura, sensibilidade de energia, como se fosse um treinamento do campo energético de cada um. E eu me lembro que algumas pessoas de lá sentiam quando fazia como um tato, quando colocava a mão na frente da pessoa. Minha esposa mesmo sentia um formigamento, ela dizia "eu senti a mão". Então, algumas pessoas tinham uma reação muito ostensiva. Eu não sentia nada. E as experiências com esse grupo de estudo foram aumentando, a ponto que teve situações de haver incorporações lá, com alguns médiuns. Então, o estudo ficou de certa forma atraente, mais ainda, porque tinha o estudo e tinha esse treinamento, por assim dizer (Lúcio).

A experiência com o tato foi reproduzida com os futuros trabalhadores do GEEFA em conversas sobre a aplicação de *passes*, para que o *passista* "sentisse" a energia alheia com as mãos, à semelhança de um termômetro ou de um radar que indicasse intuitivamente quais pontos do corpo de um paciente deveriam ser trabalhados e de que maneira.

Ao final de 2011 e na virada para 2012, Lúcio e sua esposa são convidados a fazer parte da fundação de outra casa espírita. O grupo de estudos ao qual estavam vinculados havia se dissolvido e muitos dos seus ex-integrantes (segundo ele, "praticamente umas 15 pessoas. No mínimo 10, 12") retornaram para compor o quadro dessa casa recém-nascida. Essa migração foi percebida como natural, pois "quando veio o convite, a gente... claro, já tinha até uma amizade, já tinha o costume de todo sábado tá se vendo, eu aceitei" (Lúcio). As experiências de tato e percepções continuaram até a sua mediunidade surgir:

Algumas pessoas lá já tinham algumas reações, algumas sensações, como eu chamo hoje, os *frissons*. Inclusive minha esposa. Mas aí quando a gente começou a fazer, nessa nova casa, a continuação, ou seja, tinha o dia dos estudos, depois nós ficávamos ali [em círculos] estudando, e depois começou como se fosse um treinamento de desenvolvimento mediúnico. Hoje eu entendo isso, né, quando a gente colocava uma musicazinha pra que pudesse criar um clima de relaxamento, as luzes eram colocadas com outra cor, ou seja, às vezes o ambiente tinha que ficar diferenciado para que pudesse haver uma concentração. E daí foi quando começou pra mim, certa feita que, quando fazia esses exercícios, a princípio eu não sentia nada e depois, quando terminava, quem tava conduzindo fazia o questionamento "e aí, fulano, sentiu o que?". Cada pessoa, ele fazia uma avaliação, "e aí, sentiu o que?", e alguém dizia "ah, eu senti um arrepio" ou então "minha cabeça". Cada um dizia um sintoma. E eu, acho que nas duas primeiras reuniões, terceira, sei lá, eu não sentia nada. Mas aí, numa dessas reuniões de estudo e treinamento minha mão começou a sentir um tremor, levemente... especificamente na mão mesmo, nos dedos. *Então eles começaram a ter vida própria, começaram a mexer involuntariamente*. E quando terminou, certa feita, o estudo, essa prática, quando foram perguntar o que cada um tinha sentido, tinha acontecido, aí eu comentei "olha, eu senti na minha mão..." e contei como eu estava sentindo. E aí a pessoa comentou isso: "pode ser, provavelmente isso é psicografia, você de repente pode tá psicografando". Só foi ele dizer isso, não deu uma semana, as

energias aumentaram de forma involuntária, não tinha hora nem tinha lugar, inclusive no trabalho. Então uma energia muito forte na mão e quando eu, em casa, pegava um papel e uma caneta, começava a vir palavras ou letras soltas, era puro “eletrocardiograma” às vezes, riscos... Ou seja, a mão estava “ganhando vida”, por conta própria, porque era uma energia. E foi aí que começou esse processo pra mim de, o que se chama, mediunidade ostensiva, de psicografia (Lúcio, grifo nosso).

No decorrer de 2012 essa rotina se repetiu e Lúcio, sua esposa e os demais integrantes do grupo passaram a participar ativamente das práticas da nova casa, como a organização e a apresentação de palestras. A partir desse ano ele começa a se considerar um médium ostensivo de psicografia²⁴ e o estudo do espiritismo já era parte do seu cotidiano:

Então, nesse sentido, obviamente 2012, 2013, 2014... entrando e saindo ano e nós nesse trabalho de não só a frequência nos estudos, mas nas palestras, que também não deixa de ser aprendizado, fora as pesquisas que fazíamos em casa, não é? *O gosto pela leitura espiritual foi definitivo na minha vida*. Então, independente do que se estava lendo lá no centro, eu já tava devorando dois, três livros por mês, livros bons, obviamente, porque não era qualquer livro que você vai ficar lendo. Então, livros de Chico Xavier, por exemplo, Divaldo Franco... Lá também fazíamos o estudo e fizemos, por exemplo, do livro *Nos domínios da mediunidade*²⁵, então se já tínhamos estudado *O Livro dos médiuns*, pra ter toda a base segura da mediunidade, *Nos domínios da mediunidade* foi um outro livro estudado lá de capa a capa, onde a gente vai aprendendo a mediunidade de um e de outro e o mais importante, por estar em grupo, vendo o desenvolvimento e crescimento de cada um que tava ali na mesa de trabalho. A mesa, na época, tinha pelo menos 15 pessoas (Lúcio, grifo nosso).

Ao final de 2013 e começo de 2014, ele tem contato com o tema da *desobsessão*, tópico que sempre chamará sua atenção:

E aí uma determinada pessoa daqui da cidade fazia uns trabalhos muito intensos e pesados, assim eu diria, trabalhos de *desobsessão*. Então, não tinha centro, simplesmente se reunia, ela tinha, vamos dizer assim, uma equipe, juntava... E nessa base, 15, 20 pessoas com mediunidade diferenciada e nós nos reuníamos e simplesmente começávamos a agir em prol de pessoas que estavam tendo problemas espirituais. Isso eu fazia sem que essa casa que eu era filiado soubesse. Então eu tinha lá os estudos, reuniões públicas, que eram palestras e reunião mediúnica. Mas nos outros dias, pelo menos uma vez na semana, eu tinha também outra reunião mediúnica, só que diferenciada, ou seja, mais livre, era uma coisa assim, meio que parecia empírica, mas tava funcionando até, de certa forma, no meu entender. Até mesmo porque muita coisa a gente só vai aprendendo quando vai chegando os livros na mão e você diz "ah, isso que eu li agora tá dizendo que o que eu estava fazendo tá errado", mas até você ter lido o livro você não sabia que tava errado, então também tinha um pouco disso. Então, eu já tava fazendo o que? Parte de duas casas ou de dois trabalhos mediúnicos. [...] E dentro desse grupo, e é aí onde entra a questão que pode ser a semente do GEFA²⁶, dentro desse grupo de pessoas foi quando eu conheci a nossa amiga Claudete²⁷ e, claro, fazia parte do grupo da gente, então estávamos em

²⁴ “Médiuns que escrevem as mensagens ditadas pelos espíritos” (ARRIBAS, 2014, p. 150).

²⁵ Psicografado por Chico Xavier e atribuído ao espírito André Luiz.

²⁶ A primeira versão contava com apenas uma letra “E”: Grupo de Estudos Francisco de Assis.

²⁷ Claudete foi a pessoa responsável por me apresentar a Lúcio. No decorrer dessa pesquisa, se encontrava residindo em Fortaleza - CE, portanto afastada do GEEFA.

contato, mas aquela situação que o grupo, todo mundo foi se afinando, a gente tinha amizade, se dava bem, todo mundo se dava bem, então virou uma família também, não é? E isso, num certo trabalho que houve lá, eu senti muita energia nas mãos, eu ainda tava iniciando mesmo na questão da psicografia e nessa reunião eu senti muita energia na mão, a mão chega sacolejava, e alguém comentou "rapaz, se tivesse papel e caneta aí acho que tu escreveria". Mas eu não tava pensando nisso. Eu fui pra lá fazer parte da reunião, inclusive pra ficar passando o som, as músicas lá, espirituais, eu ficava coordenando o som. Então, meu trabalho, a pessoa quando me chamou, a princípio disse assim "prepara um CD de músicas espirituais porque a gente faz um trabalho, se você quiser participar..." e disse: "é um trabalho assim..." e falou "*desobsessão*". E aí você coloca as músicas. Quer ir participar? Vamos." E foi logo dizendo: "não tem dia e nem hora". A prova é tanto que o primeiro trabalho que eu fui fazer praticamente foi dez horas da noite, em outra cidade. E saiu aqui três carros cheio de gente. E eu no meio. Mas até então só passar música. E foi justamente nessa reunião que eu tava lá sentado, só passando a música, e a mão daquele jeito, sacolejando, o negócio tava... ficou muito visível. E aí, vamos dizer assim, a dirigente desse grupo, ela disse "olhe, na próxima reunião pode trazer papel e caneta. Você vai psicografar". E até fiquei assim "como? Psicografar o que?". E aí, realmente, num outro trabalho... sim, e nesse mesmo dia também ela disse, não sei o que foi que sopraram no ouvido dela, ela disse "olhe, você veja um dia aí pra gente fazer um estudo e você vai coordenar o estudo". E eu disse "eu? Por que eu?" (Lúcio, grifos nossos).

A partir disso, vemos características que sempre acompanharão Lúcio, como o gosto pela leitura e pelos estudos, aliados à experiência prática que acumulava em seu papel de "agente duplo" como médium, coordenador de estudos espíritas e participante dos atendimentos *desobsessivos*, classificados por ele como "intensos e pesados". Tudo isso dará o tom para sua formação como futuro dirigente do GEEFA, lhe garantindo autoridade diante de seus pares e das pessoas que o procurarão para serem atendidas e conhecer o espiritismo.

No decorrer das semanas, Lúcio se dividiu entre a casa espírita à qual fazia parte, especialmente às sextas e sábados (com reuniões mediúnicas e palestras públicas, respectivamente); e às terças ia para os estudos e encontros do outro grupo. Ele recebia mensagens de incentivo da espiritualidade para que confiasse na própria capacidade e logo os estudos que conduzia tomaram fôlego e continuaram. Algum tempo depois, uma amiga sua, Claudete, se afastou por conta de questões profissionais que tomaram seu tempo²⁸ e por isso ele se disponibilizou, então, a estudar com ela *O livro dos médiuns* nas tardes dos sábados:

Então o GEFA, pode dizer que a... Tenho ainda a data, o primeiro dia de estudo do GEFA foi no *dia 6 de setembro de 2014*. Então, essa data, pode dizer assim, foi a pedra angular, foi o cortar de fitas porque foi o dia que eu e ela estava presente, somente eu e ela no estudo, inclusive nesse dia ela, nesse mesmo dia de estudo, ela recebeu uma psicografia onde os espíritos estavam confraternizando, felizes com nossa presença ali, como quem diz assim "beleza!" E um dos amigos se apresentou pra mim, que já me acompanhava aqui em casa nas psicografias, só não dizia o nome, mas quando veio pela amiga ele disse o nome. Pronto. E aí eu já estava na outra casa. Teve um período que eu me afastei da outra casa também, dessa primeira, *por algumas*

²⁸ Ela era professora em faculdades de Caruaru.

divergências lá doutrinárias, de comportamentos também, de atitude que eu não tava satisfeito e aí foi quando eu fiquei, bem dizer, dedicado mais a esse estudo do GEFA... que não seria GEFA até então, porque ninguém sabia de nome. O que ocorre é que as psicografias, as mensagens, e tinha uma médium lá que fazia parte, Z., ela às vezes ficava dizendo pelas próprias mensagens que tinham franciscanos com a gente, então a gente percebeu esse envolvimento com muito franciscano próximo de nós. Então... até por intuição, não tinha como não pensar que esse grupo se chamaria Francisco de Assis. E mesmo tendo esse nome até esses estudos, eu não estava, vamos dizer assim, fazendo uma dissensão já do segundo grupo que eu estava, então eu não tava criando um "motim" [risos], "ah, saí do grupo, eu agora vou...", então, eu sabia que tinham franciscanos, eu sabia apenas que estávamos estudando. Inclusive nossos estudos eram a cada 15 dias e aí pronto. Depois *eu ainda passei por uma terceira casa*. Foi outra experiência de mais prática mediúnica, de mais estudos e [...] as psicografias, as mensagens ficaram mais claras, muitas delas com começo, meio e fim, né? Um irmão se apresentando, uma linguagem sempre de amparo, sempre de incentivo, sempre as mensagens têm um roteiro padrão de que precisamos estudar muito, disciplina, que o caminho é longo, então assim, desse aspecto eu só tenho que dizer que tive sempre amparo de espíritos sempre me guiando pra frente, nunca passando a mão, nunca colocando como algo pronto ou como "missão espírita". Não, simplesmente que tem que trabalhar muito (Lúcio, grifos nossos).

Conheci Lúcio em 2016, no período em que aconteciam os encontros quinzenais com Claudete. Havia o cuidado dele em preparar e imprimir textos, em geral de autoria de Kardec, sobre espiritismo, mediunidade etc. Não demorou muito para que o convite a essa "terceira casa", já em 2017, levasse a mim e a Claudete a frequentá-la. Lúcio conhecia o dirigente desse outro lugar, Roberto, e lá dividiram atribuições: ele instituiu em estudos abertos ao público enquanto Roberto atendia as pessoas reservadamente (na maioria das vezes, incorporando espíritos trabalhadores dessa casa). Ele também passou a fazer palestras nesse outro local. Ainda lá, através dele começariam a surgir algumas das pessoas que seriam trabalhadoras do GEEFA, como Juliana e Nazareno. Outras, como Bruna, já frequentavam essa casa e depois se juntariam ao Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis.

A lua de mel com o dirigente da "terceira casa" se encerra com o pedido dele para que Lúcio se retirasse, provocando uma debandada daqueles que vinham sendo trazidos pelo futuro *gefiano*. Na época, a justificativa dada por Roberto foi a de que como a sede do seu grupo espírita era também a sua própria casa (a sala e um quarto da sua casa funcionavam como os locais das atividades espíritas), muitas vezes ele chegava do trabalho e lá estava Lúcio, sem lhe dar espaço para sua vida particular.

O grupo de Lúcio se reorganiza ainda em 2017, dessa vez na casa de Claudete, e volta ao formato de encontros quinzenais para estudos do espiritismo, até surgirem as primeiras reflexões de que era preciso outro local:

Seria interessante que estivéssemos num ambiente neutro, ou seja, numa casa espírita e não que a nossa casa se transformasse num centro espírita, nem a minha e nem a de Claudete. Então, sabíamos que eram provisórios aqueles encontros e estudo. Então,

até então não se tinha ainda planejamento de dizer assim "vamos fundar uma casa, vamos alugar um prédio", não teve nada disso. Só que as circunstâncias e os dissabores, né, que foram ocorrendo diante [d]as decepções dessas pessoas dessas casas foram, no meu caso, me empurrando a tomar uma atitude com o grupo de estudos. E aí foi quando surgiu a ideia, você sabe bem, da gente: "e aí, vamo alugar um lugar e vamo começar o nosso projeto, né? Vamo começar o GEFA", que era a princípio "Grupo Espírita Francisco de Assis". Então, esse nome já estava bem consolidado diante [d]as várias presenças de franciscanos, é um nome que, quer queiramos ou não, ele é instigante, dificilmente alguém na face da Terra se opõe ou tem algo contra Francisco de Assis. Então ele é aquele, realmente, sol, como chama, "Sol de Assis", que a todos ilumina e é bem quisto. Esse nome Francisco de Assis, muito dificilmente alguém se opõe ao próprio nome porque sabe de quem estamos falando e de um exemplo de vida e de espiritualidade. *Só que aí uma das médiuns, como que por inspiração, comentou comigo que seria interessante que não ficasse "grupo espírita" e sim "grupo de estudo espírita".* [...] Simplesmente a ideia era estudo. Então, essa sugestão da espiritualidade de que ficasse "grupo de estudo espírita", porque foi a pedra angular, a mola propulsora do grupo, foi estudo, como até hoje é (Lúcio, grifo nosso).

Lúcio consegue alugar a um casal de idosos uma pequena casa aos pés do Monte Bom Jesus e em 01 de dezembro de 2017 nascia o Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis – ou GEEFA. Todo esse percurso que leva à gênese do GEEFA é indissociável da própria formação dele como seu dirigente. Da adesão à cirurgia espiritual, passando pelos anos até reencontrar o espiritismo nos grupos de estudo dos quais participou, sua participação simultânea em vários trabalhos mediúnicos, a formação do GEFA, sua entrada e saída da “terceira casa”, o retorno do GEFA na casa de Claudete até a fundação do GEEFA, foram etapas que, segundo ele, eram o percurso da sua infância à maturidade na doutrina espírita.

Outro aspecto da sua caminhada até se tornar dirigente é que a partir do momento em que foi convidado a coordenar os estudos do grupo de “desobessões pesadas”, houve uma frequência nas mensagens atribuídas aos espíritos acompanhantes desses trabalhos o encorajando a prosseguir. Isso persistiu no grupo de estudos com Claudete, se desdobrando em recados de ânimo sobre seu papel como dirigente. Ao refletir sobre sua postura, de alguém que se viu à frente desse empreendimento, dizia:

Eu tinha esses estalos na minha vida de tomar a frente. Se era um grupo de trabalho, de colégio. Então eu fui vendo que essa questão de não ficar quieto, de tomar uma posição, de ir pra frente ou ficar em evidência, isso foi muitas vezes na minha vida, muitas vezes mesmo. Isso na área profissional. Então, [...] essa questão do GEFA que eu falei, eu me propus a estudar com uma pessoa... [...] porque eu tinha segurança de dizer assim... A segurança necessariamente não tá porque você domina um assunto 100%. A segurança tá na convicção do que você quer fazer (Lúcio).

Para ele, ter conhecimento e experiência eram atributos importantes para ser dirigente de um grupo espírita, porém era preciso aliar isso à vontade de buscar sempre mais informação

e mais conhecimento, não temer estar em evidência e ter disponibilidade. No tocante ao conhecimento, Lúcio chegou a me usar como exemplo para ilustrar seu raciocínio:

Agora, imagine que eu e você entra com a mesma fome, a mesma gana de entrar no assunto. Aí eu pergunto: quem é dirigente de quem? Então, como é que eu estaria, vamos imaginar nessa linguagem, por que é que eu estaria à frente de você? Por que eu, Lúcio, agora ia dizer... Quando de repente você mostra mais capacidade no assunto Joana D'Arc, mais interessado, pesquisando, quando eu penso que tô dizendo A, tu já tá com B, C, D. Então, se fosse pra eu usar a linguagem de postura, de movimentação, de conhecimento, então eu teria que reconhecer que se fôssemos criar o “Grupo Espírita Joana D'Arc” eu ia dizer “o dirigente é Bruno” (Lúcio).

Ele esperava de alguns membros uma maior participação nas decisões tomadas em relação aos assuntos da casa. Sua condição profissional, que permitia que pudesse ter horários flexíveis e trabalhar em casa, na maior parte do tempo, garantia que ele se dedicasse à casa espírita. Isso criava um mau costume de que, para os outros trabalhadores, muitas questões seriam sempre resolvidas por ele: “lá no GEEFA hoje é muito comum que alguém diga assim ‘ah, surgiu isso’. ‘Ah, eu não posso, não’. Mas dentro da pessoa parece que diz assim ‘mas tá tranquilo, Lúcio desenrola. Lúcio faz’”. Ele chegou a convidar alguns trabalhadores para coordenarem estudos, a exemplo do que lhe aconteceu, porém não obteve êxito. Por isso usava a palavra *convicção*, que pensava como a vontade de estar disponível para os trabalhos ligados ao espiritismo, à semelhança dos que ele fazia com o grupo de *desobsessões*. O único membro que estaria em proximidade a essas expectativas seria Antônio, que se empenhava ao máximo nas atividades do GEEFA:

Se eu chegasse e dissesse “Antônio, eu vou tirar férias, tu vai assumir o GEEFA aí, com tudo”, ele diz “beleza”. Ele diz logo assim: “tranquilo”. Ele não pensa assim, “ah, meu Deus, o que é que eu vou fazer?”. Ele tá nem aí, em um sentido assim: “não, se é pra fazer, ‘nós’ desenrola”, como diz a história (Lúcio).

Sobre estar em evidência devido à posição de dirigente, Lúcio pensava ser uma questão do perfil de cada pessoa: era preciso alguém com muita movimentação para tocar os trabalhos, reunir os membros, gerir o local, gravar e editar diálogos de reuniões mediúnicas, mediar conversas entre frequentadores da casa nos grupos do aplicativo *WhatsApp* e buscar palestrantes:

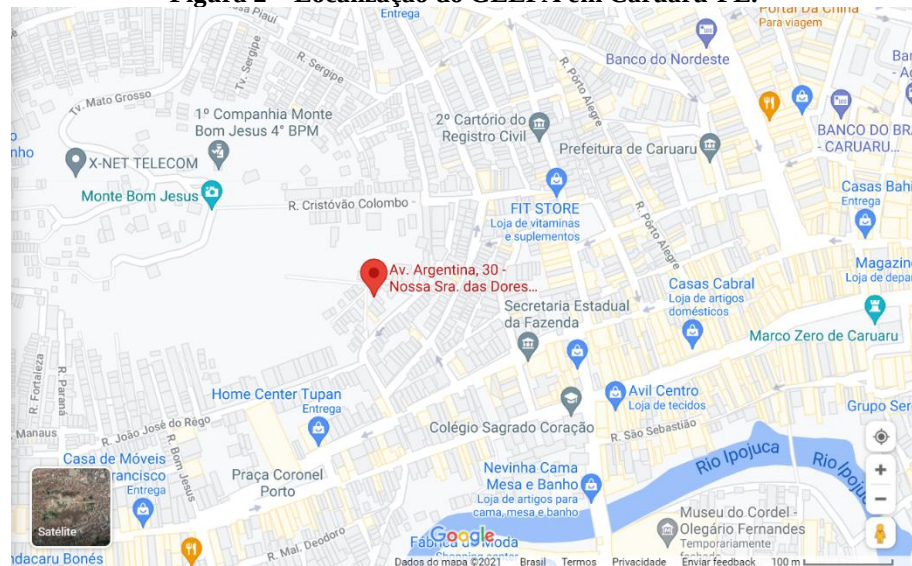
Então, pra fechar essa questão de dirigente, eu acho que é uma questão de... Pode ser um binômio: vontade e disposição. Ou a pessoa tem vontade, mas não tem tempo; ou tem tempo e não tem vontade. Agora, a questão é essa. Perfil de cada um. E perfil não se muda, isso tá na pessoa. Eu nunca fiquei quieto mesmo. Eu não vou chegar, eu podia... se não existisse GEEFA e eu começasse a fazer parte de uma casa espírita, na

hora que começasse o estudo tava eu lá na mesa falando, discutindo, "olhe, isso aqui é assim, assim, assim porque tal livro disse isso". Então, eu não ia parar minha boca, não, iam dizer "mas, rapaz, o cara não fica quieto, não" e eu não fico quieto mesmo, não. Então é uma questão de perfil mesmo (Lúcio).

2.2 A SEDE DO GEEFA

A sede do GEEFA era uma casa de esquina localizada na Avenida Argentina, número 30, no bairro Nossa Senhora das Dores, na cidade de Caruaru, Pernambuco. As ruas ao seu redor eram de calçamento com paralelepípedos. O local tinha cerca de 50m².

Figura 2 – Localização do GEEFA em Caruaru-PE.



Fonte: Google Maps (2021).

Figura 3 – O GEEFA.



Fonte: Google Maps (2021).

Se a olhássemos de frente, à sua esquerda veríamos uma escadaria improvisada com acesso a várias casas do Monte Bom Jesus. À sua frente havia uma pequena praça, quase sempre vazia. Ao adentrá-la, havia uma pequena calçada de cimento batido por onde se abria um portão de ferro em barras, estreito e trancado apenas por um cadeado. A porta principal, daquelas que se dividem em duas e do tipo basculante, dava entrada ao espaço de uma sala que continuava para a cozinha, ambientes que se dividiam apenas por um batente, um pouco mais alto que a altura da minha cintura e que funcionava como mesinha para potes de biscoitos e garrafas de café ou chá, tudo armazenado em recipientes de plástico, a fim de evitar formigas ou baratas. O interior da casa era pintado de branco e seu teto era forrado em gesso. No inverno, com as chuvas, algumas partes da parede da sala ficavam com manchas e a pintura começava a dar sinais de desgaste. O piso era do tipo cerâmico, com blocos de cerca de 20cm x 20cm e na cor cinza (as partes desgastadas tinham um tom avermelhado).

A cozinha tinha um armário de alumínio branco, com três portas, preso à parede e acima da pia. Abaixo da pia (que tinha uma torneira simples, de plástico branco) havia um espaço descoberto, como uma despensa, onde eram estocados os materiais de limpeza. Havia um fogão a gás de uma boca (que foi substituído por outro, de duas bocas, em meados de maio de 2020 – fruto de uma doação anônima), usado para preparar os alimentos (como sopas e cuscuz) que eram distribuídos pelas ruas de Caruaru em dias combinados.

Figura 4 –Preparo de alimentos para doação.



Fonte: o autor (2019).

Olhando para a direita, se viam dois quartos. O primeiro abrigava livros e materiais de escritório, além de cadeiras plásticas brancas (com ou sem apoio para os braços) e, eventualmente, uma das duas mesas retangulares e desmontáveis (uma de plástico branco, como

as cadeiras; outra dobrável e amarronzada) que eram usadas na sala para a condução dos estudos e das reuniões mediúnicas. Também havia uma estante preta aramada para guardar livros e pertences dos frequentadores, como bolsas, mochilas ou capacetes de motos. O outro quarto servia unicamente para a aplicação dos *passes* e por isso contava com uma lâmpada que mudava de cor, sob a justificativa de ajudar na concentração e no equilíbrio dos pensamentos. Nesse cômodo havia três (às vezes quatro) cadeiras de plástico – duas delas ficavam frente a frente, reservadas à pessoa que fosse receber o *passo* e a quem fosse aplicá-lo (caso o atendente sentisse a necessidade de falar algo e quisesse sentar). As outras duas cadeiras ficavam ao lado das primeiras, como se estivessem colocadas para um espectador ou para alguém na fila de espera. Também havia uma maca (que eu nunca vi sendo utilizada para qualquer atendimento).

O banheiro ficava na parte externa da casa e seu acesso se dava pela cozinha, abrindo uma porta de madeira pintada em cinza e sem fechadura (era trancada com uma barra de ferro de quase 1m). Era preciso atravessar um pequeno corredor (originalmente a céu aberto e depois coberto com telhas) que tinha uma estante de ferro, também usada para armazenar produtos de limpeza, que era feita por Lúcio e Antônio, normalmente nas manhãs dos sábados ou antes de alguma atividade, como uma palestra pública. A casa era dedetizada semanalmente por eles. No verão, se fazia muito calor (não havia janelas na sala) e era preciso usar ventiladores, que chegaram ao número de três.

O aluguel do lugar era dividido entre os membros do grupo. Lúcio fazia a divisão baseado no que sabia das condições econômicas de cada um. Assim, algumas pessoas contribuíam com R\$ 10,00, outras com R\$ 30,00, outras com R\$ 50,00. Todos ficavam à vontade para colaborar com a compra ou a doação de materiais para a manutenção do local. Frequentadores também podiam fazer doações, embora elas não fossem estimuladas publicamente. A princípio, um amigo de Lúcio, médico residente no Recife e ex-aluno seu de xadrez²⁹, fazia grandes contribuições que ajudaram a iniciar as ações de preparo e entrega de alimentos às pessoas em situação de rua. No entanto, em meados de 2019 essa ajuda acaba de maneira abrupta, assim como o contato de Lúcio com esse amigo – sem nunca terem sido dadas explicações sobre essa cisão. As despesas da casa passam então a ficar exclusivamente a cargo dos seus componentes.

Antes da pandemia do coronavírus levar ao fechamento ou suspensão de atividades consideradas não-essenciais pelos governos estadual e municipal, o GEEFA funcionava majoritariamente de forma presencial – até então, suas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*)

²⁹ Lúcio também era professor de xadrez de um colégio particular em Caruaru.

apenas divulgavam o que acontecia *in loco*. Os encontros ocorriam às terças, quintas, sextas e sábados, divididos entre estudos abertos ao público (entre as 19h30 e 21h das terças); reuniões mediúnicas (nas quintas, entre 19h e 22h); estudos para os médiuns da casa, seguidos de reuniões mediúnicas (entre as 19h e 22h das sextas); e palestras públicas nas tardes dos sábados (antes, os sábados eram dias de mais estudos abertos ao público, que foram realocados para as noites das terças), das 16h30 às 17h30 e que, ao final, contavam com a oferta de *passes*, apesar das ressalvas de Lúcio de que ouvir uma boa palestra e sintonizar com o conteúdo exposto já seria um *passé*. Era comum ouvi-lo comentando sobre querer conduzir, à parte da agenda “oficial” da casa, estudos introdutórios para os neófitos, sobretudo se se tratasse do desenvolvimento de algum médium em potencial ou de alguém que lhe chamasse a atenção mas tivesse horários reduzidos para ir ao GEEFA (o que chegou a se concretizar com certa regularidade nas manhãs das sextas entre ele e duas conhecidas suas – e posteriormente com a presença de Antônio, após sua chegada ao grupo. Essas duas pessoas, entretanto, pararam de frequentar o GEEFA após a pandemia).

Ocasionalmente, havia o convite para que alguns membros do grupo palestrassem em outras casas espíritas, em especial o próprio Lúcio e, em menor frequência, Antônio e Juliana. Da mesma forma, palestrantes “de fora”, ou seja, que não fossem trabalhadores da casa, eventualmente eram convidados, mas em uma escala bem menor. Em minha presença, contabilizei três deles, dois homens e uma mulher (essa última, inclusive, representante da Federação Espírita Pernambucana).

Figura 5 - Cartaz comemorativo de aniversário do GEEFA.

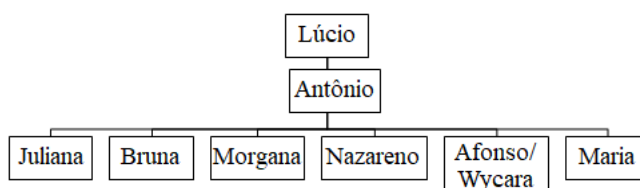


Fonte: o autor (2019).

2.3 OS INTEGRANTES DO GEEFA

Vamos conhecer os outros membros que formavam o GEEFA no formato encontrado durante a condução dessa pesquisa. Havia a liderança indiscutível da casa, Lúcio, seguido de Antônio, que se tornou seu braço direito. Os outros estavam mais ou menos no mesmo pé de igualdade em relação às diretrizes propostas pela direção da casa, como veremos a partir de agora.

Figura 6 – Organograma do GEEFA.



Fonte: o autor (2022).

2.3.1 Antônio

A chegada e ascensão de Antônio como braço direito de Lúcio foi rápida e sólida. Para Lúcio, as informações que Antônio trazia, mediunizado, eram de grande valia aos atendimentos pois, para ele, havia “um dever incondicional de dirigir-se e submeter-se ao plano espiritual superior” (LEWGOY, 2000, p. 251). Sempre que possível, ele consultava os benfeitores espirituais para verificar os projetos do GEEFA – foi assim que eles tomaram a decisão de optar pelo funcionamento do grupo durante a pandemia da COVID-19, argumentando que como a espiritualidade não tinha se pronunciado sobre o fechamento da casa, eles iriam continuar.

Com 51 anos, Antônio era um homem moreno, de estatura mediana, forte e usava o cabelo bem curto. Trabalhava como educador físico e era árbitro de basquete. Seus primeiros contatos com o espiritismo foram em sua juventude (“nos meus 17... 16, 17 anos, por aí... 18 anos”), ao frequentar reuniões de uma associação caruaruense. Também conheceu o candomblé (“mas pra tomar *passe*”) e depois de um hiato foi à Igreja Católica (“sou católico, na realidade, de batismo, né?”), até chegar à Igreja Evangélica, onde, em suas contas, permaneceu por cerca de oito anos. Nesse período, passou por um momento em que se inquietou na busca por respostas:

Mas antes, mesmo quando eu tava na Igreja Evangélica, eu sabia que tinha algo mais, literalmente. E o que eu queria fazer. Eu nunca me dei, assim, de certa forma, por satisfeito. Então quando eu saí da Igreja Evangélica... Há uma visão dos evangélicos que diz assim, que Deus não atende ao pecador, né? E dentro dessa frase, na realidade, aquelas pessoas que não se encontram dentro de uma igreja evangélica, elas são tidas como do mundo ou como pecadoras, né? E eu me questionava muito, nas minhas conversas com Deus, isso, né? [...] E eu sabia que tinha algo mais pra mim e tive os meus momentos de solidão, vamos dizer assim, eu sempre dizia a Deus que me mostrasse o caminho pra que eu pudesse fazer a vontade Dele, né? Eu não acreditava, na realidade, que essa verdade, ela estaria só dentro da Igreja Evangélica e só quem pudesse trabalhar fosse quem tivesse dentro desse contexto (Antônio).

Assim, Antônio se afastou da Igreja e teve contato com algumas leituras sobre o espiritismo. Somente depois, em conversas casuais com uma ex-aluna, que lhe emprestou livros espíritas, ele procurou uma casa espírita, a mesma à qual a esposa de Lúcio atuava – e onde eventualmente ele assistiu a uma palestra do próprio Lúcio. Já nessa ocasião os dois conversaram e ele foi convidado a conhecer o GEEFA, sendo questão de tempo para ele compor o quadro de trabalhadores da casa como um dos membros mais ativos e disponíveis – na verdade, querendo se mostrar ativo em todos os momentos, com um senso de urgência de que precisava trabalhar sempre. Como disse em entrevista, “eu creio e acredito que tudo na minha vida foi muito assim... [...] Acontece numa intensidade muito alta, na realidade, né? Naquilo que eu me envolvo, naquilo que eu faço”. No GEEFA não seria diferente.

À medida, dizia, que se aprofundava no universo espírita, muitas das coisas que viveu passaram a ser interpretadas de maneira diferente:

Então, o que acontece? Quando a gente não tem esse conhecimento da doutrina espírita, a gente vivencia os fenômenos e não entende, na realidade, porque não tem o conhecimento literário da doutrina, não entende, né, e isso traz muitas confusões, na realidade. Mas a partir do momento que você tem esse conhecimento e começa a beber na fonte, o que é que acontece? Você não só passa a decifrar muita coisa do passado, que você passou e aí você "eita, tal dia e eu fiz determinada coisa e eu tô vendo que foi isso aqui, foi uma influência disso aqui", vamos dizer. Como também ao que vai acontecendo no nosso dia a dia. Porque [...] como a gente vai ficando mais sensível acerca desse mundo espiritual, desses fenômenos, então a gente vai pegando essa bagagem, a gente já começa a identificar aquilo que vai acontecendo ao nosso redor e que antes passava despercebido ou que a gente até sentia, mas não tinha o entendimento do assunto (Antônio).

No GEEFA, ele absorveu o conhecimento a respeito da mediunidade e passou a reinterpretar acontecimentos de sua vida sob esse prisma, como quando sofreu um acidente de carro depois de insistir em fazer funcionar o veículo, que não queria ligar de maneira alguma. Para ele, aquilo foi uma mensagem do seu anjo da guarda tentando protegê-lo do momento que quase o matou. Com a parceria com Lúcio, sua mediunidade vai sendo pensada como uma ferramenta de auxílio:

E hoje, depois que eu fui pra o GEEFA, [...] muita coisa que com certeza hoje eu tenho o entendimento e que acontecia antes, né, de intuição, o próprio caso assim, eu acho, da própria psicofonia hoje sendo uma psicofonia boa, vamos dizer assim, mas antes na realidade não era, porque houve uma fase minha que eu bebia muito e eu tenho certeza hoje, por exemplo, que quando eu bebia eu dava psicofonia pra um monte de amiguinhos que precisavam de ajuda, né? E então... Só que a coisa, ela começa quando eu vou pro GEEFA, na realidade. As coisas começam realmente a tomar o formato que têm tomado hoje e que vêm tomando, né, porque é um processo em construção, vamos dizer assim (Antônio).

As mensagens mediúnicas trazidas por ele, fossem psicofônicas³⁰ ou psicográficas, tinham um teor mais religioso, mais voltado às “Escrituras”, como dizia – fruto da sua passagem pela Igreja Evangélica e, sob o ponto de vista espírita, resultado também das afinidades entre esse viés e o dos espíritos que o acompanhavam:

Eu, particularmente, até por ter passado pela Igreja Evangélica, eu sou uma pessoa muito ligada aos Evangelhos em si, né? E principalmente à figura do Cristo. E eu acho que isso traz um pouco dessa característica pessoal, minha, que faz com que essa aproximação seja feita. E diante desse processo, na realidade, a coisa aconteceu [...] E pelo fato de, como eu falei a você, dessa minha ligação, vamos dizer assim, com os apóstolos, de gostar muito de Paulo, de amar realmente essa linha de trabalho, vamos dizer assim, eles se identificam com essa roupagem e se aproximam, né? (Antônio).

Era o contrapeso à mente “racional-kardequiana” de Lúcio. As inspirações, percepções e incorporações de Antônio passaram a mapear as ações tomadas pelo dirigente do grupo, que viu nele alguém com as características que procurava para estar ao seu lado: uma mediunidade confiável, disponibilidade e vontade de “viver o GEEFA”. À medida que sua mediunidade se desenvolvia e era praticada³¹, coube a Antônio o inédito papel de filtrar as sugestões dos benfeitores espirituais para formatar os trabalhos do grupo. Por exemplo: antes dos atendimentos aos espíritos nas sessões mediúnicas, ele alertava sobre a quantidade e os tipos de entidades que seriam assistidas (“têm dez atendimentos. Serão cinco vítimas de acidentes e cinco suicidas. Sete vão falar e três vão ser somente choque anímico”), além de fazer interferências nos *diálogos* conduzidos por Lúcio – ação ratificada como de grande valia por revelar informações que de outra forma não seriam acessadas, o que facilitava os desfechos dos atendimentos. Era possível ter uma ideia sobre o que um espírito fazia quando encarnado e/ou

³⁰ “Médiuns que deixam os espíritos falarem através de suas bocas (psicofônicos)” (ARRIBAS, 2014, p. 150). Os psicógrafos são os que permitem que os espíritos escrevam através de suas mãos.

³¹ “No processo de produção do médium espírita kardecista o momento da vocação é entendido na linguagem nativa como uma situação do despertar da mediunidade já que para essa religião somos todos médiuns no lato sensu, contudo somente alguns se tornam médiuns stricto sensu” (LEITE, 2014, p. 112-113). Para a autora, existe uma diferença entre o despertar da mediunidade e aquilo que se faz com ela uma vez que se tem contato com o espiritismo.

enquanto errante na espiritualidade; como havia chegado ao GEEFA; se havia mais alguém com ele; se havia algum benfeitor para recebê-lo e/ou apresentá-lo à casa – geralmente algum parente, como uma mãe³² ou uma avó... A palavra de Antônio ganhou tanto peso que ele se tornou o porta-voz dos trabalhos mediúnicos.

2.3.2 Juliana

Aos 28 anos, durante a pesquisa realizada no GEEFA, Juliana dividia seu tempo entre Caruaru, cidade onde residia e trabalhava, e Arcoverde, seu local de origem e onde vivia sua família. Advogada, chegou ao GEEFA graças a Lúcio. Antes disso, conheceu o espiritismo através de uma tia paterna:

Até que um dia ela me convidou para ir a uma sessão da casa espírita que ela frequentava em Arcoverde. Eu topei o convite e fui. Na época eu devia ter em média uns 11, 12 anos, não lembro ao certo. Essa primeira experiência não foi boa, pois na época eu frequentava a Igreja Católica e um grupo da Igreja que se chamava “infância missionária”, grupo destinado a crianças e pré-adolescentes da comunidade católica que eu participava. Me senti péssima de ter ido a uma sessão espírita, pois me senti “culpada” diante daquela decisão, que era, na minha mente da época, uma traição à minha crença católica (Juliana).

Somente em 2012, ano em que começou um estágio pela faculdade e conheceu Lúcio, foi que, graças a ele e às conversas que mantinham nos intervalos do trabalho, ela voltou a se interessar pelo espiritismo: “até que, um dia, ele me presenteou com o livro *O Evangelho segundo o espiritismo* e desde então não parei de ler”. Entretanto, a futura médium só tornaria a entrar em um centro espírita na ocasião da ida dele à “terceira casa” (a casa de Roberto), o acompanhando após a sua saída para os estudos do então GEFA, na casa de Claudete.

Juliana já era médium antes de estar no GEEFA, porém suas psicografias dificilmente eram compartilhadas. Ela preferia guardá-las ou, no máximo, dividi-las com Lúcio. Sua mediunidade tomou proporções mais ostensivas apenas no GEEFA e com um “empurrão” do cenário da pandemia: com a redução de médiuns presentes, era preciso que os remanescentes suprissem a lacuna deixada. A partir disso, ela começou a desenvolver a *psicofonia*, especialmente para os espíritos sofredores:

³² A figura materna desarmava os espíritos atendidos, pois o sentimento de alguém que os amasse os envolvia e fazia com que arrefecessem em seus discursos. Isso remete a Lewgoy (2004a), quando pensa a mãe como mediadora, educadora e protetora do seu filho, valorizando a consanguinidade no espiritismo brasileiro: “em muitas histórias de desobsessão, tanto na literatura como no cotidiano dos centros espíritas, é o espírito da mãe que intervém decisivamente no clímax da trama, a dirimir a resistência à doutrinação do espírito sofredor, como uma espécie de última instância na sessão mediúnica” (p. 35).

Meu desenvolvimento mediúnico começou em 2015, quando viajei pra o intercâmbio na Espanha. O único livro que levei comigo na mala foi o *O Evangelho segundo o espiritismo* e toda terça-feira, às 23h, eu fazia um momento de prece, leitura e reflexão. Nesse momento, colocava uma folha de papel em branco na minha frente e uma caneta à mão. Ali pensava em uma prece ou algo positivo, e assim foram saindo as primeiras palavras e mensagens psicografadas.

Passei um bom tempo apenas na psicografia, acredito eu que por causa das dúvidas que tinha e da minha autocrítica elevada. Até que 2020 chegou. Veio a pandemia. Vieram várias decisões que precisei tomar. E uma delas foi confiar na espiritualidade e dedicar mais tempo e compromisso com a causa espírita (Juliana).

De todos os médiuns do GEEFA, ela era sem dúvidas aquela que, ao incorporar, deixava transparecer as emoções e os maneirismos³³ dos espíritos de forma mais espontânea, lhes dando mais “liberdade”: com o seu corpo, por exemplo, eles faziam gestos e mudavam seu tom de voz, sem ultrapassar, contudo, os limites do controle que o médium tem sobre si mesmo durante o transe, de acordo com as observações de Leite (2014) de que “o Espiritismo kardecista é – como um todo – um movimento que prega o elevado controle do corpo e das emoções durante os seus rituais” (p. 127). Ela se colocava em uma posição de aprendiz e era perceptível (e outros trabalhadores da casa me confidenciaram isso) que Juliana era a figura de apreço de Lúcio. O tratamento dispensado a ela era visivelmente mais suave e a atenção que lhe dava era evidente. Ele a usava como exemplo de jovem médium possível. Nos estudos, guardava sua cadeira para que sentasse ao seu lado (junto com Antônio). Mesmo sem ter o tempo de espiritismo ou acúmulo de conhecimento detido por ele mesmo (Lúcio), Juliana ocupou (e não saiu) o cargo de membro do grupo gestor do GEEFA. Alguns médiuns comentavam, em conversas informais, sobre um distanciamento que ela mantinha dos outros trabalhadores “comuns”, ao passo que se mostrava sempre muito unida e coesa com a diretoria da casa.

2.3.3 Bruna

Bruna conheceu o espiritismo ainda adolescente (em torno dos 15 anos), acompanhando o despertar³⁴ mediúnico de uma prima umbandista. Como narrou em entrevista, o processo dessa prima foi doloroso, pois ela via espíritos perturbados e era acometida por profundos transes mediúnicos que a faziam se jogar no chão ou contra as paredes da sua casa. Apenas depois de procurar espaços umbandistas ela conseguiu encontrar equilíbrio.

³³ Para saber mais sobre o corpo e as emoções para os espíritas, ver Leite (2014) e Madureira (2010), respectivamente.

³⁴ Para Leite (2014), o despertar seria o “momento de descoberta da mediunidade stricto sensu” (p. 19), quando, após o desabrochar e o desenvolvimento da mediunidade, se funda (no sentido de se confirmar) um médium.

Outros membros da família de Bruna, como sua avó materna e uma tia paterna, eram adeptas do espiritismo. Seu primeiro contato com a literatura espírita foi através d'*O Evangelho segundo o espiritismo*: "até então, achava que prática mediúnica e espiritismo eram a mesma coisa" (Bruna).

No decorrer do desenvolvimento mediúnico de sua prima, "a entidade que a acompanhava, uma preta velha, dizia que eu era médium. Mas como eu não entendia e, aparentemente, não ‘sentia nada’, deixava pra lá" (Bruna). Entre 2013 e 2014, foi levada a um centro espírita, por intermédio da tia, e se deu conta de que o espiritismo ia além da mediunidade. Lá, chegou a receber uma psicografia afirmando que era médium, embora essa faculdade continuasse despercebida. Interrompeu a frequência a esse lugar para depois encontrar outro centro espírita, mais próximo da sua casa – e que era o grupo de Roberto.

Comecei a frequentar e a participar das reuniões de desenvolvimento mediúnico. Sempre sentia as coisas, fui percebendo que tinha uma certa sensibilidade, até que um dia fui buscar minha ex-cunhada em um centro de candomblé no qual o tio dela era dono. Quando chegamos lá, estava tendo uma festa da pomba-gira. Fiquei receosa e esperando num cantinho, até ela sair... Foi aí que a pomba-gira me pegou³⁵ e começou a me girar no salão. Comecei a sentir como se fosse desmaiar, me sentia cada vez mais distante... Até que ela me deixou lá de volta... Fiquei sem entender o que tinha acontecido! Quando fui na reunião do centro espírita que frequentava, falei com o dirigente do ocorrido e ele me explicou que eu era médium e que era normal, que eu estava no meu desenvolvimento e tal. Passei meses acertando na trave: sentia o espírito, mas não conseguia dar a comunicação. Até que me encontrei em um processo *obsessivo*, que no ápice eu mesma recebi o espírito que estava me *obsidiando*. Foi de uma maneira tão violenta que não consegui me controlar, até então nunca havia dado uma comunicação. E desde então tenho trabalhado mediunicamente. Encaro isso como uma ajuda que tive para desenvolver a minha mediunidade (Bruna, grifos nossos).

Quando Lúcio se desligou de Roberto e passou a realizar os estudos na residência de Claudete, Bruna passou um período se dividindo entre os dois lugares – à semelhança do que Lúcio fazia em seu início de trajetória, entre o grupo ao qual fazia parte e o grupo de *desobsessões*. Na “inauguração” do GEEFA, entretanto, ela já compunha o quadro de trabalhadores do lugar.

Bruna tinha 29 anos durante os acontecimentos da nossa pesquisa. Como médium, tinha a característica da psicofonia de espíritos sofredores e necessitados de assistência. Servidora Pública estadual, suas idas ao GEEFA se limitavam às sextas, devido à sua agenda. Por isso, ela também não participava da preparação e entrega dos alimentos às pessoas em situação de rua, porém era ativa na doação de alimentos e bebidas.

³⁵ Um médium incorporado a segurou e rodou.

Antes da pandemia, houve uma ocasião em que ela foi até a casa da sua prima para ajudá-la. Bruna havia sido convidada para dialogar com algumas entidades que sua prima receberia e que precisavam de alguém que pudesse convencê-las a aceitar ajuda. Ao final, a preta velha se manifestou e lhe aplicou *passes*. Ela chegou a comentar o fato com Lúcio, que em uma noite de reunião no GEEFA e diante dos membros presentes, desmereceu toda a ação. Para ele, a prima de Bruna não tinha autoridade alguma para aquele tipo de trabalho – principalmente por não conhecer o espiritismo e a segurança que só o conhecimento espírita proporcionava – ela, então, tinha agido com ingenuidade, se deixando levar. O caso teve repercussões que levou a uma conversa a portas fechadas entre ambos.

2.3.4 Morgana

Possuindo 30 anos no decorrer dessa pesquisa, Morgana era o exemplo mais evidente do *despertar e trabalhar* mediúnicos pensados por Leite (2014), ou seja, de gênese e desenvolvimento de mediunidade dentro dos muros de uma casa espírita. Ela foi ao GEEFA para buscar ajuda para um caso de *obsessão* atribuída ao seu irmão. Acabou permanecendo e sendo convidada a participar das reuniões mediúnicas como trabalhadora. Em pouco tempo, começou a sentir as primeiras manifestações mediúnicas, até finalmente se tornar médium de incorporação.

Graças à sua avó, Morgana cresceu acreditando na existência de espíritos:

Ela não era espírita propriamente dita, mas ela sempre falava desse lado do espiritismo e tal, dessas coisas, aí eu sempre fui criada acreditando, entendeu? Só que minha família é católica, só era [espírita] minha avó. Minha avó morreu faz 18 anos ou é 20. Aí só tem eu e um primo meu que é espírita (Morgana).

Desde criança, tinha muitos pressentimentos e, novamente, a figura da avó aparece como sua direcionadora, ao dizer que ela era sua única neta médium, algo que ela entenderia somente depois de muito tempo. Suas primeiras incursões a locais espíritas aconteceram na casa de Roberto, por volta de 2015, graças a Bruna, sua amiga de longa data:

Porque foi uma época que eu tava meio perturbada, tava muito estressada, muito nervosa e tinha um espiritozinho “amigo”, *obsessor*, perto de mim e foi quando ela me levou no centro espírita que ela participava pra começar a fazer algum tipo de tratamento. Foi retirado esse irmãozinho que tava com a gente. Foi aí que eu comecei a me identificar, a começar a estudar um pouco, mas depois aconteceu um negócio lá com o dono do centro, o que comandava e aí eu parei de ir. Mas eu sempre me interessei, sempre perguntava as coisas a Bruna e sempre me interessei (Morgana).

O “negócio lá com o dono do centro” foi um desentendimento entre ela e Roberto, que a convidou para um encontro romântico em pleno atendimento. Isso fez com que Morgana nunca mais voltasse àquele lugar e só conhecesse os futuros *gefianos* (mesmo os que ainda chegaram a frequentar a casa de Roberto, como Juliana, por exemplo) em 2020.

Ela tinha um irmão que era acometido por crises nervosas que o faziam entrar e sair de um transe mediúnico, dizia, sempre ameaçando se suicidar. Na rua da sua casa existia um grupo espírita novo, que ela e sua mãe conheciam e ao qual buscou suporte. Algumas pessoas foram, inclusive, à sua casa. Entretanto, nesse centro não havia a prática da mediunidade e tampouco da *desobsessão* (até então eles se dedicavam ao estudo do espiritismo, às palestras públicas e ao preparo e distribuição de alimentos à população em situação de rua). Lembrou-se de Bruna e entrou em contato com ela, que lhe passou o contato de Lúcio. Foi assim que, ao final da tarde de 27 de abril de 2020, eu recebi uma ligação de Lúcio com um convite para ir ao GEEFA. Chegando lá, tomei ciência do que estava acontecendo. Além de Morgana, seu irmão e sua cunhada, estavam presentes Bruna e Antônio. Também havia três figuras desconhecidas (um homem e duas mulheres): eram membros da Casa Chico Xavier, o grupo anteriormente procurado por ela, que permaneceram durante esse primeiro atendimento.

Depois disso, foi explicado a Morgana que seu irmão seria tratado espiritualmente durante as sessões mediúnicas e as *mentalizações*³⁶, sem precisar frequentar fisicamente a casa. Segundo ela, o grupo chegou a reservar, por cerca de três vezes, momentos nas reuniões para atender a ele e aos espíritos que o acompanhavam, mas depois disso o tratamento foi interrompido, pois “segundo Lúcio, meu irmão não fazia por onde” (Morgana), ou seja, na visão do dirigente, o rapaz não havia modificado sua conduta ou buscado o espiritismo. Já a própria Morgana, entretanto, continuou frequentando a casa e passou a integrar o quadro de trabalhadores:

Aí, quando eu fui pra lá, no dia que eu tava lá, no GEEFA, foi quando eu senti uns negócios assim meio estranhos, mas tipo, não tive medo. Aí foi quando eu fui começar a estudar, entender como é isso, como é aquilo. Como é realmente que vem [um espírito], se dá pra controlar, se não dá, se faz bem, se não faz. Mas não foi assustador, eu só tive que centralizar aquilo na cabeça e entender como é que eu faria pra ajudar. Mas em nenhum momento eu tive medo (Morgana).

³⁶ Abordaremos esse tópico mais adiante.

2.3.5 Nazareno

Consultor de vendas e ator de teatro, Nazareno, 29 anos, era um caso de “filho pródigo” que se afastou do GEEFA para depois retornar. Conheceu o espiritismo através de um tio-avô da cidade de Limoeiro, Pernambuco:

Eu ia pra casa da minha avó passar as férias, às vezes os finais de semana, na época eu acho que 2010, por aí, aí a casa dele é de frente... Sabe como é cidade pequena, né? A gente ficava, a gente fazia a garrafa de café [risos], aí a gente ficava lá, tipo, começava a conversar e ia até duas, três horas da manhã falando sobre o espiritismo - e nessa época eu era evangélico! E era muito interessante, porque eu ficava escutando bastante e ele é uma pessoa que fala muito, aí tem pouco espaço pra você ter a palavra, né? Mas eu escutava muito dele. Aí, daí foi onde brotou a sementinha. Mas o contato de estudo mesmo eu só vim ter em 2017 (Nazareno).

Em 2017, ele chegou a visitar o grupo espírita de Roberto, a convite de Juliana, então sua namorada. Depois da fissão³⁷ entre Roberto e Lúcio, Nazareno migrou para os estudos na casa de Claudete e participou da fundação do GEEFA. Se afastou durante o ano de 2019, depois do término de um namoro, para retornar somente em 2020.

Para ele, a Igreja Evangélica não conseguia responder aos seus questionamentos por haver muitos dogmas. Isso, dizia, provocava a sensação de que faltava algo e que tentavam “apequenar o que Deus é”. Dessa inquietação surgiu a busca por respostas em outras fontes:

Na verdade, eu buscava uma questão filosófica-científica-espiritual. De Deus, do universo, da alma, do espírito, religiosamente falando. E eu vim encontrar tudo isso dentro da doutrina espírita. Que aí eu pude encontrar a questão filosófica, a questão científica desse plano, do outro plano, do que é a vida, do que é o pós-vida, do que é a questão espiritual em si e pra quê que isso serve na nossa existência. E aí tudo isso eu pude encontrar no espiritismo, é o que faz e fez eu ter esse interesse. Eu digo que eu consegui me encontrar no espiritismo, religiosamente falando, apesar de não ter nada contra e gostar muito de estudar sobre as outras [religiões] (Nazareno).

A busca através do estudo e da literatura foi a porta para o descobrimento da sua mediunidade, que se manifestou, segundo ele, em dezembro de 2018. Já no GEEFA, começou a sentir a aproximação de um espírito que se apresentaria com a proposta do estudo para melhorar sua mediunidade (que era do tipo psicográfica, psicofônica e de *desdobramento*³⁸), o que fez com que ele passasse a estudar o espiritismo em casa e por conta própria. Nazareno também incorporava outros espíritos (benfeitores ou sofrendores) e suas comunicações orais sempre preenchiam a sala do GEEFA com a potência de sua voz grave.

³⁷ Segundo Cavalcanti (2020), termo usado por Victor Turner para descrever a cisão de um grupo.

³⁸ Sobre isso, ver o Capítulo 4.

2.3.6 Afonso e Wycara

Segundo Leite (2014), há pessoas que manifestam a mediunidade de maneira ostensiva e outras que a têm de forma sutil, divididos entre:

- a) *Médium lato sensu* – aquele que apresenta a mediunidade de forma latente, podendo vir a manifestar-se ou não. A comunicação através dele é mais sutil e corriqueira, ocorrendo majoritariamente por intermédio do pensamento sendo, portanto, bastante difusa. Por exemplo: a intuição;
- b) *Médium stricto sensu* – aquele que apresenta a mediunidade de forma ostensiva, manifesta. É neste tipo que acontecem de fato as comunicações espirituais de forma mais consolidada, exclusivamente nos momentos de reuniões mediúnicas (LEITE, 2014, p. 66-67).

O casal Afonso/Wycara não manifestou sua mediunidade de forma patente, ao contrário dos outros membros do GEEFA. Ainda assim, passaram a frequentar as reuniões mediúnicas da casa, a convite de Lúcio, a partir da noite da última quinta de abril de 2020. Nas sessões, permaneciam todo o tempo em silêncio e de olhos fechados, servindo como *sustentadores*³⁹ dos trabalhos com a incumbência de manter o ambiente com pensamentos que vibrassem amor, sobretudo através das preces, como instruía o dirigente da casa. Sentavam-se à mesa como quaisquer outros médiuns do grupo.

Afonso, fisioterapeuta de 28 anos, teve um avô que o apresentou ao espiritismo:

O meu avô foi o grande incentivador, vamos dizer assim, porque desde o princípio eu acho que em Caruaru ele foi um dos primeiros a fazer parte do movimento espírita. Só que tu sabe, a pessoa criança não entende muito, né, se não tiver realmente quem chegue e dê aquele empurrão pra você ir, você não desenvolve. Mas o meu primeiro contato com a doutrina espírita foi com o meu avô (Afonso).

Ele passou pela Igreja Católica onde, segundo seu relato, já havia sido levado várias vezes durante a adolescência, fazendo, a contragosto, a primeira comunhão. A curiosidade em conhecer o espiritismo veio na idade adulta, quando frequentou por cerca de um ano outro grupo espírita de Caruaru, se afastando por alguns meses e retornando em 2018:

E eu tava há uns três, quatro meses afastado e certo dia deu uma vontade de eu ir [...], né? Certo dia, então, eu fui e quem tava lá era Lúcio fazendo a palestra, né? Nesse dia que era ele, ele tava lá. E "rapaz, eu conheço esse cara. Esse cara não me é estranho. Acho que ele... ele foi meu professor de xadrez". Me lembrei que ele tinha sido professor de xadrez e eu já ia cumprimentar ele, após a palestra dele, por ter sido meu professor, só que minha mãe se atravessou na frente e foi falar com ele antes de mim,

³⁹ "Os que ficam na sustentação são geralmente os iniciantes, ou os que não têm facilidade na recepção de Espíritos. [...] Eles permanecem a maior parte do tempo sentados, de olhos fechados, orando" (CAVALCANTI, 2008, p.103).

né? E ela nem sabia que ele tinha sido meu professor. Então foi um negócio assim bem... Como se já fosse certo falar mesmo! Foi bem legal, bem legal. E a partir da conversa com Lúcio, fiz o contato novamente e aí ele me convidou para ir pro GEEFA, conhecer (Afonso).

Entre setembro e outubro de 2018, ele passou a frequentar o GEEFA como ouvinte das palestras e dos estudos abertos ao público.

Enquanto alguns *gefianos* já chegaram ao grupo como médiuns e depois se tornaram trabalhadores, a trajetória de Afonso foi a do espectador que se tornou membro.

Como frequentador das reuniões mediúnicas, ele se considerava médium, mesmo sem manifestar faculdades tão ostensivas quanto as outras pessoas. Sua fala, então, apresentava um autorreconhecimento de médium *lato sensu*, na acepção de Leite (2014). Para ele, sua chegada ao GEEFA havia sido uma inspiração⁴⁰.

E se eu me percebo médium? Com certeza. Eu já tive percepções assim, eu não digo ostensivas, mas todos nós temos percepções mínimas e recebemos sim influências dos espíritos, nem que seja o mínimo possível, nós recebemos sim, com certeza, até porque no dia que eu me encontrei com Lúcio, não foi à toa. Com certeza eu recebi uma dica, um conselho para ir, deu uma vontade de ir naquele dia [...]. Me considero, sim, médium, como todos nós, como todas as pessoas (Afonso).

Afonso levava a sério o seu papel de *sustentador*. Se antes tinha a visão material da caridade, no sentido de ajudar os encarnados em situação de rua com comida, sua posição nas sessões mediúnicas fez com que visse outro aspecto da teoria espírita, a *caridade moral*:

Eu achei muito legal, Bruno, porque você também tá entrando num novo horizonte, no auxílio àqueles que estão desencarnados, né? E eu acredito que mesmo que você não esteja atuando ostensivamente, os bastidores ali das reuniões, até você estar presente em pensamento, você já está, sim, auxiliando todos aqueles espíritos que estão lá presentes, estão necessitando das suas energias, de um ambiente favorável, um ambiente positivo pra sair daquela realidade que eles estavam, né? (Afonso).

Suas idas às palestras do GEEFA tiveram outro efeito, que foi a adesão da sua namorada, Wycara. Segundo ela, a partir do convite de Afonso seu interesse em entender o espiritismo despertou, pois antes ela era frequentadora da Igreja Católica. Gradativamente, ela também começou a participar das atividades do grupo até se ver engajada em ações de preparo e distribuição de alimentos. Posteriormente estaria sentada à mesa mediúnica, também no papel

⁴⁰ Segundo Kardec (2013b), há os médiuns do tipo “inspirado” ou “involuntário”, pessoas que, em maior ou menor grau, recebem a influência do pensamento dos espíritos, porém de forma tão sutil que é difícil distinguir quem pensa o quê. Essa categoria reforça a crença espírita de que todos somos médiuns.

de *sustentadora*, já que também tinha características de médium *lato sensu* (LEITE, 2014) – apesar de levantar que sentia medo dos espíritos em alguns atendimentos.

2.3.7 Maria

Maria era técnica de enfermagem aposentada, com 67 anos. Casada e avó de cinco netos, optou por permanecer em casa, em isolamento físico⁴¹ (o único membro do GEEFA em isolamento que consegui entrevistar). Vinda da Igreja Evangélica, assim como Nazareno começou a se interessar pelo espiritismo para buscar respostas pendentes:

Eu conheci o espiritismo através de uma amiga. Inclusive, não se encontra mais no nosso meio. Apesar de que o meu marido e a família dela toda são espíritas, mas nunca me passaram nada, não. E antes, eu era, sim, de uma igreja evangélica da qual eu passei trinta e cinco anos. Mas quando eu comecei a frequentar centros espíritas – eu frequentei dois, [...] – eu comecei a me interessar muito por livros, e eu lia muitos livros, e eu percebi ali que existem muitas respostas para nossas perguntas. E há trinta e cinco anos, como eu falei, em uma igreja evangélica, as respostas eram muito vagas e eu sempre procurei, procurei muito, mas nunca encontrei nada e fui deixando o tempo passar. Mas quando eu conheci e comecei a frequentar, então acendeu tudo dentro de mim outra vez e eu passei a me interessar por essa doutrina que eu acho tão maravilhosa de saber de onde eu vim, pra que vim e pra onde eu vou depois. Isso é muito bom e o bom é que eu confiei. Confiei nos livros, nas pesquisas, não é? Que eu fazia muito através dos livros, e perguntava se aquelas pessoas que escreveram tais livros eram fiéis àquilo lá e gostei muito, é tanto que estou até hoje (Maria).

A amizade entre ela e sua amiga era de longa data (mais de 30 anos) e o espiritismo reuniu ambas quando frequentaram reuniões em um centro em Caruaru. Essa amiga, já conhecedora e frequentadora do GEEFA (conhecia Lúcio e outros integrantes do grupo, como Bruna), a apresentou ao dirigente *gefiano* e às atividades da casa no começo de 2018.

Antes disso, segundo seu relato, desde a juventude sentia presenças, pessoas lhe tocando e ouvia passos. Ao começar a frequentar a Igreja Evangélica, esses acontecimentos cessaram. Após sete ou oito anos, pela sua estimativa, toda essa mediunidade voltou, à revelia do pastor:

Eu via naquela época, já. E eu falava pra ele assim "pastor, eu vi tal coisa, assim" e ele dizia que aquilo não existia. E eu "mas como é que não existe, se eu vi?". Entendeu? Mas era uma coisa assim, era uma fé diferente da fé espírita, porque como ele dizia que aquilo que eu tava vendo podia ser imaginação minha, podia ser coisa do [risos], vamos dizer, do "inimigo", como eles dizem... Aí eu ficava, mas acreditava. Eu acreditava que existia alguma coisa. Eu digo "ora, se apareceu isso, se eu vi isso, é porque existe!" (Maria).

⁴¹ Usarei o termo “isolamento físico” (BOTTINO, SCHELIGA & MENEZES, 2020) por julgá-lo mais acurado que “isolamento social”. Mais explicações no Capítulo 3.

Passado um período turbulento, onde chegou ao ponto de não conseguir distinguir entre os espíritos que apareciam para perturbá-la ou para ajudá-la, aconteceu o fato que a fez procurar de vez uma casa espírita: depois do desaparecimento de um cachorro de sua família, recebeu a visita de “uma menina, uma moça” que lhe indicou o paradeiro do animal. Depois disso, procurou um grupo espírita e lá foi dito que ela era médium. A princípio receosa dessa condição, à medida que foi estudando e se informando passou a querer desenvolver sua mediunidade:

E comecei a estudar e comecei a frequentar mais. Mas eu tinha um desejo muito grande de desenvolver e teve uma época que um rapaz colou mesmo aqui em mim, não queria sair nem a pau. Aí eu falei lá [...] e da maneira que ele era, que eu relatei lá, disseram que ele não era uma pessoa... Não seria um guia espiritual, ele era um *obsessor*. Ele era uma pessoa lá que tava... Eu tinha até que tomar remédio pra dormir porque eu não conseguia dormir, que ele não deixava (Maria).

Já no GEEFA, Maria começou a incorporar espíritos:

Mas quando eu comecei a frequentar aí o GEEFA, foi quando eu comecei a ter aquelas primeiras experiências de receber, até porque eu nem confiava que aquilo vinha pra mim, tá entendendo? Eu não confiava. Eu sentia muito mesmo, assim, aquela aproximação, eu sentia muito que alguém queria falar, mas eu tinha medo (Maria).

Até que sonhou com um espírito (“a vovó”) que lhe explicou que era preciso confiar e deixar fluir: “quando eu sentisse essas sensações, meu coração batendo forte, que eu deixasse fluir, que não era eu, era o espírito em mim. E eu fui deixando, eu fui deixando e hoje, pra ser sincera a você, eu sou feliz. Sou feliz, sabe?” (Maria). Essa vovó, personagem muito presente em suas narrativas, era um dos espíritos que sempre a acompanhava:

Teve um dia que eu não sei se sonhei ou se vi, eu sei que eu senti um negócio... Acho que eu desdobrei, tá entendendo? Eu desdobrei. Então, eu a vi aqui no pé da minha cama. [...] Então quando foi um dia eu vi vovó aqui no pezinho da minha cama e ela disse a mim que eu fizesse o estudo no lar, na minha casa. Tá entendendo? Ela disse “faça na sua casa”. E eu comecei a ter esse contato. Tem dia que eu quero falar com ela, mas não consigo, não. Ela trabalha muito. [...] E a outra vó, foi interessante essa outra vó que eu inclusive também falei aí no GEEFA. Eu estava deitada e eu senti um vulto, mas um vulto escuro, uma coisa escura. Passou por cima de mim, assim, e depois voltou e ficou assim, sabe, como se fosse... Um vulto preto, pra lá e pra cá e eu vi que não era uma coisa muito boa porque eu me paralisei todinha, fiquei totalmente paralisada e eu comecei a fazer minhas preces, comecei a fazer minha prece e aquilo foi embora. Quando foi embora eu me sentei na cama e quando eu olhei de lado tinha uma senhora e ela tava com um galhinho de mato, uma ervazinha, me benzendo, entendesse? Tava me benzendo (Maria).

2.3.8 Dino e Alisson

Dois médiuns do GEEFA que frequentaram a casa foram Dino e Alisson. Contudo, não foi possível realizar entrevistas com eles. No caso de Dino, ele se afastou do grupo antes do início do meu campo, devido à pandemia. Artista plástico, ele e Lúcio eram amigos desde os tempos do primeiro grupo que o dirigente *gefiano* fez parte, o acompanhando até a fundação do GEEFA. Antes da chegada de Antônio, Dino foi o membro que mais se aproximou do papel de médium revelador dos roteiros das reuniões mediúnicas e de conselheiro do dirigente *gefiano* (quando estava em transe mediúnico). Ele era o principal aplicador de *passes*⁴² da casa nesse período. Contudo, houve um atrito entre as partes com as cobranças de Lúcio sobre o comprometimento com os estudos do espiritismo e, em especial, da mediunidade. O que salvava Dino de ser prejudicado por espíritos malfeitores, dizia Lúcio, era seu bom coração e a vontade de trabalhar como médium.

Seu afastamento foi gradual e silencioso. Ele passou a acompanhar a esposa, que começou a tratar um câncer, e pouco a pouco deixou de frequentar o GEEFA. Com a chegada da COVID-19 e os discursos da direção da casa que apontavam como medrosas as pessoas que optaram por não continuar indo até a sede do grupo, Dino não apareceu mais.

Alisson frequentou o GEEFA mesmo depois que o coronavírus apareceu. Amiga de Antônio, chegou ao grupo por intermédio dele. Apesar das minhas tentativas, ela se mostrou irredutível em concordar com uma entrevista, sempre se mostrando muito nervosa quando eu fazia o convite. Após a pandemia, sua presença nas reuniões da casa ficou esparsa⁴³. Ela sentava à mesa, mesmo nas reuniões mediúnicas, mas não tinha uma mediunidade tão ostensiva quanto a dos outros membros. Se concentrava, dizia, em captar percepções⁴⁴ que pudessem ajudar no tratamento de algum espírito que fosse atendido na casa. A presença de Alisson também se tornou dispersa e rara, assim como nossas conversas durante o meu campo.

2.4 REFLEXÕES SOBRE AS TRAJETÓRIAS DOS TRABALHADORES

No GEEFA não havia ninguém que houvesse conhecido unicamente o espiritismo. Os membros do grupo passaram por outras religiões até se firmarem na doutrina espírita, mesmo

⁴² Falaremos sobre os *passes* no próximo capítulo.

⁴³ Somente quase dois anos depois ela me confidenciou que sofria de um processo intenso de depressão e síndrome do pânico, e por isso se afastou do GEEFA e nunca quis ser entrevistada.

⁴⁴ Sentimentos ou pensamentos que não eram dela, segundo a própria.

que desde cedo alguns já tivessem sido apresentados a ela. Para uma parte deles, não se verifica uma ruptura drástica nas suas agendas religiosas – o encontro com o espiritismo e com o GEEFA funcionou como uma continuação das suas trajetórias na busca de respostas e de conhecimento, como no caso de Lúcio ou de Bruna. Outros, entretanto, tiveram que abrir mão de espaços de frequência e de visões de mundo, como Antônio, Nazareno ou Maria.

Autoras como Arribas (2010) lembram que, nos primórdios do espiritismo no Brasil, figuras como a do médico e político Adolfo Bezerra de Menezes se esforçavam para correlacionar a então nova doutrina como sinônimo de cristianismo e uma continuação natural do catolicismo, “só que mais evoluída, condizente aos tempos modernos” (p. 109). Lewgoy (2000; 2004a) ratifica o empenho dos espíritas em apresentar sua doutrina como uma reinterpretação mais esclarecida do catolicismo. É assim que, futuramente, figuras de peso como Chico Xavier ressignificariam muitos símbolos já conhecidos dos católicos brasileiros, como personagens bíblicas e/ou pertencentes ao catolicismo (como os apóstolos e os padres), lhes dando novas roupagens para atualizar a formação da nação e propagar o espiritismo.

Alguns trabalhadores do grupo frequentaram espaços descritos como “a Igreja Evangélica” ou a “Igreja Protestante”. Em comum, relataram a insatisfação com algo que só foram encontrar no espiritismo: explicações sobre a continuação da vida após a morte, sobre a organização social do além, que é possível estudar essa outra vida ainda estando na Terra e sobre a possibilidade da comunicação com os mortos, os moradores desse admirável mundo novo. Mesmo reconhecendo os aprendizados absorvidos nas suas antigas igrejas, já não aceitavam a visão de que fora dos muros delas apenas havia pecadores, como refletiu Antônio; ou de que as experiências de transe e de *desdobramentos* não eram reais, como protestou Maria; ou, ainda, de terem de aceitar uma visão que colocava Deus a serviço dos homens e de seus dogmas, conforme Nazareno. Todos romperam com um sistema que, para eles, não ofereceu respostas satisfatórias para suas questões e os posicionava em um paradigma sincrônico, como escreve Roberto Cardoso de Oliveira (2000), onde, para eles, os espaços das igrejas estavam “engessados” com visões e explicações aquém das que buscavam.

O vocabulário de Antônio em relação aos textos bíblicos chamava atenção por ser notório que ele aproveitava essa “herança” dos seus tempos de igreja, tanto nas suas falas quanto nas suas incorporações, fazendo dele um exemplo do que Campos e Reesink (2014) pensam sobre rupturas e conversões: ele preservou, em um conjunto maior, a crença em Deus e no cristianismo, seguindo os protocolos das histórias bíblicas que memorizou, mas rompeu com o protestantismo, atualizando seu conhecimento sobre as Escrituras para a dinâmica espírita. Como explicam as autoras:

[...] em relação ao conjunto maior (crença em Deus) realiza-se em outros termos a continuidade, contudo, em relação aos subconjuntos (católicos, protestantes, afros) introduz-se uma descontinuidade. Essa dinâmica parece implicar, portanto, que a continuidade só seria possível mediante uma ruptura (CAMPOS & REESINK, 2014, p. 64).

Ao sair da Igreja Evangélica, Antônio descontinuou o subconjunto “protestantismo” para se integrar a outro, o “espiritismo”, porém sem deixar de pertencer ao conjunto maior, o “cristianismo”. Essa estratégia veio a calhar para que ele fosse visto com bons olhos por Lúcio, que enxergou o conhecimento das passagens bíblicas detido por ele como algo inspirado, a ponto de ponderar se Antônio não seria capaz de ser médium dos apóstolos presentes nos Evangelhos, como Pedro.

Também havia a presença daqueles que tiveram contato com o catolicismo antes do espiritismo, como Morgana, Afonso, Wycara e Juliana; além dos que conheceram primeiro o espiritualismo⁴⁵, como Lúcio e Bruna – essa última fazendo incursões em outros subconjuntos (“umbanda”), que não levou para a convivência no GEEFA.

É interessante observar que não havia ninguém “nascido” no espiritismo, ou seja, que fosse espírita desde o berço, mas, em maior ou menor escala, todos tiveram pessoas em suas vidas que foram responsáveis por lhes apresentar a doutrina espírita – ninguém resolveu, por conta própria, pesquisar individualmente o espiritismo. Fosse com um livro, uma conversa ou o convite para uma palestra, sempre houve alguma figura-chave: Lúcio teve o pai interessado em espiritualismo e a esposa aberta ao universo extra-católico que o levou a uma cirurgia espiritual; Antônio teve uma ex-aluna para conversar e emprestar livros que o levaram até a palestra de Lúcio; Juliana teve sua tia e o próprio Lúcio em seu ambiente de trabalho; Bruna teve a prima que lhe mostrou a mediunidade *in loco* e a tia que a levou a um centro espírita; Morgana teve sua avó; Nazareno, as conversas com o tio que varavam as madrugadas; Afonso contou com seu avô e ele mesmo, por sua vez, apresentou o espiritismo a Wycara. E Maria teve sua amiga, já espírita, que a encaminhou para outros grupos até chegar ao GEEFA. Essas trajetórias lembram, proporcionalmente, os caminhos dos trabalhadores que Yvonne Maggie (1977) traçou em seu estudo em um terreiro umbandista, ao escrever que

⁴⁵ Cabe aí uma diferença fundamental entre os termos espiritismo e espiritualismo. Segundo Kardec, (2013a), “quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista” (p.13). Entretanto, para se declarar espírita, uma pessoa teria que aderir ao corpo teórico dessa doutrina. O espiritismo, então, seria um desdobramento do espiritualismo, “a crença na existência de Espíritos e em sua comunicação com o Mundo Visível” (CAVALCANTI, 2008, p. 9). Como dizia Lúcio, “nem todo espiritualista é espírita, mas todo espírita é espiritualista”.

Nas histórias de vida estão sempre presentes no processo de socialização do indivíduo elementos desse “código religioso”. Existe sempre um elemento da família que frequenta terreiros, ou o próprio indivíduo já tinha tido experiências de “mediunidade” [...] (p. 118).

2.5 CONFLITOS ANTES DO GEEFA

O GEEFA como o conhecemos aconteceu a partir de uma sucessão de conflitos que eventualmente o formaram. Vamos pensá-los a partir do conceito dos dramas sociais descritos por Turner (2017):

Na sua forma mais simples, o drama consiste em um modelo de quatro fases, partindo da ruptura de alguma relação considerada crucial no grupo social relevante – o que estabelece não somente seu cenário, mas também muitos de seus objetivos –, passando por uma crise que cresce rapidamente em direção às principais clivagens dicotômicas do grupo, até o acionamento de formas de reparação ou reconciliação legais ou rituais entre as partes em conflito, que compõem o campo de ação. A fase final consiste na expressão pública e simbólica da reconciliação ou da cisão irremediável. A primeira fase caracteriza-se, muitas vezes, pela violação clara e pública de alguma norma ou regra que governa uma relação – chave transformada de amizade em oposição. Há numerosas variações possíveis no que diz respeito à sequência de fases e ao peso que elas possuem no drama (p. 72).

Para Turner (2017), os dramas sociais são processos de desarmonia que acontecem em situações de conflitos, ou seja, quando interesses e atitudes de grupos e indivíduos são opostas. Quando isso ocorre, podemos distinguir várias etapas que surgem e que podem ser analisadas em diferentes contextos:

O drama social tem início quando a paz da vida social regular, governada por normas, é interrompida pela *ruptura* de uma regra que controlava uma de suas relações mais evidentes. Isso, de forma rápida ou gradual, leva a um estado de *crise*, que, se não for resolvido prontamente, pode dividir a comunidade em facções e coalizões rivais. Para evitar que uma divisão aconteça, meios de *reparação* são adotados por aqueles que se consideram ou que são considerados os representantes mais legítimos ou de maior autoridade na comunidade (TURNER, 2015, p. 130-131, grifos do autor).

Como colocado acima, após a ruptura de uma regra de controle são ativados mecanismos de reparação, que poderão ter o desfecho da reconciliação das partes em disputa ou uma ruptura irremediável:

Se a situação não retornar ao estado de *crise* (que pode permanecer endêmica até que haja alguma reestruturação radical das relações sociais, às vezes por meios revolucionários), entra em jogo a próxima fase do drama social, que envolve soluções alternativas ao problema. A primeira é a reconciliação das partes em conflito após os processos judiciais, rituais ou militares; a segunda, o *entendimento consensual de que se trata de uma ruptura irremediável*, que em geral é seguido pela separação espacial

das partes. Já que os dramas sociais suspendem a encenação normal dos papéis cotidianos, eles interrompem o fluxo da vida social e forçam o grupo a tomar ciência de seu próprio comportamento em relação aos seus valores, levando-o algumas vezes até a questionar o valor desses valores (TURNER, 2015, p. 131).

Recordando a trajetória de Lúcio até finalmente fundar o GEEFA, podemos dizer que ele esteve envolvido em um processo de conflito e, logo, em meio a um drama social de menor escala. Quando fez parte do grupo espírita de seu amigo Roberto, sua saída se deu por conta do incômodo do dirigente daquele lugar devido ao seu crescente protagonismo – fruto de uma autonomia conferida a ele pelo próprio Roberto. A coisa toda tomou uma proporção onde Roberto procurou, em sigilo, alguns dos frequentadores da sua casa para comunicar sua decisão de que expulsaria seu amigo, alegando não ter mais privacidade, pois Lúcio, que na época tinha a chave da sua casa, estava lá o tempo todo. Ao chamar as pessoas, como Claudete, para conversas em particular, Roberto queria verificar se teria apoio e quórum para concretizar sua vontade. Como muitos dos frequentadores do centro chegaram lá a convite de Lúcio, após sua saída essas pessoas o seguiram e a casa de Claudete se tornou o ponto de encontro para o grupo que se formou após essa separação.

Nesse cenário, Roberto é a personagem que torna público o antagonismo entre ele e Lúcio, figura invasiva que atrapalha sua paz de espírito. O primeiro, incomodado com a presença do amigo, fomenta o paradigma-radical⁴⁶ de que o segundo transgredia os limites entre centro espírita e residência – ambos locais dele, Roberto. Procurar outras pessoas para desabafar e expectar seus posicionamentos fez com que elas se vissem obrigadas a tomar um partido ou apelar para uma reconciliação. Como a proposta de entendimento entre as partes – ou entre a parte, pois até então Lúcio estava desinformado sobre a insatisfação de seu amigo – fracassa, a ruptura evolui para uma crise silenciosa cuja reparação é recusada. Assim, a conclusão desse drama acontece com “a separação de uma minoria dissidente da comunidade original em busca de nova moradia” (TURNER, 2015, p. 11).

Victor Turner trouxe, em vários momentos da sua obra (2015; 2017), as fases em que as situações de conflitos podem acontecer, sejam em aldeias ou em sociedades de alta complexidade. No começo de 2018, com o GEEFA recém-inaugurado, aconteceu uma reunião administrativa com a presença de Lúcio, Claudete, Juliana, Bruna, Henrique (um antigo trabalhador da casa que se afastou antes da pandemia estourar) e eu. Até então, todos estavam empolgados com a sede própria do grupo, as possibilidades de atividades que poderiam se

⁴⁶ Conceito apresentado por Turner (2017) para explicar modelos apriorísticos que influenciam a deflagração de um drama.

desenvolver e com o potencial da casa. Lúcio comunicou que havia pensado muito a respeito da necessidade de haver uma espécie de grupo gestor para administrar os assuntos mais urgentes do GEEFA – e que, depois de muitas reflexões, havia decidido nomear Juliana e Bruna para ocuparem essas funções. O que até então era um encontro tranquilo se transformou em uma arena de disputas de posições. Segundo Turner (2017), “uma arena é um arcabouço – seja ele institucionalizado ou não – que funciona manifestamente como um cenário para a interação antagonística” (p. 123) e, nesse caso, vimos uma Claudete inconformada com sua ausência nesse subgrupo *gefiano*. Pelo tempo de amizade com Lúcio e por terem começado juntos, para ela sua presença deveria ter sido natural. Lúcio, porém, argumentava que dada a agenda curta da amiga para se dedicar ao dia a dia da casa, não via sentido em convidá-la para o grupo gestor. Ainda segundo Turner (2017), vemos que “a arena é um quadro explícito; nada permanece meramente subentendido. A ação é definida, as pessoas falam com franqueza; as cartas estão sobre a mesa” (p. 124) – e foi o que aconteceu por longos minutos: Claudete se empenhou em dizer a Lúcio sobre seus esforços para manter o grupo vivo e se colocar em um papel de respeito diante dos demais, por seu tempo de contribuição. Após essa reunião, sua presença na casa foi minguando até se esvair, quando ela passou a trabalhar fora de Pernambuco.

Bruna, também por sua agenda atarefada, não participou das reuniões do grupo gestor. Com a chegada de Antônio, ele rapidamente passou a ocupar o “vácuo” deixado por ela, com o apoio de Lúcio que, como vimos, enxergou na disponibilidade e mediunidade do amigo um casamento perfeito para as atividades do GEEFA.

Já vimos que Turner (2017) escreve que os dramas sociais, usados para análise e descrição de episódios manifestos de conflitos sociais, se manifestam em quatro fases. A primeira delas, a *ruptura*, acontece em quaisquer relações sociais formais regidas pela norma e é sinalizada pelo rompimento público e evidente ou pelo descumprimento deliberado de alguma norma crucial que regule as relações entre as partes – para Turner (2017), é o estopim de um confronto. Quando Lúcio anunciou a ausência de Claudete da posição de membro-diretor do GEEFA, aconteceu uma quebra de confiança que rompeu o relacionamento de ambos: para ela, que começou o grupo de estudos em seu próprio local de trabalho e depois acolheu Lúcio e os dissidentes do centro de Roberto em sua casa, ter cadeira cativa em uma posição de tomadas de decisões deveria ter sido evidente. Ao se perceber “preterida” por Juliana e Bruna, ainda jovens no espiritismo, Claudete acionou a importância dada pelos espíritas aos que possuem a “antiguidade na doutrina” (LEWGOY, 2004b), sem conseguir, porém, modificar a decisão do dirigente do GEEFA.

A segunda fase do drama social é a da *crise crescente*: se a ruptura não for isolada dentro de uma área limitada de interação social, ela tende a se alargar ou escalar. O que antes estava legado ao privado ou ao oculto se torna visível, evidenciando a estrutura social e suas relações. Turner (2017) reflete que é na *crise* que se levanta um suspense de um estado liminar das coisas, desafiando os representantes da ordem a lidar com isso, sem poderem ignorar ou desprezar. A postura de Lúcio diante de Claudete foi a de não abrir mão do convite feito a Juliana e Bruna, escalonando a crise em plena reunião.

A terceira fase é a *ação corretiva*: aqui, para limitar a difusão da crise, são criados mecanismos de ajuste e regeneração, informais ou formais, institucionalizados ou não e que são operados por membros de liderança do sistema social perturbado. Podem ser desde conselhos pessoais e mediação ou arbitragem informal até mecanismos jurídicos e legais formais. Se a correção falhar, alerta Turner (2017), há um retorno ao estado de crise, e é aqui que podemos enxergar com maior clareza os eventos que narramos há pouco:

Entretanto, onde a comunidade perturbada é pequena e relativamente fraca, em face da autoridade central, a regressão à crise tende a se tornar uma questão de faccionalismo endêmico, pungente e latente, sem a presença de confrontos agudos e abertos, entre partes consistentemente distintas (TURNER, 2017, p. 36).

Segundo Roberto, várias foram as tentativas dele em fazer com que Lúcio entendesse que, em primeiro lugar, aquela era a casa dele (antes de ser um centro espírita). Na versão de Lúcio desse drama, esse acordo sempre foi muito bem entendido e respeitado – e ser convidado a se retirar foi um golpe para ele. Roberto, entretanto, já estava decidido pela saída de Lúcio, mas não queria perder outros integrantes, os procurando em particular para conseguir apoio a essa decisão de desligar o antigo amigo. Em outros termos, Roberto queria contornar o alargamento de um conflito (o antagonismo entre ele e Lúcio) que poderia vir com a ruptura que ele provocou – e procurar as pessoas para se justificar foi a *ação corretiva* encontrada por ele. Todavia, essa ação falhou, pois ele não levou em conta que muitas pessoas seguiriam Lúcio.

Tempos depois, seria Lúcio a ocupar uma posição de autoridade central e os seus mecanismos de reparação de uma crise falhariam em manter Claudete no GEEFA. Por outro lado, quando Bruna foi chamada à atenção diante do grupo pelo episódio em que foi ajudar sua prima, Lúcio se apressou na sua ação reparatória, embora se reunindo com ela em particular.

A quarta e última fase do drama é a *reintegração*. Agora, ou o grupo é reintegrado ou se reconhece e se legitima socialmente o cisma irreparável entre as partes em conflito. Para

Lúcio, o cisma no grupo de Roberto o levou aos encontros provisórios na casa de Claudete, que serviu para ele avaliar a possibilidade real de fundar o GEEFA.

Outro aspecto importante observado no GEEFA era o senso de urgência que Lúcio e Antônio tinham para tomar a frente de todos os eventos. O grupo se tornou, para eles, o meio de recuperarem o tempo que desperdiçaram antes de se encontrarem na doutrina espírita, como disse Antônio em entrevista. Aqui, podemos trazer à discussão a noção dos “grupos-estrela”:

A maioria de nós tem o que gosto de chamar de “grupos-estrela”, aos quais devemos nossa mais profunda lealdade e cujo destino é para nós uma grande preocupação pessoal. Somos todos integrantes de muitos grupos, sejam eles formais ou informais, desde a família até a nação ou alguma instituição religiosa ou política internacional. Cada um faz sua própria avaliação subjetiva de seu respectivo valor: alguns lhe são “queridos”, é seu “dever defender” outros, e assim por diante. Para diferentes “grupos-estrela” algumas situações trágicas surgem de conflitos de lealdade. Um grupo-estrela é aquele com que a pessoa se identifica mais profundamente e no qual encontra mais satisfação de seus principais esforços e desejos sociais e pessoais (TURNER, 2015, p. 96).

Segundo o autor, em toda cultura há certos grupos aos quais participamos obrigatoriamente, como a família, a escola ou o emprego, mas que não são nossos “grupos-estrela” de preferência. No caso de Lúcio, o espiritismo e, mais adiante, o GEEFA eram tão importantes que ele chegou a transformar seu local de trabalho em ponto de aplicação de *passes* para alguns colegas e avaliá-los como frequentadores em potencial do GEEFA, fosse para estudar (e trabalhar), como Juliana, fosse para submetê-los a tratamentos.

É no grupo-estrela que o sujeito mais procura por amor, reconhecimento, prestígio, autoridade e outros benefícios e compensações tangíveis e intangíveis. É neles que se consegue respeito por si mesmo e um senso de pertencimento entre aqueles a quem se respeita. Mas todo grupo real tem, ao mesmo tempo, integrantes que o consideram seu grupo-estrela e outros que talvez o vejam com indiferença ou até desgosto. As relações nesse grupo entre os “membros-estrela”, como poderíamos chamar a primeira categoria de integrantes, muitas vezes são altamente ambíguas [...]. Eles reconhecem o apego mútuo e como entre os integrantes, mas sentem ciúmes entre si da intensidade relativa desse apego ou da estima com que outro integrante é visto pelo grupo como um todo. Eles podem brigar uns com os outros para ocupar os altos cargos do grupo, não meramente em busca de poder, mas na convicção de que eles e somente eles realmente entendem a natureza e o valor do grupo e podem altruisticamente avançar seus interesses (TURNER, 2015, p. 97).

Quando Lúcio pontuava que era preciso disponibilidade para ocupar um cargo de direção, ele falava do lugar de um *membro-estrela* do GEEFA. Da mesma forma, a ascensão de Antônio e a autoridade que Lúcio lhe referendava incrementavam a posição de liderança construída por ambos e aumentava o senso de pertencimento à casa, algo que se resumia na frase do dirigente *gefiano* de que era preciso “viver o GEEFA”.

Mesmo vista como *membro-estrela* do GEEFA ao ser apresentada como parte do corpo dirigente, paulatinamente Bruna foi sendo relegada à categoria de trabalhadora comum, já que ela não se aproximou dos outros *membros-estrela*. Por outro lado, sua agenda apertada foi se mostrando como uma fuga daquele compromisso que a havia pego de surpresa (e que ela não se sentia à vontade para aceitar, especialmente depois da reunião com Claudete).

Já Juliana, após conversas em particular com Lúcio, abraçou seu papel de liderança em formação – e isso teve um efeito em outros membros da casa, que passaram a vê-la como alguém pró-grupo gestor e com pouco ou nenhum interesse nos “simples” trabalhadores.

2.6 LÚCIO E ANTÔNIO

A narrativa construída por Lúcio a respeito da sua formação remete ao que pensa Camargo (1961), quando escreve que “*a experiência pessoal e a leitura doutrinária* fornecem elementos críticos que tendem a eliminar a hierarquia ‘por autoridade’, dando ênfase na ‘por persuasão’” (p. 62, grifo nosso). Diante de seus pares do GEEFA, ele teria o que Lewgoy (2004b) chama de *antiguidade na doutrina*, “uma espécie de classificação hierárquica complementar, certamente importante num sistema religioso que tanto valoriza a igualdade entre os participantes” (p. 257). Lúcio era alguém, em resumo, que inspirava confiança a quem visitasse o GEEFA, pois a autoridade da sua fala

Decorria de fatores extradiscursivos – como a credibilidade do falante como médium e *trabalhador reconhecido*, sua *antiguidade no espiritismo* – e discursivos, como a articulação dos enunciados, a clareza de sua exposição e a força racional de seus argumentos (LEWGOY, 2004b, p. 270, grifos do autor).

Essa posição fazia com que ele sempre fosse consultado para ouvirem suas impressões a respeito de palestrantes, obras espíritas e até de experiências pessoais. Além disso, Lúcio também se permitia refutar, por exemplo, sistemas de ensino conhecidos (e reconhecidos) pelo movimento espírita, como o ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita)⁴⁷. Em sua visão, haveria outras maneiras, mais empíricas, para o desenvolvimento dos médiuns⁴⁸, que não

⁴⁷ Oferecido pela FEB, que deixa a critério de cada grupo espírita adotá-lo ou a qualquer outro sistema de estudo do espiritismo, “desde que guardem coerência com os postulados da Codificação” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 2019, p. 222).

⁴⁸ Giumbelli (1997) aponta que desde o início da FEB eram usados veículos de comunicação oficiais, como *O Reformador*, para recomendar aos grupos espíritas o estudo metódico de obras doutrinárias para preparar os médiuns: “só depois de dois ou três anos de estudos, exercícios e preparos é que se poderia dar início à recepção de ‘comunicações espirituais’” (p. 234).

precisavam se submeter a anos de estudos e serem privados da vivência de uma mesa mediúnica, sendo monitorados sob a justificativa de serem “educados”. Sob a aura de alguém que se preparou para ocupar aquela posição, amparado pelos espíritos benfeitores e com uma urgência de fazer com que as atividades do grupo fossem regulares e potentes, Lúcio se mostrava como alguém com uma necessidade de controle – das leituras e estudos realizados dentro e fora da casa, pela pontualidade dos horários das atividades, do conteúdo doutrinário consumido. Se algo saísse do *script* considerado por ele como seguro para a construção de um bom trabalhador espírita, viriam mecanismos de correção, como quando ele chamou a atenção de Bruna diante de todo o grupo com um discurso que rebaixava a prima dela por considerá-la uma médium despreparada (já que não estudava o espiritismo e não fazia parte de um grupo).

Outro elemento crucial para a construção do *ethos* do GEEFA era a relação Lúcio-Antônio. Eles encontraram um ponto de equilíbrio para operar com os capitais acumulados pelo primeiro e a mediunidade do último. A trajetória de Antônio, que de espectador se tornou membro de confiança, foi rápida. Graças aos relatos dele era possível, nas reuniões mediúnicas, saber a quantidade de espíritos trazidos para os *diálogos* com Lúcio, suas histórias, como se sentiam nos momentos dos atendimentos e quais as suas condições (suicidas, vítimas de assassinatos, doentes etc). Avalizado por Lúcio e construindo a imagem do trabalhador (e médium) infatigável, a participação de Antônio se tornou indispensável para o dirigente do GEEFA. Para Lúcio, era inquestionável a assertividade da mediunidade do seu companheiro e isso significava uma preocupação a menos para ele, que poderia se concentrar em ser “apenas” o responsável pelos *diálogos* nas reuniões, sem a responsabilidade de ter que investigar que tipo de espírito estava conversando com ele. Mesmo que as percepções mediúnicas de Antônio fossem questionadas por outras pessoas (o que aconteceu mais de uma vez – e por médiuns diferentes), permanecia a confiança inabalável nele. Para justificar percepções que entrassem em contradição, eles diziam que cada pessoa possuía uma mediunidade diferente, portanto cada médium teria uma percepção distinta de um mesmo espírito ou situação.

Segundo Jourdain e Naulin (2017), e a partir da teoria de Pierre Bourdieu, notamos que “cada espécie de capital é fruto de uma acumulação em vista de obter um proveito ou rendimento, material ou não” (p. 126). Na história de Lúcio, havia um acúmulo de vários capitais: o *cultural*, que as autoras traduzem como os “recursos culturais que permitem a um indivíduo apreciar os bens e as práticas próprias à cultura erudita” (p. 127) e que se materializam nos livros que ele consumia, além da participação em eventos espíritas, convites para palestras em outras casas ou a participação em seminários; o *econômico*, já que, de todos os membros do GEEFA, Lúcio era o maior portador de recursos financeiros, o que garantiu o surgimento da

sede do grupo em um curto espaço de tempo; o *social*, caracterizado como “o conjunto de recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-relacionamento” [...] (JOURDAIN & NAULIN, 2017, p. 127, grifo das autoras), aqui representado pelo *network* que o ligava às lideranças e membros de outros centros espíritas de Caruaru e nos convites que recebia para frequentar esses locais; e, finalmente, o capital que fazia de Lúcio a figura central do GEEFA, o *simbólico*, que

Reenvia às noções de prestígio e de reconhecimento social. Pierre Bourdieu especifica que “o capital simbólico não é outra coisa senão o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido”. Dispor de capital simbólico, pois, é ter certo poder sobre os que estão dispostos a nos dar crédito (JOURDAIN & NAULIN, 2017, p. 128).

Esse último capital permitiu a construção de um espaço social para Juliana a partir das distâncias sociais (apontadas por outros membros do GEEFA) colocadas pela tríade Lúcio-Antônio-Juliana, a elevando ao *status* de “membro-gestor” e “protegida” de Lúcio. Da mesma forma, outras pessoas, como Afonso e Wycara, médiuns não-ostensivos, foram alocados aos trabalhos mediúnicos somente com o aval de Lúcio-Antônio. Todos esses exemplos foram construídos com a ajuda de narrativas simbólicas atribuídas à espiritualidade – no começo, com as mensagens psicografadas por Lúcio, que o apontavam à liderança do GEEFA por “vontade divina” – e ao apelo que o dirigente do grupo fazia para que aqueles que entrassem em divergência confiassem na sua experiência e no seu conhecimento, ou seja, na sua autoridade ou, como dito anteriormente, na sua *persuasão*, na acepção de Camargo (1961).

Tudo isso se reflete no *capital político* que Lúcio e Antônio dominaram para liderar o GEEFA. Na qualidade de dupla dirigente da casa, eles tinham o poder de aproximar ou manter a certa distância os membros que julgassem mais ou menos capazes. Como escreve Bourdieu (1989),

[...] a concentração do capital político nas mãos de um pequeno grupo é tanto menos contrariada e portanto tanto mais provável, quanto mais desapossados de instrumentos materiais e culturais necessários à participação activa na política estão os simples aderentes (p. 164).

Assim, acolher pessoas como Juliana para apossá-la de conhecimento e de oportunidades de estar à frente do grupo (com palestras, estudos e protagonismo nas reuniões mediúnicas) lhe dava uma participação ativa na política do GEEFA e mostrava aos demais a

sua posição na estrutura da casa. Quanto aos outros, restava continuarem o trabalho e “correrem atrás” do acúmulo de capitais para pleitearem mais autonomia nessa dinâmica.

Para Arribas (2014), dentro do universo espírita podemos encontrar certos tipos-protagonistas inspirados nos tipos de autoridade weberianos. Segundo a autora,

[...] o agente espírita que detém alguma legitimidade no meio pode acionar, ao menos, três formas de autoridade: (1) a autoridade carismática, a partir de um carisma pessoal ou a partir de meios ditos mágicos; (2) a autoridade institucional, enquanto agente de uma instituição ou agente em vias de construir uma instituição; e (3) a autoridade intelectual ou ideológica, cujo portador é geralmente o criador ou mantenedor de convicções, práticas e crenças específicas (p. 143).

Considerando sua ascensão dentro do GEEFA, vemos em Antônio elementos de autoridade carismática “a partir de um carisma pessoal ou a partir de meios ditos mágicos” (ARRIBAS, 2014, p. 142), como seu conhecimento bíblico atualizado à medida que estudava o espiritismo e aprendia com o repertório kardequiano de Lúcio, aliado às suas narrativas mediúnicas, o que o leva ao papel de coprotagonista nas conduções das sessões mediúnicas do GEEFA.

Segundo Arribas (2014), funções e atividades não são estáticas e podem se mesclar – o que, no caso de um grupo pequeno como o GEEFA, acabou acontecendo. Antônio era um médium que também desempenhava um papel “burocrático-institucional” (p. 143) ao lado de Lúcio na resolução de atividades cotidianas (como a faxina da casa) e na formulação das estratégias de atuação do local. O mesmo acontecia com o dirigente do GEEFA, também médium, mas em menor potência. No caso dele, porém, havia o distanciamento da imagem carismática e uma aproximação da figura da autoridade institucional atrelada à criação e ao comando *de facto* do grupo.

Nesse capítulo, conhecemos o processo de formação do Grupo de Estudos Espírita Francisco de Assis, o GEEFA e seus membros. Na próxima seção teremos a oportunidade de apontar algumas características caras ao espiritismo, como a prática do estudo, da caridade e da mediunidade dentro do escopo do grupo estudado.

3 O GEEFA EM SUAS PRÁTICAS

Nesse capítulo, traremos apontamentos sobre algumas categorias presentes no espiritismo, como a prece, o *passe*, os estudos e a mediunidade. Veremos o que a literatura antropológica tem a nos dizer a respeito delas e também as pensaremos no ambiente do GEEFA. Cada uma delas regulava as atividades executadas pelo grupo – e se mostravam, também, como instrumentos que exibiam mais nuances das lideranças da casa.

3.1 A PRECE PARA O GEEFA

A prece permeava todas as atividades do GEEFA: marcando o início e o término de algum trabalho⁴⁹; como mecanismo de concentração; como evocação dos espíritos ou como agradecimento (a Deus, a Jesus, à espiritualidade amiga...). Ela é entendida, como escreve Reesink (2009), como o lugar da palavra e da conversação entre os seres humanos e os seres divinos. Bruna, por exemplo, pensava nela como “uma oportunidade para você se reconectar e se ligar com a espiritualidade”.

Segundo Leite (2014), para os espíritas a prece não possui um roteiro fixo. Via de regra, alude-se a Deus, a Jesus Cristo e então se agradece aos espíritos superiores e aos benfeitores espirituais, seguindo uma hierarquia de potências. Para Lewgoy (2004b), essa hierarquia, ainda que não oficializada, está no universo espírita por haver “uma certa ordem hierárquica de mediadores a ser respeitada, de acordo com a importância atribuída a cada um” (p. 272). É por isso que primeiro se alude a Deus, depois a Jesus, em seguida aos benfeitores espirituais e, por fim, se for o caso, aos encarnados. No GEEFA, seguia-se um roteiro similar, porém com a adição de alguns elementos, como as figuras de Francisco de Assis, considerado o patrono espiritual da casa e, ocasionalmente, de Maria, a mãe de Jesus⁵⁰ – especialmente por sua ligação com o próprio Francisco⁵¹.

⁴⁹ Para Cavalcanti (2008), nos trabalhos espíritas, como as reuniões mediúnicas, a prece está sempre presente para ao menos sinalizar o início e o término das sessões. Dessa forma os médiuns enfatizam, então, a desproporção entre a grandeza dos trabalhos e a sua pequenez como seres na carne.

⁵⁰ Nesse caso, muitas vezes Maria era lembrada nos diálogos e nas preces dos próprios espíritos trabalhadores da casa.

⁵¹ Sobre a relação entre Maria e Francisco de Assis, era de ampla aceitação, de acordo com o que me foi explicado no GEEFA, que em uma encarnação predecessora ele teria sido o apóstolo João. Lúcio me recomendou os livros *Francisco de Assis* (1997), de autoria de João Nunes Maia e atribuído ao espírito Miramez; e *Francisco - O sol de Assis* (2016), de autoria de Divaldo Franco e Cezar Braga Said, para saber mais sobre a trajetória de João/Francisco – o que remete aos conceitos de “Eu maior” e “Eu menor” de Cavalcanti (2008) para essa personagem: um espírito que coleciona existências “menores” de abnegação para desfrutar de um *status* “maior” de grande figura celeste. A biografia de Francisco de Assis é abordada em vídeo pela Federação Espírita Brasileira, onde se repete a informação dele como a reencarnação do apóstolo João, o Evangelista (FEBTV, 2014).

N'O *Evangelho segundo o espiritismo*, a prece tem uma função basilar nas ações dos seres humanos como forma de comunicação, sobretudo através do pensamento. Os dois últimos capítulos desse livro são dedicados exclusivamente a ela. O penúltimo discorre sobre temas como as qualidades, eficácia e a ação da prece; além da transmissão do pensamento durante essa ação; das instruções dos espíritos sobre a maneira de orar e a felicidade proporcionada pela prece. No derradeiro, Kardec (2013c) se apressa em pontuar que apesar dos modelos de preces que compilou, o que vale para os espíritos é o conteúdo da mensagem de quem ora, em detrimento da forma. A prece espírita, como reflete Cavalcanti (2008), é a criação de quem que a profere.

Leite (2014) observa que as preces, na condução das reuniões mediúnicas, são breves, dado o tempo limitado disponível da equipe espiritual que auxilia o grupo de encarnados. Isso também acontecia no GEEFA – inclusive além das sessões mediúnicas, como na abertura e encerramento de *lives*. Ocasionalmente, ao final dos trabalhos mediúnicos, alguns dos médiuns incorporados (por benfeitores ou, raramente, por espíritos que outrora foram atendidos pelo próprio grupo) realizavam preces como forma de agradecimento aos atendimentos prestados ou como apelo ao grupo para direcionar mais preces em benefício de algum indivíduo ou algum segmento em particular (encarnados ou desencarnados), como a população carcerária de Caruaru, os pacientes hospitalizados em decorrência da COVID-19 (e seus familiares à espera de notícias), a população de rua, os suicidas. Dessa maneira, a prece também

Enquadra-se, portanto, como um ato de caridade o qual percebido como demonstração de generosidade e preocupação com o próximo. Gera naquele que a profere uma sensação de estar praticando o bem, e existe a crença no contexto espírita de que a prece suscita boas vibrações para quem ela foi dirigida. Além disso, *quando feita de forma sincera e sem a espera do retorno é significanda como um sinal de evolução espiritual* (LEITE, 2014, p. 91, grifo nosso).

Podemos pensá-la como sinal de busca de mudança íntima ou moral. No GEEFA, termos como *reforma íntima*⁵² ou *transformação moral* eram utilizados nas preces, aludindo tanto à busca por um avanço do próprio estágio moral quanto como agradecimento pelas mudanças interiores conquistadas. Era a revisão de uma trajetória individual daquilo que Concone e Rezende (2010) chamam de “saga moral”, que se pauta na construção, reformulação ou reafirmação de valores cristãos e, especialmente, nos valores espíritas. Assim, era muito comum, na realização de uma prece, se remeter a essa reforma como reconhecimento de que,

⁵² Em alusão, também, ao livro *Reforma íntima sem martírio* (2012), do autor Wanderley Oliveira e atribuído ao espírito Ermance Dufaux.

enquanto encarnados, pouco sabemos e muito temos que burilar de nossas próprias imperfeições.

No contexto *gefiano*, observamos a prece como instrumento de conversa íntima, diálogo com a espiritualidade, evocação para proteção e auxílio aos trabalhos desenvolvidos ou como intervenção em nome de quem precisa de ajuda (encarnado ou não). O roteiro de um atendimento mediúnico, por exemplo, teria uma prece como forma de abertura do momento e pedido de proteção e inspiração. Normalmente, Lúcio – ou alguém indicado por ele – pediria concentração de quem estivesse à mesa. De olhos fechados, apelaria que todos rogassem a Deus e a Jesus, governador da Terra⁵³, à espiritualidade amiga da casa e aos espíritos acompanhantes de cada um para que houvesse a proteção, o amparo e a inspiração na execução dos trabalhos reservados àquela hora. Da mesma forma, ao final de cada sessão, a prece seria proferida por apenas uma pessoa, em voz alta, agradecendo pelo auxílio dado. Quanto mais “capitalizada” a pessoa (no sentido bourdiano), como Lúcio, maior e mais elaborado seria seu discurso, com pausas e entonações na voz. Quanto menor fosse sua experiência ao fazer a prece, mais curtas e mais direcionadas a poucos atores seriam suas palavras (exemplo: agradecendo a Deus e aos benfeitores da casa, apenas) – e menor a sua vontade em querer se expor ao grupo. A prece funcionava como mecanismo de evidência, sob o ponto de vista do GEEFA, de que somente à custa de “capitalização” se adquiria desenvoltura para falar em público e com os espíritos. À medida que isso acontecia (a confiança adquirida com o estudo do espiritismo e a experiência adquirida *in loco* na casa), iniciativas para se fazerem preces foram surgindo. Também nesses momentos finais aconteciam incorporações ou psicografias de benfeitores, geralmente transmitindo recados de incentivo pela permanência dos trabalhos da casa, para que os membros se unissem cada vez mais, para agradecer pelas atividades executadas e, às vezes, para aconselhar o grupo em geral ou alguém em particular: Juliana, certa vez, recebeu a recomendação de um espírito de que aproveitasse os momentos em que estivesse em prece para imaginar o próprio reflexo e, a partir dessa visão, se perguntar como poderia ajudar a pessoa diante dos seus olhos.

⁵³ Segundo explicação no GEEFA, os espíritas acreditam em Jesus Cristo como o governador espiritual de todo o planeta Terra, acompanhando os passos de toda a humanidade na condição do globo como mundo em estado de regeneração.

3.2 O PASSE ESPÍRITA NO GEEFA

A literatura antropológica mostra que é possível observar o *passe* como um mecanismo terapêutico⁵⁴. Segundo Cavalcanti (2008), ele é pensado como “uma troca fluidica entre o Mundo Visível e o Mundo Invisível” (p. 93). Para Arribas (2010), esses *fluidos* seriam “um tipo mais etéreo de matéria ao mesmo tempo em que uma forma de energia, denominada ‘fluido espiritual’. Possuindo qualidades diferentes, eles poderiam ser bons ou maus, isto é, benéficos (os mais eterizados) ou maléficos (os mais densos)” (p. 195). A comunicação entre as energias do meio e do corpo podem se confundir e ter a capacidade de reagir sobre nosso organismo. O *passe*, então, consiste na imposição de mãos sobre alguém para aliviar dores e sofrimentos físicos ou espirituais, efetuar curas ou apenas fortalecer quem recebe esse auxílio, através da transmissão de bons fluidos que são manipulados graças à assistência dos espíritos.

Nosso corpo, como aponta Cavalcanti (2008), seria um todo dividido entre o orgânico/material e o espiritual que se inter-relacionam através do *perispírito*⁵⁵, que por sua vez atua como passagem entre o corpo e o espírito:

O corpo humano é uma parte apenas dessa totalidade composta de espírito, perispírito e corpo, que é o homem, e em relação a ela deve ser entendido. Assim sendo, no passe o objetivo moral sobrepõe-se ao físico, pois o que importa é sobretudo a “renovação do comportamento das criaturas” (p. 94).

Os *pases* seriam divididos em três tipos:

1. o *passe espiritual*, dado pelos Espíritos que, utilizando seus próprios fluidos, atuam diretamente sobre os Espíritos encarnados;
2. o *passe magnético*, em que as energias transmitidas são do próprio médium, que “doa sua força irradiante”. Geralmente, segundo os espíritas, esse passe é dado por pessoas sem credo nenhum.
3. o *passe mediúnico*, no qual a figura do médium é central, servindo de veículo para os fluidos que os Espíritos doam. Contudo, nessa transmissão, o médium sempre doa um pouco de seus próprios fluidos, daí esse passe chamar-se também de magnetismo misto. O *passe espírita* é o *passe mediúnico* (CAVALCANTI, 2008, p. 93-94, grifo da autora).

⁵⁴ Ver Greenfield (1999); Lewgoy (2000); Cavalcanti (2008); Arribas (2010); Leite (2014).

⁵⁵ Para Arribas (2010), o *perispírito* seria o corpo espiritual do ser humano, fluídico e “com as mesmas características fisionômicas do corpo carnal, mas que serviria como uma espécie de invólucro mais etéreo do espírito” (p. 179-180). Leite (2014) o define como “uma substância semimaterial, composta por *ectoplasma* que liga o espírito ao corpo físico. É nele que ficam arquivadas todas as informações provenientes das diversas vivências encarnadas do espírito, assim como a sua personalidade” (p. 124, grifo da autora). O *ectoplasma* seria o que os espíritas chamariam “uma substância composta por matéria neuro-orgânico-etérea” (ibid., p. 29). Por fim, Moura (2012) apresenta o *perispírito* baseando-se nas obras básicas de Kardec, como o envoltório semimaterial que une corpo e espírito. Após a morte, o corpo (ou o envoltório grosseiro) se destrói, mas o *perispírito* se conserva. Ambos provêm do mesmo elemento primitivo, sendo a mesma matéria em estado diferente.

No GEEFA, geralmente era Antônio quem acompanhava Lúcio na aplicação dos passes ao público. Quando eu me submeti a esse momento, fui conduzido ao quarto reservado. Nesses instantes, a iluminação dele era diminuída e geralmente uma luz azul ou verde era ligada. Pediram que eu sentasse em uma cadeira, fechasse os olhos e pensasse em Jesus e na *espiritualidade amiga*⁵⁶. Minhas mãos podiam permanecer apoiadas sobre os joelhos e uma música instrumental ou uma prece cantada (geralmente a oração de São Francisco) era tocada através de um celular, indicando o início do procedimento. Movimentos repetitivos com as mãos do *passista* percorriam o espaço, indo de um ponto um pouco acima da minha cabeça até a altura da cintura: primeiro, com as duas mãos, em posição horizontal, em paralelo e com as palmas abertas em direção à minha cabeça; depois elas deslizavam suavemente, até serem verticalizadas de forma sincronizada ao contorno do meu corpo (sem tocá-lo, entretanto). Em seguida, quando chegavam ao final do percurso, na altura da cintura do *passista*, eram cerradas abruptamente, em um gesto de expulsão de algo indesejável, por trás do corpo do próprio aplicador. As mãos se abriam somente quando o procedimento era retomado, ou seja, quando voltavam para cima da minha cabeça. Segundo Lúcio, esse era o passe do tipo *calmante*, cujo objetivo era reequilibrar os meus *centros de força*⁵⁷. Outro tipo era o *dispersivo*, voltado para o afastamento de energias deletérias impregnadas no corpo (material ou *perispiritual*) do paciente. Nesse, os braços e as mãos do *passista* inicialmente ficavam cruzados entre si e suas mãos começavam o procedimento fechadas. Os braços faziam um movimento de ziguezague, indo do alto da minha cabeça até a área abaixo da linha da cintura. As mãos do aplicador se abriam somente quando seus braços se desencontravam, em um gesto de expulsão de algo, sempre se aproximando e se separando. Ambos os momentos não duravam mais do que cinco minutos.

Segundo os *gefianos*, a conduta moral de um paciente garante uma maior ou menor absorção dos fluidos direcionados a ele no momento do passe. Por isso os recorrentes pedidos

⁵⁶ A noção de *espiritualidade* pode ser lida em dois sentidos. Primeiro, como um corpo de espíritos que realizam atos (como “a *espiritualidade amiga da casa*”, ou seja, o conjunto de espíritos que operavam os trabalhos espirituais junto aos encarnados); e segundo, como um lugar nem sempre localizável (“quando desencarnamos, voltamos à *espiritualidade*”), conforme explicado nos estudos do grupo.

⁵⁷ Sob a perspectiva de Greenfield (1999), quando encarnamos, graças ao *perispírito* as partes correspondentes do corpo espiritual se encaixam perfeitamente ao corpo físico (somático). “Os pontos de junção no corpo somático são chamados de plexo, uma rede de vasos sanguíneos e de nervos do sistema linfático. As partes correspondentes no *perispírito* são chamadas *chacras*” (p. 33, grifo do autor). E continua: “As *chacras* do perispírito são alinhadas exatamente ao plexo do corpo somático unindo, assim, as dimensões até então separadas do duplo universo [espírito e corpo, através do perispírito]” (p. 64, grifo do autor). Dessa forma, há uma relação simbiótica entre o espírito e o seu corpo somático.

para que o atendido “pensasse em Jesus” antes dos procedimentos. Manter o pensamento em preces e procurar esclarecimento através do estudo do espiritismo eram solicitações frequentes para a melhor receptividade dos fluidos emanados pelos bons espíritos.

Nas sessões mediúnicas, o *passe* era aplicado após uma incorporação difícil, quando o médium dava sinais de que havia um espírito (em sofrimento, perturbado, revoltado ou com intenções de prejudicar alguém) próximo a ele. Lúcio ou Antônio se posicionavam (embora outros também pudessem fazê-lo) atrás desse médium e aplicavam os *passes dispersivos*, na intenção de demover resquícios de energias danosas que pudessem ficar impregnadas no *campo fluídico* do trabalhador. Outros médiuns (que não estivessem em processo de incorporação) poderiam vir em auxílio para aplicar a “*imposição de mãos*” (*passes* com as palmas de ambas as mãos abertas e imóveis, em direção à pessoa/espírito), sempre com expressões de concentração e em preces. A ideia é que o *passe* ajuda a acalmar os espíritos, além de reequilibrar as energias dos médiuns.

Esse mecanismo equivale, proporcionalmente, ao esforço do xamã que canta para facilitar um parto difícil, como exposto n'A *eficácia simbólica* de Lévi-Strauss (2003). Transmutando o canto xamânico para os *passes* espíritas, podemos pensar na preparação do ambiente como um fator de predisposição para mudanças de estados. O canto, para Lévi-Strauss (2003),

Constitue [sic] uma medicação puramente psicológica, visto que o xamã não toca no corpo da doente e não lhe administra remédio; [...] diríamos, de bom grado, que o canto constitui [sic] uma *manipulação psicológica* do órgão doente, e que a cura é esperada desta manipulação (p. 221, grifo do autor).

No GEEFA, o cenário construído para a aplicação de um *passe* era tão importante quanto o próprio *passe*. Se posicionar para receber os fluidos dos bons espíritos e dos encarnados era também uma *manipulação psicológica*, funcionando para que o receptor do *passe* estivesse suscetível. O paciente, entretanto, precisa *querer* ser curado – e sua vontade é imprescindível para obter sucesso na cura, pois só ele teria o poder de se abrir para essa experiência.

3.3 O GEEFA E OS ESTUDOS

Lúcio levou para o GEEFA seu gosto pelos estudos, algo que, para Cavalcanti (2008), é um símbolo de *status* que se obtém e mostra a seriedade que os espíritas atribuem aos seus

trabalhos. Segundo a autora, é ele que diferencia o espiritismo das demais religiões mediúnicas, situando os espíritas no mundo. Como falamos no capítulo anterior, o apreço dele pelos estudos era reflexo do capital cultural e simbólico que ele procurava cultivar e usar a seu favor em suas movimentações no GEEFA. Além disso, a formação do grupo pairava em torno da dinâmica de pessoas se reunindo para debater textos espíritas. Um estudo no GEEFA, normalmente, era planejado pelo seu dirigente (os temas e os tópicos podiam variar, a depender do público – geral ou apenas os médiuns da casa), tendo início com uma prece e, enfim, a leitura dos textos ou capítulos de livros apontados por Lúcio. No caso das reuniões das sextas, dedicadas aos trabalhadores da casa, cada pessoa à mesa lia um parágrafo ou uma passagem, que seriam comentados à medida que eram falados. Uma preocupação de Lúcio era a de regular o teor dos debates para que as pessoas não divagassem ou passassem a usar exemplos de suas próprias vidas em todos os instantes. Caso estivessem em uma reunião aberta ao público, a depender do número de pessoas, os leitores dos textos seriam os próprios *gefianos* responsáveis pela coordenação do encontro (Lúcio e mais um ou dois membros disponíveis). Os finais sempre contavam com as preces de encerramento. O estudo era o principal mote do GEEFA porque, segundo Lúcio, o começo da ideia do grupo (quando ainda era o GEFA) foi ratificada por psicografias onde os espíritos pediram para que houvesse a nomenclatura que indicasse o estudo do espiritismo – quando ainda nem se falava em trabalhos mediúnicos. Para Lúcio, estudar no GEEFA deveria dar ao interessado uma autonomia para pensar por si só, a respeito do espiritismo, e

De não se contentar com aquilo que tá sendo posto apenas e não importa quem está colocando. É como se a pessoa usasse as informações como um mosaico que você está montando. Então, se você assiste a uma palestra, se alguém fala alguma coisa, se você escuta de A, de B ou de C qualquer assunto relacionado ao espiritismo, você compara com o que já leu, ou então se não leu procurar ler pra ver se aquilo ali... ou então, por que que aquilo ali tá lhe soando estranho. Ou então, será que você já aceitou de pronto aquilo que lhe foi dito? Então, essa mente investigativa de não se contentar, de chegar num ponto. Alguém diz seja lá o que for, e você "ah, é, tá bom", e nem franzir a testa, nem dizer assim "é, eu tô aceitando porque entendo assim também", eu no meu ponto de vista, ou então porque eu já estudei, ou então eu confio na informação porque sei que tem procedência. Então, não é agir mecanicamente, não é? (Lúcio).

A base dos estudos eram as obras de Allan Kardec (comentava-se sobre trechos de obras de Chico Xavier, mas mais como adendos), que se voltavam às aplicações do espiritismo no cotidiano e na compreensão da mediunidade, em especial para os próprios médiuns da casa. Como escreve Leite (2014), o médium “não deixa os estudos da doutrina espírita – e principalmente o discurso de defesa da importância de estar sempre relendo as obras básicas – de lado” (p. 133-134) e, segundo a ótica *gefiana*, essa é uma verdade, pois a cada releitura,

associada com as experiências vividas no exercício do trabalho espírita, novos horizontes se abrem. Entretanto, a diferença entre a ótica percebida e sua aplicação se fazia notar: Lúcio criticava a falta de interesse das pessoas (mesmo as *gefianas*), em especial médiuns que eram bastante ostensivos, mas que deixavam a desejar em matéria de se dedicarem à leitura⁵⁸. Para ele, isso comprometia a qualidade dos trabalhos, pois dava brechas para comunicações levianas ou enganações dos espíritos que quisessem atrapalhar a condução das atividades.

Para Lewgoy (2004b), “socializar-se no espiritismo significa familiarizar-se, estudar, falar bastante sobre os autores e obras canônicas, ou seja, ingressar num universo de debate e reflexão dominado por uma tradição religiosa escrita e letrada” (p. 256), algo que Lúcio reforçava com falas como “nós que somos espíritas temos que gostar de estudar, de ler”. Para ele, a leitura era algo inerente ao espírita e nada mais natural do que se cercar de quem tem interesse em compartilhar e aprender – no entanto, parecia que (ao menos no terreno do GEEFA) ninguém havia alcançado um nível satisfatório de fundamentos – todos ainda eram iniciantes e por isso ele assumia a figura do transmissor de conhecimentos que se disponibilizava a abrir horários da sua agenda. O objetivo de Lúcio era investir os *gefianos* com capital suficiente para que tivessem autonomia para representar o grupo. Mas essa pressa em equipar todos com repertório por vezes extrapolava a boa convivência. Houve ocasião em que Bruna chegou a se reunir com ele para abrir seus olhos a respeito das demandas particulares das vidas de cada *gefiano*: nem todo mundo tinha o tempo e os recursos dele para se debruçar mais sobre o espiritismo. Eu mesmo, nos tempos da “terceira casa”, também cheguei a trocar farpas em relação à insistência dele em querer que eu mergulhasse na literatura espírita em detrimento de outras. Para ele, não havia tempo a perder, pois eram muitos os trabalhos a serem feitos.

Outro ponto atentado por Lúcio dizia respeito ao grau de conhecimento de alguém em relação ao espiritismo. Por exemplo: Morgana, que começou a participar das reuniões mediúnicas da casa, teve as leituras de Kardec recomendadas para se familiarizar com o universo espírita; já sua colega Vânia, trabalhadora e dirigente do outro grupo que esteve no GEEFA para acompanhá-la (já familiarizada com o espiritismo), teve como sugestão uma série de livros voltada às *desobsessões*. Havia aí o que chamaremos de *gradação intertextual* – quanto maior o contato de alguém com a doutrina espírita, mais denso o conteúdo recomendado por Lúcio.

Para os membros do GEEFA, estudar o espiritismo era um abrir de portas para um universo que lhes dava explicações e possibilidades novas. Além disso, estudar livros e autores

⁵⁸ Ele usou o exemplo de Dino mesmo depois do afastamento desse médium do GEEFA.

consagrados no meio espírita dava um ar de confiabilidade à escolha da adesão ao espiritismo. É o que a fala de Afonso ilustra quando ele diz que

A fé espírita, ela é uma fé que você sabe o porquê de tudo. Você sabe os motivos, você sabe a *explicação científica* das coisas acontecerem. Então, é a fé raciocinada, né isso? [...]. Você acredita, mas porque eu acredito nisso? Não é à toa, não é porque falaram pra acreditar que eu vou acreditar. Eu acredito porque tem razão, *tem estudo pra isso* (Afonso, grifos nossos).

Ou seja, para aderir a essa fé, ele se pautou no estudo daquilo que escolheu crer. Ao fazer uso da expressão “explicação científica”, ele queria dizer que para acreditar, era preciso estudar um método que traduzisse os fenômenos espirituais para o seu entendimento racionalizado.

Morgana, que chegou no GEEFA a partir do atendimento ao seu irmão, que sofria de uma *obsessão*, foi inserida no grupo a partir do momento em que começou nos estudos da casa, procurando, segundo ela, entender profundamente como tudo funcionava – o espiritismo, a mediunidade e as *obsessões*. Nesse caso, estudar implicava em conhecer o que acontecia consigo mesma quando se é médium. Vejamos, também, uma fala de Antônio dentro desse escopo:

Quando a gente não tem esse conhecimento da doutrina espírita, a gente vivencia os fenômenos e não entende, na realidade, porque não tem o conhecimento literário da doutrina, não entende, né, e isso traz muitas confusões, na realidade. Mas a partir do momento que você tem esse conhecimento e começa a beber na fonte, o que é que acontece? Você não só passa a decifrar muita coisa do passado, que você passou e aí você "eita, tal dia e eu fiz determinada coisa e eu tô vendo que foi isso aqui, foi uma influência disso aqui", vamos dizer. Como também ao que vai acontecendo no nosso dia a dia. Porque, como eu disse, como a gente vai ficando mais sensível acerca desse mundo espiritual, desses fenômenos, então a gente vai pegando essa bagagem, a gente já começa a identificar aquilo que vai acontecendo ao nosso redor e que antes passava despercebido ou que a gente até sentia, mas não tinha o entendimento do assunto (Antônio).

A fala dele corrobora com a de Nazareno sobre seu processo de descoberta da mediunidade:

Eu sentia que tinha alguma coisa. Sentia que tinha alguma coisa, mas que precisava ser trabalhada na questão da ignorância. Porque eu sabia que tinha alguma coisa, mas existia uma certa ignorância que me limitava a ter o conhecimento daquilo. Que só veio clareando através dos *estudos* (Nazareno, grifo nosso).

Em ambos os discursos há a visão de que estudar é uma saída da ignorância de não saber o que fazer com a mediunidade. Além disso, para *gefianos* como Antônio e Nazareno, o estudo

vai além dos instantes no GEEFA, se estendendo até suas casas. Graças a isso Nazareno passou a sentir a reaproximação de amigos espirituais em seu lar:

E agora, como eu senti de novo essa aproximação, eu vejo que foi justamente por conta desses 60 dias, quase 70 dias que eu venho mudando e estudando bastante, buscando me melhorar como pessoa e como espírito, e eu senti essa reaproximação pra o objetivo em si, que é o trabalho da evolução espiritual, da evolução como ser e da ajuda ao próximo também, ao necessitado (Nazareno).

Um relato parecido foi dado por Maria. Além dos estudos no GEEFA, ela contou que sua amiga espiritual, a “vovó”, também pediu que ela estudasse o espiritismo em casa:

Então quando foi um dia eu vi vovó aqui no pezinho da minha cama e ela disse a mim que eu fizesse o estudo no lar na minha casa. Tá entendendo? Ela disse "faça na sua casa" (Maria).

Outro lado do estudo era o apelo à parte caritativa do espiritismo, a qual, para Afonso, médium *lato sensu* segundo a análise de Leite (2014), reforçava a vontade em ajudar o próximo materialmente.

Caridade é ação, não adianta, não existe caridade só de estudar, você só acompanhar uma palestra. É ótimo, você tá aprendendo, mas se você não entra em ação, é aquele estudo que você fez e não tá valendo de nada. Como é que você faz um estudo e não põe em prática? (Afonso).

3.4 A MEDIUNIDADE

Segundo Cavalcanti (2008), o sistema ritual espírita tem na mediunidade a categoria cosmológica central de sua estruturação. Não haveria espiritismo sem a intermediação entre os vivos e os mortos, como defendeu o próprio Kardec n'O *livro dos espíritos*:

Este livro é o repositório de seus ensinamentos [dos espíritos]. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado (2013a, p. 49).

No GEEFA, a mediunidade era percebida como uma forma de caridade tanto para os espíritos quanto para os trabalhadores encarnados, já que, como me explicaram, assumir compromissos mediúnicos significa resgatar dívidas adquiridas no passado (outras encarnações) de maneira mais rápida, pois nos colocamos a serviço daqueles que podemos ter

prejudicado ou vice-versa. O contexto aqui é o de alguém com dívidas na espiritualidade (cármicas) que tem a chance de saldá-las ou ao menos aliviá-las graças ao trabalho mediúnico. Essa situação era ilustrada quando citavam, à mesa de estudo/trabalho, um trecho de um texto atribuído ao espírito Emmanuel sobre os médiuns:

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizes e de erros clamorosos. Quase sempre, são Espíritos que tombaram dos cumes sociais, pelos abusos do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas que procuram arrebatar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia (FEB, 2018).

Exercer a mediunidade, segundo Stoll (2003), implica em se pautar na caridade cristã, pois “a prática mediúnica é entendida pelos espíritas como *missão*, ou seja, como exercício de doação pessoal. ‘Dai de graça o que de graça recebestes’ é uma frase constantemente repetida” (p. 179-178, grifo da autora). Esse pensamento corrobora com o de Arribas (2014) de que tudo, no sistema espírita (inclusive as reuniões mediúnicas) é um desdobramento da caridade. Leite (2014), por sua vez, comenta que “em certa medida o estudo e a caridade são também entendidos como tarefas mediúnicas” (p. 132), pois é preciso estar sempre aprendendo para desempenhar melhor esse papel. Não existem, pensamos, limites claros sobre até onde vai uma coisa ou outra. Para Lúcio, por exemplo, trabalhar nas sessões mediúnicas implicava em estudar sempre para se preparar cada vez mais. Antônio, em uma *live*, comentou que “a mediunidade com Jesus é justamente isso: é eu usar as faculdades que eu tenho, na realidade, pra que eu possa ajudar o próximo, pra que eu possa servir ao próximo, essa é a ideia”. O médium, como uma ferramenta da espiritualidade para ajudar o próximo, estava muito presente no pensamento coletivo *gefiano*, fruto dos estudos e das comunicações mediúnicas que reforçavam essa ideia. Era assim que, por exemplo, Juliana afirmava que “ser médium é ser um instrumento que intermedeia o mundo espiritual com o mundo físico. *Ser médium é servir*” (grifo nosso); ou que Maria se orgulhava em dizer que realmente gostava do que fazia: “e quando me chamam médium, nossa, é mesmo que tá fazendo um elogio! Tá entendendo? O maior elogio”.

Quanto menos esse pensamento estivesse integrado a alguém, contudo, menor a preocupação de não se colocar como um servidor da espiritualidade em prol do próximo. Vejamos o que dizia Morgana sobre o assunto mediunidade:

Eu espero evoluir como médium, conseguir ajudar mais, se vier alguma outra coisa por mim. Eu quero ajudar 100%, *mas eu também não posso ser um Antônio da vida, que vive ali, mas muito em função do GEEFA*, porque por outro lado eu tenho a parte do meu concurso, que eu quero muito passar, então eu também tenho que estudar pro meu concurso (Morgana, grifo nosso).

Morgana via a mediunidade como algo bom, *contanto* que não atrapalhasse seus planos de passar em um concurso – algo que vai de encontro ao esperado pela liderança do grupo sobre “viver o GEEFA”. Como neófito na casa, o discurso dela passa, sob o ponto de vista da mediunidade enquanto missão (STOLL, 2003), como o de quem ainda não entende completamente seu papel como médium.

3.4.1 O mecanismo da mediunidade

“Para que uma manifestação mediúnica ocorra é preciso que o médium dê passividade, expressão que indica ao mesmo tempo certa anulação do médium e a presença de seu livre-arbítrio e vontade na origem da manifestação” (CAVALCANTI, 2008, p. 102). Segundo a explicação *gefiana*, no momento de uma manifestação, o *perispírito*⁵⁹ do médium se desloca, cedendo espaço para que o outro espírito se comunique através do corpo físico do trabalhador encarnado (não sendo possível que um espírito “entre”, literalmente, em alguém). O médium “empresta” seu corpo, mas ele (na forma de seu *perispírito*) tem a autonomia de ficar por perto, vigiando o teor da comunicação para evitar o uso de um vocabulário inadequado ou movimentos corporais bruscos, por exemplo. A isso davam o nome de *educação mediúnica*. Para Arribas (2010), essa é mais outra forma de racionalizar essa experiência sob a ótica espírita. Segundo a autora, essa preocupação remete aos primórdios da doutrina espírita no Brasil e seu cuidado em se distinguir de outras religiões de cunho mediúnico:

Além da instrução e das boas obras, o desenvolvimento da mediunidade aparecia como mais um meio de salvação espírita; uma mediunidade que deveria ser tanto mais “educada” quanto mais importante se tornava para a disseminação do espiritismo. Para produzi-la de modo a se distinguir propositalmente dos êxtases das religiosidades indígenas e afro-brasileiras, um método planejado era caminho certo e indispensável. Assim, em busca de diferenciação frente a essas manifestações, as formas mais polidas, mais cultivadas, mais instruídas e mais suaves de comunicação com o “além” pareciam garantir com maior segurança aos médiuns e, conseqüentemente, ao espiritismo a posse permanente de um estado distintivo perante as demais manifestações similares do campo [...] (ARRIBAS, 2010, p. 202).

⁵⁹ “O perispírito é o responsável pelas características definidoras de cada espírito e, enquanto durar a encarnação, permanece como elo [...] entre o espírito e o corpo físico” (GREENFIELD, 1999, p. 177).

A *educação mediúnica* engloba uma mistura de confiança (na espiritualidade, no grupo e em si mesmo) e compreensão através do estudo, assim como uma conduta moral de diretrizes cristãs e espíritas. Além disso, um tópico sempre presente nas discussões *gefianas* era o *animismo*:

O Animismo, a interferência do Espírito do médium na comunicação espírita é antes que um empecilho, um dado, parte do desenvolvimento da mediunidade. O “será que é”, “será que não é?” é, segundo os espíritas, uma dúvida que persegue o médium a vida inteira. Com o passar do tempo, o médium aprende a distinguir, mas o grau de “pureza” na transmissão de uma comunicação espiritual permanece sempre em alguma medida problemático (CAVALCANTI, 2008, p. 108).

Não haveria, sob a perspectiva do grupo, uma mensagem sem um pouco da personalidade do médium – algo que, na prática, parecia se perder frente ao teor de uma comunicação: não foram poucas as vezes em que, por uma mensagem ter partido de um espírito conhecido entre os médiuns, ela foi tomada como verdade absoluta e, caso fossem instruções vindas dos benfeitores espirituais, seguidas à risca pelo próprio Lúcio. Do contrário, as comunicações seriam vistas com desconfiança, caso o espírito ou o médium fossem colocados em xeque pelo dirigente da casa ou por Antônio. Lúcio, porém, encorajava os médiuns a não darem importância excessiva a isso, pois era preciso praticar a mediunidade tanto como ferramenta de autoconhecimento como de confiança no grupo, que poderia avaliar uma comunicação para julgar o seu grau de “pureza”. Para os espíritos comprometidos com o bem e com o progresso, segundo ele, “a *forma* de uma mensagem era menos importante que o *conteúdo* transmitido”.

Para haver uma comunicação mediúnica, é preciso afinidade entre os fluidos do espírito e do médium (o que o grupo chamava de *afinidade fluídica*). Quando esses fluidos dialogam entre si, o pensamento do espírito é transmitido mais depressa para o encarnado. Esse processo não tem um tempo determinado para acontecer e cabe ao encarnado o esforço para se melhorar moralmente (praticando o amor e a caridade) e se instruir enquanto espírita para manter um *padrão vibratório* aceitável que o permita transmitir as mensagens dos espíritos de forma inteligível. Para ilustrar essa explicação, Lúcio fazia uso do seguinte trecho do livro *No Invisível*, do autor Léon Denis, contemporâneo de Allan Kardec:

Admitamos, a exemplo de alguns sábios, que sejam de 1.000 por segundo as vibrações normais do cérebro humano. No estado de “transe”, ou de desprendimento, o invólucro fluídico do médium vibra com maior intensidade, e suas radiações atingem a cifra de 1.500 por segundo. Se o Espírito, livre no espaço, vibra à razão de 2.000 no mesmo lapso de tempo, ser-lhe-á possível, por uma materialização parcial, baixar esse número a 1.500. Os dois organismos vibram então simpaticamente; podem

estabelecer-se relações, e o ditado do Espírito será percebido e transmitido pelo médium [...] (DENIS, 2008, p. 62).

3.4.2 As reuniões mediúnicas do GEEFA

Vamos conhecer a prática da mediunidade no GEEFA através das suas reuniões mediúnicas. Encontros desse tipo, de acordo com a FEB,

São reuniões privativas, com portas chaveadas, comumente realizadas uma vez na semana, sempre no mesmo dia e horário, em local da Casa Espírita onde sejam possível [sic] garantir o silêncio respeitável e a harmonia vibratória, com número reduzido de participantes, previamente indicados para este gênero de atividade espírita.

Os participantes da reunião mediúnica são: dirigente e substituto; médiuns com mediunidade ostensiva (psicofônicos, psicógrafos, videntes, audientes, etc.); médiuns esclarecedores; equipe de apoio (passe, irradiações, prece).

As comunicações dos Espíritos devem ocorrer de forma espontânea, segundo programação determinada pelos mentores espirituais (FEB, 2012).

Para Leite (2014), essas reuniões são “momentos de esclarecimento, aprendizado e principalmente de auxílio para os desencarnados” (p. 133), pois servem tanto para eles quanto para os encarnados, sejam médiuns ou o público que procura atendimentos e tratamentos: “esses aspectos exercem influência mútua: servem tanto para eles como para os encarnados que se encontram envolvidos diretamente no trabalho mediúnico e aos que procuram os atendimentos e tratamentos” (p. 133).

No GEEFA, as mediunidades do tipo psicofônica e psicográfica, além da intuitiva, eram as mais comuns⁶⁰. As sessões eram direcionadas com base nas percepções de algum médium (geralmente Antônio), onde se traçava um roteiro de atendimentos que indicava a quantidade e os tipos de espíritos (por exemplo, suicidas ou vítimas de assassinatos) que seriam assistidos. Outra modalidade de mediunidade era chamada de *desdobramento*⁶¹, menos evidente entre os

⁶⁰ Arribas (2010) demonstra a tipificação da mediunidade proposta por Kardec em seu *Livro dos médiuns*: há os “passistas” e “receitistas”, também denominados “curadores”; os “psicógrafos”, aqueles que escrevem as mensagens recebidas pelos espíritos; os “psicofônicos” ou “falantes”, que transmitem oralmente as mensagens; os médiuns “videntes”, que podem ver os espíritos e o mundo invisível; os “pictóricos”, aqueles que pintam ou desenham obras de arte; os “auditivos”, que escutam o que querem transmitir os espíritos; os médiuns de “pressentimento” ou “intuitivos”, que podem entrever ou sentir os acontecimentos futuros; os médiuns “sonambúlicos”, que transmitem suas mensagens em estado de dormência; e os médiuns “de efeitos físicos”, que podem mover objetos à distância. Segundo Kardec (2013b), há ainda os do tipo “inspirado” ou “involuntário”, que nada mais são que as pessoas que, em maior ou menor grau, recebem a influência do pensamento dos espíritos, só que de forma tão sutil que é difícil distinguir quem pensa o quê. Dentro do quadro dos médiuns psicógrafos, há ainda uma subdivisão: médiuns “mecânicos”; médiuns “intuitivos”; e médiuns “semimecânicos”: “no primeiro, o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o. Estes últimos médiuns são os mais numerosos” (KARDEC, 2013b, p. 187).

⁶¹ Falaremos sobre esse tipo de mediunidade mais adiante.

trabalhadores. Nela, os médiuns diziam que se projetavam para fora de seus corpos (às vezes acordados, outras vezes quando estavam em casa, dormindo) e podiam acompanhar o desenrolar de trabalhos e até mesmo conversar com outras pessoas, fossem *gefianas* ou desconhecidas. Algumas vezes, inclusive, aos finais das reuniões, eles brincavam entre si, combinando que se encontrariam na espiritualidade durante a madrugada.

3.4.2.1 Os *dialogadores*

Cavalcanti (2008) pensa uma sessão mediúnica como um ponto de encontro, pois “nela o invisível se torna visível através dos médiuns e de suas diferentes mediunidades. A oposição entre os dois mundos é momentaneamente transcendida” (p. 103). Um dos cenários que se apresenta em reuniões desse caráter é a recepção de espíritos, apresentados ou se apresentando como sofrendores, infelizes, raivosos, vingativos e que passam pela *doutrinação*,

Um diálogo com o Espírito inferior que incorporou em um médium. Nele, o doutrinador procura ensinar ao Espírito os princípios da doutrina e conduzi-lo ao arrependimento. O doutrinador tem um duplo papel. Cabe a ele sustentar o médium de incorporação com passes, preces e vibrações positivas. E cabe a ele, pela sua fala e autoridade moral, conduzir o Espírito inferior ao arrependimento (CAVALCANTI, 2008, p. 118).

No GEEFA, usavam mais a palavra *diálogo* e a pessoa que assumia esse papel era a *dialogadora*, como Lúcio e, antes do coronavírus, Juliana, que começou nessa função sob a tutela do dirigente *gefiano*. Nessa época, eram vários os trabalhadores mediúnicos, ao ponto de serem usadas, em uma noite de sessão, uma mesa na sala principal da casa e outra no primeiro quarto (onde se guardavam livros e pertences). Juliana ficava nessa segunda mesa, considerada mais moderada quanto à complexidade dos atendimentos aos desencarnados⁶², dando os primeiros passos nos seus *diálogos*.

Segundo Leite (2014), um *doutrinador* é uma “espécie de psicoterapeuta do espírito que incorpora nos médiuns. Deve dialogar com os desencarnados e procurar esclarecê-los com base no conhecimento na doutrina espírita” (p. 63). Para a autora,

Os doutrinadores usam sempre o tom de voz baixo, calmo porque estão sempre procurando tranquilizar o espírito e tentam entender o que está se passando com eles – é a partir daquilo que os espíritos falam que o doutrinador vai construindo o diálogo e incluindo elementos doutrinários e religiosos nas suas afirmações (p. 94).

⁶² Eu não fiquei à mesa com Juliana à frente dos *diálogos*. Sempre que estive presente, era convidado a permanecer na sala principal, onde Lúcio assumia essa função.

Na sua pesquisa, os *doutrinadores* acabaram sendo enquadrados na categoria de médiuns intuitivos, "considerada pelos espíritas o tipo mais simples e corriqueiro" (LEITE, 2014, p. 115). Assumir uma posição dessas, segundo a autora, demanda um

Alto grau de moralidade – não ter um estilo de vida próximo ao que os espíritas consideram como “mundano” que inclui, por exemplo, o consumo de álcool e o fumo - pois lidam diretamente com os espíritos; sensibilidade para entender a situação do espírito que incorpora nos médiuns, e profundo conhecimento dos preceitos da doutrina espírita para passar as orientações (p. 116).

No GEEFA, entretanto, os *dialogadores* figuravam como médiuns com maior ostensividade. Lúcio já produzia suas psicografias há anos, desde que esteve nos grupos de estudo. Juliana dava os primeiros passos em seus transes e percepções – muito disso por insistência do seu amigo dirigente. Vale lembrar que, nos estudos da casa, Lúcio reforçava que ser *doutrinador/dialogador* não implicava em ser médium. Pelo contrário, quanto “menos” médium a pessoa, melhor para que não sofresse influências dos espíritos com os quais ela lidasse.

Segundo a crença do grupo, estar nessa posição implica em ter a vida pública e particular analisada pelos espíritos, que procuram avaliar a conduta da pessoa em busca de comportamentos dúbios que possam ser usados para desacreditá-la durante uma sessão mediúnica. Para Lúcio, levar a vida que ele levava, constantemente em suas leituras ou dentro do GEEFA, já era um passaporte para não ter receios sobre esse assunto. No caso de Juliana, jovem e nova naquilo, havia a vontade de experimentar a oportunidade que Lúcio lhe dava e que não foi ofertada a mais ninguém, sob a justificativa de que os outros membros eram médiuns bem ativos em suas funções à mesa ou que ainda precisavam de experiência “em campo” – caso de Afonso, por exemplo.

Os diálogos conduzidos por Lúcio possuíam um tom diferente para o tipo de espírito que se apresentasse diante dele. Caso fosse alguém que precisasse de ajuda, instruções ou consolo, ele seria manso em sua fala. Tentaria sondar o nome e o que o espírito lembrava sobre o seu passado. Recordaria as passagens de Jesus e dos livros espíritas. E em seguida pediria ao espírito para tentar ver se havia trabalhadores espirituais da casa prontos para conduzi-lo a um lugar de repouso⁶³. Caso ele fosse agressivo ou maldoso em suas falas, veríamos um Lúcio mais

⁶³ Em sua maioria, os espíritos diziam que seriam levados à presença de suas mães, seus pais ou parentes por quem tinham afeição e que os convenciam a seguir “por aquela porta ali”, uma espécie de pórtico que, diziam eles, era a entrada para outros cenários: grandes jardins; um leito hospitalar; ou apenas a visão de um ente querido. Alguns

incisivo e até mesmo irônico, por vezes desafiando o visitante a mostrar sua força perante o grupo. Isso viria com um discurso repleto de alusões a Kardec e Jesus, assim como outros autores espíritas, sempre na expectativa de demover a entidade da sua postura pouco amigável. Como no primeiro caso, o espírito seria convidado a ficar com os amigos espirituais da casa para ser tratado por eles, se assim concordasse (o que quase sempre acontecia). Ao final de tudo, o dirigente do GEEFA perguntaria aos demais trabalhadores à mesa o que tinham sentido no decorrer da reunião, quando estiveram incorporados ou quando estavam concentrados e em preces durante os *diálogos*. Lúcio procurava mostrar que aquele cotidiano era o “trabalho” que provava a que vieram os *gefianos* – atender espíritos sofredores com eficiência.

Em tempo, Antônio passou a descrever os espíritos para Lúcio, dando a sinopse do número de atendimentos realizados por sessão. Para o dirigente, isso lhe deu a chance de saber como seriam as noites e quando ele deveria apertar o passo nos *diálogos* para “bater as metas” reveladas pelo amigo. Por outro lado, outros médiuns, como Maria (que em uma ocasião conversou comigo sobre isso, informalmente) e Dino, questionavam entre si o porquê de apenas Antônio ser ouvido, o que, para eles, engessava as reuniões por deixá-las a cargo de apenas um médium.

3.4.2.2 Novo formato das reuniões mediúnicas

Ao final de abril de 2020, Lúcio comunicou que, por orientação espiritual (trazida por Antônio), as sessões seriam estendidas, deixando de acontecer entre as 19h30 e 21h30 para começarem às 19h e terminarem às 22h – embora, caso houvesse necessidade, o horário de saída pudesse ser alongado. A partir de março de 2020, no entanto, não houve mais a necessidade de dois *dialogadores*, pois as sessões passaram a ocorrer somente na sala principal, agora equipada com as duas mesas. Eram usadas as lâmpadas que mudavam de cor, geralmente com tonalidades esverdeadas ou azuladas, sob a justificativa de acalmar o ambiente e não prejudicar a visão dos médiuns psicógrafos.

Essa mudança trouxe nele a expectativa de que atrasos ou chegadas “em cima da hora” diminuiriam, algo que o aborrecia e que atrapalhava a concentração do grupo e a conexão que precisavam firmar entre eles e a equipe espiritual da casa para os trabalhos⁶⁴. Para Lúcio, era

espíritos se reapresentaram nas reuniões para dizer que após a acolhida e o tratamento estavam prontos para o estudo e o trabalho “desse lado” (na espiritualidade).

⁶⁴ A ênfase na pontualidade, para Cavalcanti (2008), seria uma característica do espiritismo enquanto sistema religioso que se relaciona a valores sociais – nesse caso, uma reprodução de controle social.

preciso que todos entendessem uma reunião mediúnica como um compromisso muito importante. Dizia que para o trabalho (o emprego) ninguém se atrasava, porque sabiam que seriam repreendidos, mas para o trabalho mediúnico ainda faltava seriedade. Por vezes, se conformava com a ideia, segundo ele trazida pela “espiritualidade da casa”, de que havia uma “seleção natural” que determinaria quem permaneceria nessa atividade: os benfeitores espirituais se encarregariam de selecionar quem teria reais condições de permanecer trabalhando mediunicamente. Aos que não pudessem, apareceriam eventualidades que os impediriam de frequentar o GEEFA nos dias das reuniões (como uma mudança de turno no emprego ou alguma demanda no âmbito familiar). Essa era uma atitude que parecia ser lógica para alguns, como Antônio, e um tanto incômoda para outros, como Bruna. De um lado, tínhamos um pensamento de que era preciso mais disciplina e do outro, de que era preciso mais empatia pelas demandas particulares de cada um, no sentido de que a casa espírita deveria ser o local de acolhimento e refazimento de forças, não de cobranças e pressões.

Os atendimentos mediúnicos aconteciam de duas maneiras. Às quintas aconteciam as “reuniões do caderno”: em um caderno voltado aos casos de *obsessões*⁶⁵, se anotava o nome de uma pessoa vítima de uma perseguição espiritual⁶⁶. Pelas próximas três quintas, esse nome seria falado em voz alta e seriam atraídos os espíritos responsáveis pelas perturbações (que podiam não se resumir somente a uma única pessoa, mas ao seu lar ou às pessoas próximas a ela, como seus familiares). Esse tipo de reunião, tida como mais trabalhosa por envolver o tema da *desobsessão*⁶⁷, era a que mais chamava a atenção de Lúcio, que via nisso o ápice dos trabalhos mediúnicos.

Às sextas, havia as “reuniões da porta”: nesses momentos os benfeitores abriam as portas espirituais da casa para espíritos que se diziam perdidos, doentes e carentes de ajuda. A ideia era a de que eram “pessoas” errantes que entravam para conhecer o lugar a convite dos trabalhadores espirituais; procurando alguém que havia ido ao GEEFA e não retornara; ou por pura curiosidade. Ocasionalmente, grupos específicos eram anunciados para serem recebidos pelos *gefianos*, como, por exemplo, uma turma de recém-desencarnados vitimados pelo

⁶⁵ Segundo Kardec (2013b), a *obsessão* é “o domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticado senão por espíritos inferiores que procuram dominar” (p. 257)

⁶⁶ O critério para um nome constar no caderno passava pela dupla Lúcio e Antônio (com sua mediunidade).

⁶⁷ De acordo com Pereira Franco (1980 apud GREENFIELD, 1999) e Greenfield (1993 apud GREENFIELD, 1999), é graças ao médico Bezerra de Menezes que se desenvolve uma terapia que no Brasil se populariza com o nome de “desobsessão”. Assim, “se inicia uma tradição de diálogos rituais com os *espíritos obsessores*, a fim de *doutriná-los*, ou seja, fazê-los desistir do intuito malévolo que os inspirara” (LEWGOY, 2003, p. 95, grifos do autor).

coronavírus. Os benfeitores espirituais, segundo a explicação do grupo, faziam a triagem para determinar quais desses espíritos precisariam do contato com os médiuns ou não.

Essa era uma noite mais “livre” para os *gefianos*, onde também se observava com mais autonomia como os traços de cada um davam o tom das comunicações: Nazareno, por exemplo, por sua história com o teatro e voz potente, trazia uma carga de emoções e pujança às narrativas dos espíritos, com lágrimas e falas altas. Antônio, com seu apreço aos Evangelhos e figuras bíblicas, como Pedro e Paulo, atraía benfeitores que evocavam essas personagens como exemplos de perseverança e entrega aos trabalhos.

Os atendimentos davam ensejo para que Lúcio colocasse em prática seus estudos. Para ele, o mundo estava cheio de casos de *obsessões*, onde citava Kardec para justificar que muitos quadros de “loucura” na verdade são manifestações de mediunidade malconduzida que levam a cenários *obsessivos*. Por isso, insistia que os outros trabalhadores tivessem o conhecimento das obras básicas do espiritismo, em especial dos textos que tivessem a ver com os médiuns, seus papéis nas comunicações espíritas, sua influência moral e os perigos da *obsessão*. Era preciso se munir com conhecimento, pois apenas crer não bastava. Ele se valia da metáfora do médium como um instrumento musical e o benfeitor espiritual como um músico capaz: ainda que o instrumento não fosse de boa qualidade, pelas virtudes do músico seria possível extrair um som decente. À medida que o médium se qualifica com o estudo constante, ele facilita o trabalho dos benfeitores.

A preocupação de Lúcio em familiarizar os trabalhadores com a codificação kardequiana se adequa ao pensamento de Maluf (2005) a respeito do compartilhamento de valores e sentidos, mesmo que de forma não-linear e em diferentes graus. Todo o trabalho mediúnico é um reforço da crença no sistema de valores espíritas e a linguagem, escrita ou verbal, é uma importante ferramenta para a transmissão das experiências para regular o comportamento do grupo, permitindo

A vivência, porque esta significa sobretudo a identificação com um conjunto de imagens (visuais, verbais, narrativas, oníricas, mentais...) e com uma forma de comunicação. Tais formas de expressão e de interação trazem o compartilhamento de experiências e de valores (p. 510).

Antônio não detinha o conhecimento literário ou a prática no espiritismo como Lúcio, porém, quando incorporado, suas orientações tinham considerável relevância para ditar os rumos do lugar. Certa vez, em uma das sessões mediúnicas, um dos espíritos à mesa narrou que em sua última encarnação tinha sido um jagunço. Vítima de uma emboscada, morreu

assassinado e não entendia o porquê da sua situação no mundo invisível. Nada mais queria dizer, tampouco conversar. Antônio pediu a palavra, porque “estavam dizendo” que aquele espírito havia matado muitas pessoas e que a emboscada sofrida havia sido uma retaliação, resultado de uma vida colecionando assassinatos. Rapidamente, o espírito se lançou em defesa própria, argumentando que apenas seguia as ordens de seus antigos patrões e quem quisesse que fosse argumentar com eles. A par dessas informações, Lúcio e a entidade travaram um longo diálogo. Ao final, o ser invisível concordou em seguir com os trabalhadores espirituais da casa para outro lugar.

Além de serem as figuras de autoridade do grupo, Lúcio e Antônio também exerciam funções terapêuticas. Tomando como verdade as percepções de Antônio, Lúcio ganhava tempo para pensar estratégias de abordagens (para os espíritos ou para os encarnados) tidas como eficientes. Antônio atuava como o que Maluf (2005) chama de *mediador simbólico*, operando como alguém que estabelece uma relação entre um paciente e um terapeuta. Enquanto decodificador da cosmologia espírita, Lúcio executava um trabalho de interpretação, reunindo elementos dispersos da experiência dos sujeitos dentro de uma mesma configuração. Com isso, o terapeuta-dirigente construía sua própria interpretação sobre os acontecimentos que chegavam, confeccionando uma nova narrativa, dentro da sua visão.

O entusiasmo de Lúcio em relação às reuniões mediúnicas de *desobsessão* pode ser analisado sob o pensamento de Lewgoy (2003), que afirma que esse tipo de sessão é um “contato dialogado com esses espíritos, com o propósito de *esclarecê-los*, convencendo-os a abraçar a ética cristã e desistir do ânimo de vingança, abandonando, finalmente, o obsidiado” (p. 92, grifo do autor). O autor pensa o “drama da obsessão” (2003, p. 95), um momento recheado de tensão dramática e observado em padrões estruturantes das narrativas desses eventos pelo transe mediúnico. Aqui são relatadas a história do espírito sofredor e informações complementares, obtidas por meios diversos, como os médiuns videntes ou audientes⁶⁸. O cruzamento dessas informações, juntamente com a sua interpretação durante as sessões, cristaliza nessas narrativas a explicação de cada situação. Ele entende que as transformações ativadas nesse processo formam *funções narrativas*, a saber: “a) Expição; b) Vingança; c) Provação; d) Descoberta do passado ou Revelação; e) Mediação; f) Arrependimento/perdão; g) Reajuste/Reparação; h) Sublimação/Regeneração” (2003, p. 99), onde a *Vingança*, a *Revelação* e a *Mediação* seriam as mais importantes. Para ele, além da *Revelação* contar com o auxílio

⁶⁸ Médiuns que, segundo Kardec, “ouvem a voz dos Espíritos. É, [...] algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva” (2013b, p. 176).

direto do plano superior, ela seria o clímax para as demais funções, já que “através dela, as outras categorias passam a fazer sentido, compondo explicações sempre adequadas para o esclarecimento de situações individuais específicas” (p. 99). No contexto *gefiano*, Antônio é o principal instrumento *revelador* dos dramas dos espíritos (além, claro, do médium que estivesse falando em nome do desencarnado assistido), devido às suas características mediúnicas somadas à confiança de Lúcio nele – este último percebido como *mediador* perene desses trabalhos. Curiosamente, podemos traçar um paralelo com o seguinte pensamento de Durkheim (2008) e o raciocínio de Lúcio e dos demais médiuns a respeito de como conduzir uma reunião mediúnica:

O único comércio que podemos manter com seres dessa espécie é determinado pela natureza que lhes é atribuída. São seres conscientes; não podemos agir sobre eles, senão da maneira como se age sobre as consciências em geral, ou seja, por procedimentos psicológicos, procurando *convencê-los ou emocioná-los* [...] (DURKHEIM, 2008, p. 60, grifo nosso).

Nesse capítulo, tomamos conhecimento do GEEFA a partir das atividades que o movimentaram antes da explosão da pandemia do coronavírus. Vimos como as lideranças da casa desenharam seus papéis, se destacando enquanto personagens à frente do grupo, e o que cabia ao restante dos membros, em busca de uma autonomia que, caso acontecesse, inevitavelmente teria que passar pelo crivo da direção *gefiana*. No contexto estudado, onde os *dialogares* das sessões mediúnicas são médiuns também, observamos um primeiro conjunto (médium) que abrange o subconjunto “*dialogador*”, que denota um *status* de extrema confiança e responsabilidade, que cabia apenas aos adiantados nos estudos e/ou conectados com os benfeitores espirituais da casa. A partir de agora analisaremos o GEEFA pós-março de 2020.

4 A PANDEMIA CHEGA AO GEEFA

Meu campo foi completamente afetado pela pandemia da COVID-19, algo que a princípio trouxe bastante apreensão. Mas, à medida que o vivi, a ideia de etnografar uma experiência única se tornou realidade. Como o GEEFA reagiu à pandemia? Nesse capítulo, mostraremos as decisões tomadas pelo grupo para sobreviver ao coronavírus. Primeiro, veremos o que é esse vírus e o que aconteceu na cidade de Caruaru. A partir do novo formato de atividades adotado pelo grupo, refletiremos sobre as opiniões dos seus membros a respeito do “novo” GEEFA e como as relações entre os *gefianos* foram alteradas com isso.

4.1 A COVID-19

O coronavírus foi definido pelo Ministério da Saúde como

Uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa.

A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório (BRASIL, 2021).

Como informado pelo Ministério da Saúde, a COVID-19 saiu da China e se espalhou pelo mundo, se configurando como uma pandemia, pois, conforme explica Segata et al. (2021), se transformou em uma irrupção de infecções entre populações ou porções geográficas em proporção crescente, desordenada e de difícil circunscrição. Em outras palavras, “muitos surtos acontecem ao mesmo tempo, distribuídos por toda a parte, algumas vezes, em escala mundial. Foi assim com a Covid-19” (SEGATA et al., 2021, p. 8). O rápido grau de contágio entre populações geograficamente distantes se explica com Oliveira et al. (2020):

A pandemia não se tratava de uma experiência fundamentalmente nova: gripe espanhola, e Aids, por exemplo, são registros da nossa relação recente com estes fenômenos. Contudo, frente a intensificação dos fluxos transnacionais, da mobilidade e da circulação internacional de pessoas, produtos e bens, a disseminação de um vírus com alto grau de contágio se tornou uma questão de relevância global (OLIVEIRA et al., 2020, p. 2).

Assim, novas expressões passam a fazer parte do vocabulário das pessoas, como “quarentena”, medida adotada, segundo Bonet (2021), desde os tempos da Idade Média como forma de combate à peste (e que em nossos dias encontrou resistência para ser respeitada); ou “isolamento social”, ou seja, manter-se distante e evitar o contato físico com outros – e aqui concordamos com a visão de Bottino, Scheliga e Menezes (2020) de que esse termo “seria uma forma equivocada de classificar o momento pelo qual passamos; graças à tecnologia e a outros recursos, o *isolamento físico*, necessário para evitar a propagação do vírus, não implica na total evitação da socialidade” (p. 299, grifo nosso).

4.1.1 A COVID-19 em Caruaru

Comecei a acompanhar o *site* da prefeitura de Caruaru durante meu campo para ficar a par dos acontecimentos referentes à pandemia que pudessem interferir diretamente no GEEFA. Em 14 de março de 2020, o Governo de Pernambuco publicou o Decreto Estadual nº 48.809/2020 (PERNAMBUCO, 2020), que regulamentou providências temporárias para o enfrentamento do coronavírus, como a previsão de medidas de isolamento e quarentena. O Governo de Caruaru, por sua vez, publicou o Decreto Municipal nº 024/2020 (CARUARU, 2020), proibindo eventos de qualquer natureza com público superior a 100 pessoas, adiando as férias de profissionais de áreas consideradas essenciais ao enfrentamento à pandemia e suspendendo as aulas regulares da rede pública e particular de ensino, inclusive universitária, a partir do dia 17 de março. Depois disso houve uma escalada nas medidas que visavam frear o avanço do vírus. Foram suspensas, ainda em março, atividades culturais realizadas em museus e parques públicos, cinemas, teatros, casas de *shows* e academias de ginástica. Eventos que ainda fossem permitidos não deveriam ultrapassar o número de 50 pessoas. Em 19 de março, foi exibido o primeiro *card* no portal da Prefeitura de Caruaru para a divulgação de dados oficiais do coronavírus no município. Havia 19 casos em investigação, 9 descartados e, até então, nenhuma confirmação. O primeiro registro oficial de contaminação foi anunciado em 23 de março de 2020.

O mês de março encerrou com a suspensão do funcionamento de todos os estabelecimentos comerciais e de serviços (exceto agências bancárias, supermercados, padarias, mercadinhos, farmácias, estabelecimentos de comercialização de insumos médico-hospitalares, postos de gasolina, casas de ração animal, depósitos de gás, de água mineral e as feiras livres – estas funcionando exclusivamente para a comercialização de gêneros alimentícios).

Figura 7 - Primeiro card alusivo ao avanço do coronavírus em Caruaru.



Fonte: Caruaru, 2020.

Abril registrou a primeira morte por coronavírus em Caruaru. A partir desse mês, tornou-se obrigatório o uso de máscaras individuais a fim de evitar a disseminação do vírus, seguindo o Decreto Municipal nº 040/2020. Foi divulgado um relatório, de autoria do Governo Municipal, sobre o monitoramento do isolamento por bairros do município, datado de 23 de abril de 2020. Nossa Senhora das Dores, o bairro do GEEFA, teve um índice de 41% de isolamento. O mês chegou ao fim com 52 casos confirmados de contaminações por COVID-19 e 4 óbitos.

Em 27 de maio, novo relatório sobre o monitoramento do isolamento por bairros foi divulgado. Dessa vez, o bairro Nossa Senhora das Dores elevou seu índice de isolamento para 48,6% e o mês terminou com 583 casos confirmados de COVID-19 e 49 óbitos. Em junho não houve a divulgação dos índices de isolamento por bairro, e sim da cidade como um todo (41,2%). No dia 23 de junho o Governo de Pernambuco publicou o Decreto Estadual nº 49.133, estabelecendo *lockdown* para as cidades de Caruaru e Bezerros entre 26 de junho e 05 de julho. Nesses 10 dias, as populações dos municípios só puderam sair de suas casas para ir a supermercados, farmácias, padarias, postos de gasolina ou para serem atendidas por serviços de saúde. Por fim, junho terminou com as marcas de 2.155 casos confirmados de coronavírus, 131 óbitos e 1.777 recuperações em Caruaru.

Somente em 19 de janeiro de 2021 Caruaru receberia as primeiras doses da vacina contra o coronavírus (um total de 5.928), distribuídas, em um primeiro momento, para “o local de trabalho dos profissionais de Saúde da Rede de Atenção Especializada, privada e pública” (CARUARU, 2021).

4.2 REPERCUSSÕES DA COVID-19 NO GEEFA

Na noite de 20 de março de 2020, uma sexta-feira, houve uma reunião restrita na sede do GEEFA, cujo objetivo era discutir os próximos passos do grupo, em virtude do avanço da COVID-19. Estiveram presentes Lúcio, Antônio, Juliana, Bruna e eu.

O clima do encontro foi uma mistura de tensão e empolgação. Lúcio deixou claro que o grupo não iria parar completamente suas atividades. Algumas, como as reuniões mediúnicas, seriam mantidas. Outras, como as palestras públicas e os estudos, seriam remodeladas para o formato de *lives* nas redes sociais do GEEFA. Ele dizia que só deixaria de ir à casa “se baixarem um decreto proibindo a circulação das pessoas”. Antônio também estava de acordo com a continuação dos trabalhos, recordando, em sua fala, os Salmos para justificar que haveria o amparo divino naquele momento que pedia ação e, sendo ratificado por Lúcio, aproveitou a ocasião para revelar que, na noite anterior, 100 espíritos haviam sido atendidos ali e que, sem o compromisso dos *gefianos* na assistência aos desencarnados, muito provavelmente essas entidades ainda estariam vagando, erráticas. Juliana concordou plenamente com a permanência das atividades. Apenas Bruna se mostrou apreensiva e desconfortável com a decisão, justificando que morava com seus pais idosos e que sua mãe era asmática. O pensamento da maioria dos presentes era resolutivo, de que as coisas são do jeito que têm de ser, já que, como Lúcio comentou em certo momento, “a morte não existe. Pelo menos não como a concebemos”. Para ele, só morreria quem realmente tivesse que partir e, se agora havia esse vírus, com certeza ele não estava se manifestando à toa no planeta. Era um sinal da transição planetária⁶⁹ para o avanço moral da humanidade – e continuar em ação nesse cenário era importante.

A necessidade dessas pessoas em estar no GEEFA para atender aos espíritos sofredores nas reuniões mediúnicas se ratificava, em grande parte, pelas mensagens atribuídas aos espíritos e apelos de Lúcio e Antônio quanto à presença indispensável dos trabalhadores na casa:

Seareiros! Pela mensagem que recebemos hoje, que possamos vibrar em preces pelos muitos que estão hospitalizados neste contexto da covid-19, que precisam receber o amparo, tendo alguns a necessidade de se desligar da matéria (também com o fato do sentimento de medo ante possível desencarne) (Lúcio, via grupo de *WhatsApp*, em 08/05/2020).

⁶⁹ Esse termo, também usado para intitular um livro espírita de autoria do médium Divaldo Franco (pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda, 2018), se refere à ideia de que a Terra se encontra no limiar de uma grande transformação (daí a palavra *transição*), saindo de seu estágio de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração, conforme a classificação moral dos mundos asseverada por Kardec (2013a; 2013c). Para saber mais, ver o trabalho de Madureira (2010), que apresenta o tema como um processo de limpeza espiritual do planeta, já em curso.

Filhos e filhas, só os tolos e insensíveis não acreditam na proteção divina e na assistência que o mundo espiritual concede para todos os corações valorosos e destemidos que não retrocedem diante da aparente ameaça que circula nossas vidas e insiste em gerar no vosso meio insegurança e medo.

Não vos está claro nas Santas Escrituras, o devido amparo que no tempo do Mestre recebiam os leprosos, os possuídos, os convalescentes da alma? Por ventura se abateu alguma catástrofe sobre os apóstolos ou irmãos queridos que trataram as chagas do povo carentes e necessitados do socorro espiritual e material? E se porventura fosse essa a vontade do Pai, mesmo fazendo o bem, voltasse a casa do Pai, não tem a ínfima ideia dos tesouros que acumulais na pátria celeste. Sempre será melhor proceder em nome do Cristo, do que viver na inércia do verdadeiro compromisso em não só pregar, mas, viver a vida do iluminado Mestre (psicografia publicada via grupo de WhatsApp em 22/05/2020).

Para Lúcio, a pandemia era uma oportunidade de aprendizado e desenvolvimento, oferecendo um tempo precioso que muitos não dispunham antes e outros ainda insistiam em desperdiçar. Era a hora de buscar conhecimento:

Uma pessoa que tem hábitos de leitura, aquela pessoa que tava doida pra ler um livro e dizia "meu Deus, tô tão sem tempo", agora teve. [...] Agora, veja: pessoas há que tão fazendo o que? Nada. Tão postando, inclusive, que tão se sentindo entediadas e não sabem mais o que fazer. Como é que alguém diz assim "eu não sei o que fazer"? Então, veja que isso é uma questão de intelectualidade e raciocínio. Como é que eu, aqui nessa estante minha, com esses livros todos, só de *Revista Espírita* são doze livros dessa grossura, como é que eu hoje em sã consciência vou botar uma *live* e publicar "gente, tô com muito tédio, eu não sei o que fazer". É estranho. Então, assim, esse momento, espiritualmente falando, num sentido tão divino, se aconteceu outras vezes, tem um porquê. E a doutrina, quando fala dos flagelos, fala que Deus permite ou então acontecem esses flagelos para que haja um desenvolvimento intelecto-moral, inclusive (Lúcio).

Segundo ele, nenhuma outra casa espírita de Caruaru estava funcionando, exceto o GEEFA. Ele questionava o porquê de alguns trabalhadores não estarem indo às reuniões remanescentes, já que as mensagens que chegavam da espiritualidade deixavam claro que o trabalho precisava continuar e que o grupo não estava desamparado. Além disso, enfatizava que eram tomadas todas as precauções necessárias: regularmente se passava pano com água sanitária no chão do lugar, enquanto outro pano ficava na entrada para a limpeza dos calçados, álcool em gel ficava disponível na mesa de trabalho e sabão amarelo nas pias da cozinha e do banheiro. “Tem que ver o que as pessoas que estão morrendo estavam fazendo, se estavam se cuidando”, dizia. Era preciso a presença dos médiuns para ajudar certos tipos de espíritos ainda presos à matéria e necessitados de tratamentos como o *choque anímico*⁷⁰. Mesmo que ir ao

⁷⁰ Segundo a explicação dada no grupo, é quando um espírito, demasiadamente perturbado ou traumatizado e sem condições de se comunicar de maneira inteligível, necessita de apenas um contato, mesmo brusco, com os fluidos de um médium para, à semelhança de uma dose de adrenalina ou de um eletrochoque, começar a voltar a ter consciência de si mesmo. O choque também é capaz de desacoplar momentaneamente um espírito *obsessor* do ser *obsidiado*.

GEEFA significasse entrar em conflito com familiares ou amigos, para Lúcio (e para Antônio) esses desentendimentos eram interpretados como “atrapalhos da galera do contra”, ou seja, da espiritualidade contrária ao trabalho de caridade e esclarecimento – e, por outro lado, como situações permitidas pela espiritualidade amiga para que dessem testemunhos de comprometimento:

Então, quantos enfermeiros e médicos tão se expondo e por que ninguém chama eles de irresponsáveis se eles tão indo, de certa forma, pra morte? Eles tão indo pra um hospital! Primeiro, porque a profissão tá dizendo que eles têm que ir; segundo, alguém tem que fazer. Mas a questão é essa, eles tão indo salvar vidas. E nós, numa mediúnica, estamos salvando vidas? Sim. Estamos ajudando? Sim. [...] Então, o que é que eu vejo do GEEFA? Houve em primeiro lugar liberdade de só quem tá indo pra mediúnica é quem, em primeiro lugar, está bem e está se cuidando, tem esse detalhe. [...] Então, assim, essa questão da mediúnica, eu entendo que se estamos nos cuidando e fazendo o isolamento social e estamos sabendo nos comportar lá mesmo na reunião, no sentido de distanciamento, de higiene, eu entendo que não há porque parar. Eu não pararia. Eu não paro. Então, assim, é preciso que eu tenha alguma coisa muito mais forte (Lúcio).

Os *gefianos* seriam como os profissionais da Saúde “do lado espiritual”. Por isso ele falava que “só vai acontecer o que tá no *script* de cada um”, depositando sua confiança na espiritualidade e na certeza de que tudo que acontece tem sua razão de ser.

Nós, espíritas, não estamos... A gente não tá fazendo intercâmbios que estamos blindados. Não. Têm espíritas que precisam morrer agora. E a oportunidade foi a COVID. Então, qualquer pessoa, se chegou o momento, vai. Não é porque é espírita. Agora, eu fico imaginando assim: desse tempo todinho que estamos juntos, houve alguma comunicação que os espíritos tivessem ou mandando a gente parar ou dizendo assim "olha, vocês têm que se cuidar mais", como dando sutilmente uma dica: "se cuidem mais"? Não. Eu não tô dizendo que eles tão protegendo a gente, mas eu fico pensando assim: veja quantas mensagens dignificantes e altruístas recebemos desde o começo (Lúcio).

Se percebia um esforço para convencer que a atitude mais acertada era confiar nas “mensagens dignificantes” dos espíritos que induziam os *gefianos* a permanecer na casa. Pensar o grupo como uma espécie de pronto-socorro espiritual mostrava o uso de figuras de linguagem para incutir nas demais pessoas que elas precisavam estar lá, enfrentando seus medos e dúvidas em benefício dos desencarnados necessitados e que somente assim eles teriam a oportunidade de ser atendidos, já que outros lugares estavam fechados. Esse deveria ser o papel do GEEFA naquele período, pelo menos segundo as lideranças da casa, de dizer ao mundo: “nós somos diferentes. Nós continuamos trabalhando enquanto vocês pararam”.

Apesar de achar que ninguém deveria se acovardar em face do coronavírus, em entrevista Lúcio assumiu um tom de respeito às decisões das pessoas. Pontuava, entretanto, que

bastava apenas mais um médium (e ele apostava francamente em Antônio) se disponibilizar a continuar frequentando o GEEFA para que as atividades continuassem:

Agora, dizer assim, como eu conheço bem, "Antônio, e aí?"; "bicho, eu não paro, não"; eu digo "eu também, são dois. Então vamos nós dois fazer lá?". Se ninguém for, eu vou com Antônio. A gente senta lá na mesa e eu "olha, bicho, vamos conversar. Traz os espíritos aí".

[...] Então, assim, eu penso que a reunião mediúnica, se não tiver quórum, obviamente não tem. Mas se tiver duas pessoas dispostas, isso não é desdém e nem desrespeito a quem não está presente, agora, é só imaginarmos, desde março até agora, nesses quase sessenta dias daqui a pouco, quantas pessoas já foram atendidas, socorridas, espiritualmente falando? (Lúcio).

A visão sobre continuar presencialmente com os trabalhos envolvia riscos à saúde que não passavam despercebidos, mas eram justificados como inerentes aos que quisessem atuar na linha de frente da pandemia:

Então, eu fico pensando assim, em termos espirituais, desde que começamos, aliás, desde que não paramos, [...] se tivesse algo de tão estranho para nós que estivéssemos fazendo errando, será que não teríamos - não é privilégio - mas será que mesmo que sutilmente não viria uma mensagem, não? Do tipo assim: "gente, olha, vamos botar só quatro pessoas aqui, deem férias coletivas aí aos outros, dispensem, suspendam". [...] Veja, não tá havendo isso. Tá havendo o contrário, eu vejo assim, um incentivo a nós termos oração e trabalho (Lúcio).

Antônio, por sua vez, tinha a visão de que tudo seguia a ordem de Deus, com suas razões de ser:

Mas acredito que quem, na realidade, desencarnou, tava no *script*, vamos dizer assim, né? Tava dentro do processo que ele veio pra cá, que ele ia partir e que o vírus, na realidade, é uma porta, né? Se não foi pelo vírus, poderia ser um ataque cardíaco, um acidente de carro, qualquer outra coisa, mas ele ia cumprir aquele tempo ali e ele ia dar sequência a essa questão do desencarne. [...] pessoas tão partindo, algumas pessoas têm sido mais tocadas, outras pessoas tão ficando mais sensíveis, outras pessoas, independente da crença religiosa, passaram a buscar mais a Deus, outras não vão mudar, vão continuar egoístas do mesmo jeito, pensando só nas coisas materiais, em si mesmo, mas aqueles que de uma fagulhazinha ali, que tava meio "pega ou não pega", com essa situação começou a fazer uma doação, não é? Aí daqui a pouco fez um contato com outra pessoa, daqui a pouco tá indo numa igreja evangélica ou tá indo num grupo espírita, enfim. Tá tendo um reencontro com Deus. [...] Enquanto alguém queira ficar o tempo todinho em casa, não tá errado, tá certo também, naquilo que ele acredita, né? Mas também eu me dou o direito, na realidade, de exercer isso aí, de ter essa fé, [...] e os bons espíritos vão estar nos auxiliando, nos livrando de que aconteça alguma coisa, aos nossos olhos, pior (Antônio).

Para ele, o importante era continuar trabalhando com base nas suas convicções evangélicas, pois ele desencarnaria atuando na causa que escolheu. Havia um senso de urgência

para fazer tudo que pudesse (presente em Lúcio também) para compensar o tempo que julgava ter desperdiçado antes de atuar no espiritismo:

Se papai do céu permitir que eu siga nessa vida fazendo isso aí, durante não sei quanto tempo e um dia eu chegar numa idade legal e eu olhar pra trás e dizer assim: "rapaz, tanto tempo da minha vida eu fui um zero à esquerda, mas daqui pra lá eu tenho um atenuante, né?". E quando eu falo isso, eu falo pra gente pensar, na realidade, quando a gente chegar do outro lado, né? Quando eu deixar essa matéria, como é que eu vou ser, onde eu vou estar, né? [...] Então, a meta e o objetivo é esse. Literalmente cumprir e correr, se é que pode, atrás do tempo perdido, desperdiçado, vamos dizer assim (Antônio).

Para Antônio, as medidas de higiene e de distanciamento implementadas no GEEFA eram eficazes e garantiam que os médiuns continuassem dando oportunidade aos espíritos que precisavam ser tratados. Sua fala era inspirada nas histórias dos apóstolos que caminharam entre os enfermos e, por sua fé, não caíram doentes.

É como eu disse, quem se isolou tem seus motivos e não está errado, na realidade. Quem tá indo também não tá errado e o que eu acredito em si é que a espiritualidade vai sempre encontrar meios de agir. [...] O trabalho lá eu vejo que é feito de uma forma segura, pela quantidade que a gente tem lá de pessoas, não é uma coisa que seja alarmante, porque se a gente for falar de risco hoje, se você sair de casa, você já tá correndo risco. Então, a gente já tem um contato com o pessoal, já sabe mais ou menos a vida de cada um ali, que não tá se expondo também e que o trabalho em si, ele continua. O que seria dos amigos que necessitam de ter o diálogo e ter um acompanhamento se nós não estivéssemos lá? Com certeza uns seriam atendidos, mas outros precisam do médium, na realidade. Precisam ter o choque anímico, precisa passar por determinadas etapas pra que realmente o atendimento ocorra. E seriam pessoas que “tariam” desassistidas e eu, quando eu olho pra trás, na realidade eu vejo assim, e aí eu caio naquele conto dos apóstolos e de Jesus, não tinha tempo ruim pra eles, não é? Então assim, independente de como estava a situação, eles tavam ali, na lida, né? Trabalhando, ajudando, não é? Se eles não fossem assim, eles não teriam feito tantas curas, porque teve no meio de leprosos, que na época eram o grande... a doença do momento, não é? E eles tavam ali. Literalmente, eles tavam ali. Então, jamais eu deixaria de estar frequentando, de ir. Até porque, diante de tudo que eu tenho visto, eu acredito muito nessa questão (Antônio).

Juliana entendia o isolamento como a resposta encontrada pelas autoridades públicas para conter ao máximo os casos de infecções durante a pandemia da COVID-19. Entretanto, ela frisava que essas mesmas autoridades só podiam enxergar o ponto de vista material da situação. Assim como Lúcio e Antônio, para ela os trabalhos voltados aos desencarnados precisavam ser feitos:

E sobre a manutenção das mediúnicas, vejo que cabe a nós (seareiros da doutrina espírita), que entendemos a urgência e importância da realização de trabalhos mediúnicos e seguir com a execução desse trabalho, cientes dos riscos inerentes a esta decisão. Risco assumido pela equipe em prol do trabalho aos necessitados. Os leitos

dos hospitais no plano espiritual seguem clamando socorro e a ação de trabalhadores encarnados nesse aspecto (Juliana).

Quando questionada a respeito da sua percepção sobre quem resolveu permanecer frequentando o GEEFA ou não, adotou uma postura diplomática:

Entendo que cada pessoa tem sua liberdade para decidir por continuar os trabalhos presencialmente ou não. A minha opção foi seguir nos trabalhos tanto *online* quanto presencialmente, pois sempre estive convicta da importância do meu papel, ainda que pequeno, no auxílio de cada atendimento realizado nos trabalhos mediúnicos e também na sopa (Juliana).

Bruna era a pessoa mais preocupada em relação ao risco de contrair a COVID-19, por ter pais idosos (a mãe era asmática e o pai, cardíaco). Para ela, os *gefianos* não tinham se dado conta da gravidade do vírus que estava parando o mundo. Quando perguntada sobre as decisões de alguns trabalhadores do grupo sobre se isolarem ou continuarem frequentando o GEEFA, respondeu:

Eu acho de bom senso as pessoas que não estão mais indo, pois cada uma tem sua problemática e eles têm razão em querer se preservar. Quanto aos que continuam nas atividades, eu acho uma loucura, estou muito nervosa com relação a esse vírus. Temo pelos meus. E acho muito arriscado, nem sabemos como esse vírus atua, é muito arriscado. O dirigente diz que não tem problema na mediúncia, que estamos em poucos, que ir no mercado é pior... Mas a gente não sabe com quantas pessoas o pessoal tem contato, como vamos saber se estamos infectados ou não? Complicado... (Bruna).

Voto vencido na reunião de 20 de março, suas colocações foram, subjetivamente, interpretadas como “medrosas”. Como sua frequência à casa era menor que a de outros membros, como Lúcio, Antônio ou Juliana, o peso das suas observações parecia não ser levado em tanta consideração como o dos outros, que diziam estar no GEEFA praticamente todos os dias e se empenhando em deixar o ambiente sempre desinfetado. Ela continuou frequentando os encontros presenciais, mas em todas as ocasiões transparecia nervosismo.

Eu tô muito preocupada, muito mesmo! Tenho pais idosos, minha mãe é asmática, meu pai cardíaco... não posso dar vacilo, sabe? Eu acho importantíssimo o isolamento, as pessoas não estão dando a devida atenção, mas é necessário, nesse momento que estamos vivendo. Eu sou contra o GEEFA continuar aberto, as pessoas não têm noção da gravidade. Eu sei que Deus protege, mas precisamos cuidar do nosso corpo, que é nossa casa, e evitar a disseminação. Não quero ser a responsável por passar esse vírus para meus familiares (Bruna).

Morgana se mostrava desconfiada quando pensava que alguém assintomático poderia comparecer às reuniões, o que seria o bastante para espalhar o vírus. Ao mesmo tempo, refletia que era preciso ajudar os outros e por isso continuava frequentando as reuniões mediúnicas. Para ela, os cuidados com o distanciamento e com a higienização feitos no GEEFA eram paliativos de uma situação que poderia ter sido minimizada:

Esse pessoal que não vai, [...] eu respeito total porque eu acho que se eles pegassem e transmitissem pra alguém e viesse acontecer alguma coisa de pior, eles iam sentir a responsabilidade, ia ficar com aquele peso na consciência pelo resto da vida. [...] Eu acredito que só era pra tá tendo a reunião uma vez por semana, estaria legal, a gente estaria ajudando e se preservando [...] porque só em você sair de casa já é um risco que você tá correndo e você não tá correndo só, você tá correndo pra transmitir pra outras pessoas (Morgana).

E, assim, eu às vezes tenho medo de ir “pras” reuniões porque, tipo, querendo ou não pode ter alguém assintomático ali, a gente não sabe, e transmitir. Eu posso estar assintomática e transmitir. Você, qualquer pessoa. Mas eu também vejo assim, que a gente tem que ajudar os outros. Mas eu vejo que tem que ter o cuidado com a gente, porque também não adianta ajudar o outro e a gente tá mal. Então, a questão do isolamento social é meio complexa ainda pra mim (Morgana).

Ela foi a única integrante do GEEFA que contraiu o coronavírus, quando eu já havia encerrado meu campo. No ponto mais crítico da infecção, ela chegou a pesar 42kg, porém não foi hospitalizada.

Nazareno adotou um discurso de que o planeta experimentava uma transição e que o papel dos encarnados, como os *gefianos*, era de auxiliar os espíritos para que todo esse momento fosse atravessado sem pânico, por ser o caminho para se chegar a uma nova era:

É feito eu tava conversando com Lúcio. Eu digo "bicho, se a pessoa vai fazer a caridade ou vai pra fazer a mediúnica, que é a caridade também, a pessoa sabe de todo o amparo que tem ali, toda a questão espiritual da coisa, que a gente sabe da força que tem a casa e a gente não se sentir seguro, protegido por Deus, é muita heresia, né?" [risos] (Nazareno).

Por outro lado, ele concordava com a aplicação do isolamento físico (apesar de continuar frequentando o GEEFA), trazendo um discurso de confiança na lógica científica em parar o aumento de casos a partir do momento que o maior número possível de pessoas permanecesse em casa:

Pra mim é uma visão coesa. [...] Existem mais pessoas num meio, é um vírus que o contágio é pelo contato da saliva, né? E tipo, a partir do momento que você isola as pessoas, você consegue parar o contágio ou diminuir. Então, eu sou muito de acordo com esse isolamento social até então, né? [...] A gente consegue interromper essa linha de contágio, que tipo, tava sendo numa crescente assustadora. E quando começou o

isolamento social ainda continuou um crescimento muito grande, né, porque é uma coisa que é difícil de você conseguir conter. Imagina se não tivesse o isolamento social, eu acho que você quebra ali aquela... Você estanca, sabe, o contágio (Nazareno).

Para ele, os remanescentes do grupo tomavam as precauções cabíveis, sem infringir as leis, e estavam sob a vigilância da espiritualidade benfeitora. Sua fala tinha, como a de outros membros que permaneceram, um tom diplomático e ao mesmo tempo voltada para a continuação dos trabalhos:

Eu acho que quem deixou de ir, por segurança, eu acho que não fez por mal, fez por bem também, por medo do contágio, coisa e tal, né? Por uma questão da segurança também, de tá se isolando ali, de tá se protegendo de algo que é muito novo aí pra gente, esse inimigo que a gente tá combatendo, muito forte. Nada contra, eu acho que se tão fazendo e assim os deixa mais seguros, psicologicamente falando, eu acho que é o que deve ser feito, eles estarem no lugarzinho deles, esperando passar essas coisas. E a mesma coisa pra nós, que continuamos indo e fazendo. Que a gente vai pro GEEFA com toda a segurança, não é? A gente faz com uma segurança muito grande, a gente faz com toda uma preparação, assepsia e tudo mais. E esse cuidado com o outro. [...] Eu acho que quem quiser ir, que não tiver medo, vai. [...] Mas se pra outras pessoas, feito a gente, faz bem, nos deixa bem continuar o trabalho, com toda a segurança que a gente tem, faz também, porque não é ilícito e nem errado, porque não foi decretado, tipo, *lockdown*, tá ligado? A gente não fazendo nada contra as leis de Deus, nem contra as leis governamentais também, que a gente deve seguir, obviamente (Nazareno).

O casal Afonso/Wycara intensificou sua participação nas atividades presenciais do GEEFA: foram plenamente integrados às reuniões mediúnicas e estiveram bastante ativos em ações de entrega de alimentos. Todo o momento vivido durante a pandemia era percebido como uma etapa necessária ao progresso do planeta:

Devemos, sim, respeitar as instruções dos órgãos de saúde, que sabem o que é melhor pra população e é só questão de tempo, porque a Ciência vai com certeza descobrir uma solução e essa fase vai passar. Isso é minha visão de profissional de saúde. Enquanto espírita, minha visão espírita disso daí, é... Também é uma fase que o planeta tá passando, né? Que Divaldo Franco, Chico já falou antigamente, uma fase que o planeta está passando de transição de um mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração. Então, não quer dizer que após o coronavírus já vamos ser um mundo de regeneração. Não. Ainda tem muito o que acontecer, né? E nós temos que ter fé, né? E confiar em Deus. E não podemos nos revoltar jamais com o que está acontecendo, com as pessoas que estão morrendo, nós devemos lamentar, sim, devemos orar por elas e o que podemos fazer é cooperar, ajudar aqueles que estão mais necessitados do que nós, aqueles que estão sem trabalho, sem investimentos, sem alimentos. O que podemos fazer é cooperar dessa forma, orar e esperar que tudo isso passe, né? Que esse momento passe. Ter fé (Afonso).

Afonso dizia respeitar aqueles que não se sentiam à vontade para frequentar a casa, pois, dizia, cada um tinha sua realidade, com idosos e outras pessoas em grupos de risco que poderiam ser colocadas em perigo. Por outro lado, para ele

Aqueles que estão ainda frequentando as reuniões mediúnicas, esse grupo que está frequentando, ele tá desempenhando um papel importantíssimo porque alguém tem que fazer isso, né? Não pode parar. Como é que fica a situação daqueles outros que estão precisando, não é? [...] Eu acho que não tem como dizer quem tá certo ou errado (Afonso).

A resposta do GEEFA pela permanência das reuniões foi entendida por Wycara como importante, “já que mais irmãos iriam, ao desencarnar, ter uma necessidade de esclarecimento”. Ela não teve um posicionamento específico a respeito dos trabalhadores que resolveram permanecer isolados, pontuando que “cada um tem seu livre-arbítrio para decidir o que é melhor para si”.

Antes da pandemia, Maria estava sempre presente nas reuniões, especialmente as das quintas-feiras, quando tinha mais disponibilidade. Ocasionalmente, assistia às palestras públicas aos sábados. Com a COVID-19, parou de frequentar a casa. Ainda assim, graças à sua mediunidade (sobretudo os *desdobramentos* que fazia), mesmo afastada fisicamente, ela permaneceu assegurada como trabalhadora do grupo: no começo de junho de 2020, Lúcio cogitou retirá-la do posto de médium “titular”, mas voltou atrás após ser aconselhado pela espiritualidade da casa (através da mediunidade de Antônio) a mantê-la na equipe.

Eu resolvi obedecer ao isolamento e principalmente ao povo aqui de casa. [...] Então, eu não vou. Como uma vez, Lúcio falou: “têm alguns que não querem vir ou por falta de fé ou por medo” e eu falei... não falei na mesma hora, né, pra ele não ver que eu tava retrucando... Passou um tempo, passou um tempo, aí eu disse “olhe, Lúcio, eu não vou pra o GEEFA. Sinto muito, sinto muita falta, sinto tudo isso, mas eu não vou. Não é falta de fé e nem é medo, é obediência. [...] Outro dia eu me acordei, eu tava bem quietinha assim e simplesmente abri os olhos, né? Não me mexi, não saí do canto, não, porque eu estava sentindo uma coisa tão agradável, uma coisa tão boa que eu fiquei com medo até de respirar pra aquilo não passar. Mas eu abri os olhos e eu senti que tinha alguém me aplicando um passe. Com a mão assim um pouco mais alta, não tocava em mim, não. Era a mão alta, ia até os pés e voltava, sabe? Eu fui sentindo aquele negócio, eu até falei assim pra Lúcio: “Lúcio, parecia que eles tavam me escaneando, porque ia pra lá e voltava, pra lá e voltava e eu senti que era aplicando um passe” e depois eu fiquei, eu fechei os olhos, agradei e aquilo foi passando e eu terminei dormindo. Me acordei no outro dia tão bem, tão tranquila, sabe? Então, não tô sendo, vamos dizer, medrosa, com falta de fé, por não tá indo, não, porque eu sei que eles tão cuidando de mim. Tão cuidando de mim e eu vou voltar. Vou voltar a fazer as minhas atividades e com toda força, com todo amor, com toda certeza e com toda a ajuda dos meus irmãos que todas as noites, quando eu vou dormir, eu agradeço a eles, né, que eu tenho meus amigos [...]. E quando eu voltar eles vão voltar também, inclusive eles estão lá, são amigos do GEEFA, né? (Maria).

Ela tinha convicção de que, mesmo longe fisicamente, ainda havia trabalhos a serem desempenhados. Para Maria, a suspensão de algumas atividades era uma decisão bastante razoável e ela mesma, por pressão da família e por ser idosa (e seu marido também), foi

irredutível em relação a voltar a pisar na sede do grupo até ter certeza de que não haveria mais perigo.

Por que fazer reuniões, fazer essas coisas aí, todo mundo junto? Somos propensos a se [sic] contaminar e passar contaminação pros outros. Tá tudo certo. Eu acho que a atitude foi correta, não é? [...] Não condeno, não, achei muito louvável essa atitude de não fazer reuniões abertas ao público, não é? A gente tem que mostrar que nós também estamos obedecendo, como todas as outras igrejas, todos os setores de reuniões estão fazendo, não é? Tá bom, tá certo (Maria).

Sobre os que continuaram frequentando a casa, dizia respeitá-los em suas posições sobre trabalharem, ficando em preces para as melhores resoluções nos atendimentos e pela saúde dos médiuns:

Que vá, não sou contra, não. Sou contra aglomeração, muito junto, mas eu sei que aí tão meio distantes, eu acredito que estão tendo os seus cuidados, mas eu não vou, não vou nem tão cedo. Só vou quando disser assim "foi liberado, tá sendo liberado", então eu vou porque eu vou tranquila, eu vou tranquila sem ninguém tá me cobrando nada e nem me passando alguma coisa assim, não é? Eu vou quando tiver tudo "liberadozinho" e eu tenho fê que esse dia chegue, de dizer "não, já tá tudo liberado, cada um volta às suas atividades, cada um volte a fazer o que fazia antes" (Maria).

4.3 REPERCUSSÕES DA NOITE DE 20 DE MARÇO

A reunião de 20 de março foi o pontapé para a reformulação das atividades do GEEFA, como as palestras e os estudos públicos que se tornaram *lives*, feitas através de redes sociais como o *Instagram* e *Facebook*. Em tempo, outras ações surgem, como o preparo e a distribuição de alimentos para pessoas em situação de rua. Isso trouxe dois campos ao grupo: um, presencial, com as reuniões mediúnicas mantidas, e outro, virtual.

4.3.1 As sopas

Além do aspecto mediúnico, Antônio foi o responsável pela ação de preparo de alimentos para pessoas em situação de rua. No final de março, ele divulgou a ação nos canais do GEEFA, como o *WhatsApp* e o *Facebook*, para avisar que estava recebendo doações. Prontamente, outros trabalhadores se disponibilizaram a ajudar, alguns com o preparo de *kits* de alimentos, como Nazareno e Juliana, e outros, como Afonso, com a coleta de doações nas casas de quem não pudesse levá-las à sede do grupo ou com a distribuição dos *kits* pelas ruas de Caruaru. Essas comidas foram apelidadas de “sopas”, em alusão à época em que o GEEFA

ainda era o GEFA e o grupo se reunia na casa de Claudete, onde houve a primeira iniciativa de trabalho com doações (que eram realmente sopas e café).

Os envolvidos no movimento de 2020 passavam por locais como o centro de Caruaru, por abrigos que acolhem pessoas durante a noite e em lugares mais afastados, como a rodoviária municipal. Os primeiros *kits* (80 no total) foram feitos e entregues no dia 27 de março (uma sexta), com sanduíches e garrafas d'água.

Então, o que mais me impacta nessa questão do trabalho social é justamente o sorriso e o olhar que as pessoas botam pra gente quando a gente vai lá e faz essa doação, literalmente, né? E você fica um pouquinho no canto do outro, porque às vezes as pessoas acham assim, que "ah, tá lá é vagabundo, é drogado, é isso, é aquilo outro". Pode até ser, mas é um ser humano. É uma pessoa que precisa de ajuda, né? Há situações que, por exemplo, que a gente chega... Já aconteceu, por exemplo, da gente chegar pra doar a sopa e o camarada tá lá com uma lata de cana e a gente sabe que a sopa vai ser o tira-gosto pra ele, se brincar, né? [ri]. Mas não importa o que ele vai fazer. O que vai me importar, na realidade, é a ação que a gente vai ter, é a demonstração de carinho, de solidariedade, né? O que ele vai fazer, aí já é uma coisa que vai competir a ele (Antônio).

Para Antônio, dar o pontapé para a atividade das sopas condizia com sua preocupação em “recuperar o tempo perdido” antes dele encontrar o espiritismo. Com isso, havia o pensamento de que suas dívidas poderiam ser minimizadas, quando desencarnado, a partir dos trabalhos executados ainda na carne:

Semana passada, a gente saiu pra fazer a distribuição dos *kits* da sopa, eu tava conversando com Afonso e eu dizendo assim a ele: "quem sabe um dia, a gente vai tá lá desencarnado e de repente chega alguém lá e diz assim 'opa!', vai falar naquela alegria toda e a gente lá, murcho" [risos]. E o *cabra* vai dizer "você me conhece!"; "não, não..."; "olha, eu sou aquela pessoa que tava lá naquele determinado ponto, maltrapilho, você foi lá, deu uma sopa". Eu penso nisso, na realidade, eu penso nesse ponto, nessa ajuda (Antônio).

Dentro do que Leite (2014) chama de *tripé espírita* (mediunidade, estudo e caridade), a caridade é a parte que tem o poder de chamar as pessoas para o trabalho mais evidente de auxílio ao próximo, sendo a aplicação prática dos ensinamentos de Jesus. Ela ajuda, então, a atrair neófitos. Foi o que fez Juliana ao se colocar à disposição, tanto para preparar os *kits* quanto para distribuí-los nas ruas e, principalmente, convidando algumas amigas que não faziam parte do GEEFA para ajudarem nessa tarefa.

A entrega pontual de pães e sopas (uma *caridade material*) também se desdobrava em *caridade moral*⁷¹, representada nos diálogos com as pessoas nas ruas que traziam lições sobre confiar em Deus e ter fé no próximo. A iniciativa com os alimentos despertou em Nazareno algumas reflexões a respeito da caridade quando ele recordava sua passagem pela Igreja Evangélica que, dizia, oferecia ações com um teor mais comemorativo do que altruísta:

Quando fazia era por alguma ação pra uma festividade, mas digamos assim, em um ano fazia uma vez. Sabe? Tipo, "modinha". "Ah, vamo fazer uma ação! A gente vai fazer!", "Ah, bora entregar sopa na rua!". Entendesse? Não era algo que "ah, bora fazer isso assim, assim, assim", todo quinze dias ou toda semana. Não, era esporadicamente (Nazareno).

Para Nazareno, deveríamos lembrar que se ajudamos alguém hoje, poderemos ser ajudados amanhã, à semelhança do que falava Antônio:

Eu poderia ficar sem ir, por exemplo, pras mediúnicas, para as reuniões do caderno ali, do auxílio aos amigos necessitados. Eu poderia deixar de ir, mas se fosse pra dizer "escolha uma", eu acho que a... Vamos botar como da sopa, pra mim, é a melhor. Porque eu consigo sentir. [...] Mas quando a gente sai pra entregar as sopas na rua, que você vê realmente alguém que precisa, aquela pessoa necessitada... Bicho, é de uma emoção sem igual. Assim, eu não consigo, nem... nem que a pessoa tente prender mas não consegue, sabe? Prender a emoção de você ajudar aquelas pessoas, que tipo, a gente faz uma vez na semana, só na quarta, né? Essa pessoa precisa comer, se alimentar quinta, sexta, sábado, domingo, segunda, terça e precisa se alimentar bem, tipo, de manhã, de tarde e de noite, né? A gente só leva uma refeição na quarta à noite. Mas, bicho, essa refeição que a gente leva, além da questão orgânica, do alimento orgânico, mas, bicho, você poder alimentar alguém com esperança, sabe? Alguém que tá ali na pior, que tá, tipo, desacreditado, até do ser humano mesmo, e ver um ato de solidariedade de alguém, tipo, que tem esperança, sabe? Que é mais do que aquele alimento que a gente entrega ali. É muito fantástico. Olha, é por isso, bicho. É o trabalho pra mim, assim, que eu mais prezo e mais zelo, é esse trabalho da quarta-feira, de levar essa comida não só física, mas espiritual para as pessoas na rua, bicho. E agora que tá do jeito que tá... (Nazareno).

Cavalcanti (2008) escreve que "a caridade é uma cura de si mesmo através do outro" (p. 61), algo que pode se aplicar ao pensamento de Nazareno. Ele parecia querer englobar, em um único movimento, a caridade que os espíritas dividem entre *moral*⁷² e *material*: para ele, não bastava a entrega do alimento físico, era preciso o alimento espiritual (o consolo, a palavra amiga, a atenção). Isso lhe dava sentido, ao ponto de ele pensar que, se tivesse que escolher entre apenas uma dentre todas as atividades do GEEFA, seria essa.

⁷¹ Essa é uma distinção da caridade apresentada por Kardec (2013c).

⁷² N'O Evangelho segundo o espiritismo, Kardec (2013c) apresenta a *caridade moral* como mais difícil de ser praticada do que a sua contraparte *material*, podendo ser realizada por pensamentos, palavras ou ações. A prece seria o principal veículo do pensamento dirigido a uma ação caridosa e as palavras viriam na forma de conselhos que esperançassem as pessoas.

Inicialmente, toda a movimentação aconteceu no local de trabalho de Antônio⁷³ e os envolvidos se reuniam semanalmente lá (nas tardes das sextas para o preparo dos *kits* e noite adentro para entregá-los). Não demorou muito para passarem a se encontrar na sede do GEEFA, às quartas. Com o tempo, mais pessoas de fora do grupo foram convidadas (como a esposa de Lúcio, além das já mencionadas amigas de Juliana). A produção aumentou, assim como a variedade dos alimentos – em seu ápice, foram preparados 140 *kits* que, a depender da semana, variavam entre sanduíches, sopas ou “quentinhas” de arroz, cuscuz, salsicha, água e café – fato que causou preocupação em Lúcio e o fez levantar a questão sobre até quando o grupo daria conta de manter esse padrão de produção depois que a pandemia chegasse ao fim.

Figura 8 – Os *kits* de alimentos.



Fonte: o autor (2020).

No tocante às atividades com os alimentos, Morgana, que não chegou a participar delas, foi a única que teve ressalvas sobre essa ação, mesmo dando valor à iniciativa:

Eu acho que é um risco muito grande. E acredito que poderia ter outra forma de ajudar. Eu acho muito arriscado porque, tipo, aquelas pessoas ali, mesmo que tenham toda a higienização, eu sei que eles vão de bom coração e tal e tudo, mas mesmo que tenha total higienização de tudo, eles não tão tendo. Então eles podem estar totalmente com o vírus e, querendo ou não, podem transmitir ali e num descuidinho pode pegar, entendeu? Aí eu acho... Antes tinha a mesma quantidade de pessoas que tão passando fome na rua. Se fosse assim, tipo, levar pra um abrigo que aumentou a quantidade de pessoas, eu acho que seria outra forma de ajudar e seria mais seguro do que tá levando nas ruas, que são as pessoas que não têm nem higiene, que não têm como terem, que moram na rua, e estão totalmente expostas ao vírus. Eu acho assim, eles tão indo de bom coração, mas é uma irresponsabilidade (Morgana).

⁷³ Antônio era preparador físico e alugava um espaço para ministrar suas aulas.

4.3.2 As mentalizações

Antes, no GEEFA, existiram momentos à parte onde os trabalhadores podiam se recolher em preces direcionadas, chamados de *mentalizações*⁷⁴. Os médiuns se reuniam ao redor da mesa, à semelhança das reuniões de estudos ou mediúnicas, e alguém lia o nome de uma pessoa, de um grupo de pessoas ou o endereço de um local. Era colocada uma iluminação fraca e um fundo musical tranquilo para inspirar calma aos presentes e, à medida que um ou outro tivesse percepções, Lúcio os encorajaria a compartilhá-las. Não aconteciam incorporações, o objetivo era apenas a emanção de bons pensamentos – embora pudessem ocorrer percepções dos médiuns sobre a condição espiritual de alguém ou de algum lugar, onde algum trabalhador diria se havia *obsessores* ou espíritos perdidos perto de alguém ou em um lugar específico, no que já seriam pensados, principalmente por Lúcio e Antônio, os próximos passos para tratar da problemática, provavelmente em uma sessão mediúnica.

Com a COVID-19, as *mentalizações* foram englobadas às reuniões mediúnicas. Elas continuaram a não ser tão frequentes e só passaram a ocorrer de novo a partir de maio de 2020, após o pedido dos benfeitores espirituais para que fossem reservados momentos de preces para as vítimas do coronavírus. Assim, os últimos vinte ou trinta minutos das reuniões das sextas passaram a ser destinados a essas atividades. Vejamos uma orientação de Lúcio antes do início de um desses momentos:

Então, o que é que a gente vai mentalizar amanhã: "pedimos à espiritualidade...", por exemplo, aí vamos citar o [Hospital] Mestre Vitalino, porque a gente sabe de certeza, "o [Hospital] Mestre Vitalino agora, quem podemos auxiliar... Que nossa equipe... Vamos todo mundo pra lá... Aqueles espíritos que estão atrapalhando o desenlace de alguém", ou então "aqueles que já era pra ter ido e não foi", ou então "não é pra ir e tá pensando que vai e tá sofrendo uma pressão psíquica de um *obsessor*" (Lúcio, grifo nosso).

Após todos os presentes se concentrarem e, de preferência, fecharem os olhos, eram induzidos pelo dirigente a imaginar que estavam visitando os hospitais e outros pontos de atendimento voltados às vítimas da COVID-19: “imaginem que estamos chegando à porta do lugar”; “agora, o que podemos perceber da ala voltada aos ‘covidianos?’”; “tem alguém com essa pessoa que vocês estão percebendo?”, eram perguntas que Lúcio fazia aos presentes. Era deixada uma música suave ao fundo e as luzes eram reduzidas para um tom mais intimista,

⁷⁴ Também conhecidas como *irradiações* (LEITE, 2014). Segundo a autora, em outros locais a nomenclatura *mentalização* pode assumir uma conotação diferente, evocando a ideia de "mecanismos de defesa contra energias negativas provenientes de espíritos inferiores" (p. 97), ou seja, funcionando como barreiras energéticas durante as práticas mediúnicas.

como um azul escuro ou verde. Os médiuns ficavam em silêncio e só falavam quando tinham alguma informação para dar, como dizer se estavam ao lado de algum leito de hospital, se havia espíritos amigos ou perturbadores próximos a alguém internado e como eram essas entidades. Caso fossem detectadas presenças indesejadas, através de uma prece seria pedido que os trabalhadores espirituais do GEEFA fizessem um convite aos espíritos incômodos para serem atendidos nas próximas reuniões mediúnicas do grupo. O final da *mentalização* era marcado por uma prece de encerramento onde se agradecia pela oportunidade em ajudar o próximo e, como nas sessões mediúnicas, Lúcio abria espaço para que as outras pessoas tecessem comentários ou observações sobre o encontro.

4.3.3 O GEEFA virtual

A *internet* e suas ferramentas sempre estiveram à disposição do GEEFA, porém somente a partir da COVID-19 ela se tornou um recurso indispensável, operando como instrumental de uma mudança de hábitos do grupo, na acepção de Miller e Slater (2004). A partir das deliberações da noite de 20 de março, o grupo previu que ficaria sem o seu público dos estudos e das palestras. Era preciso, de alguma forma, continuar essas atividades. Assim, surgiu a proposta de que, a partir da semana seguinte (começando em 25 de março), se fizessem *lives* nas redes sociais da casa (*Instagram* e *Facebook*), sempre às quartas (20h) e sábados (16h). A ideia era de que tivessem o mesmo tempo das palestras, cerca de uma hora, e que fossem apresentadas por membros com experiência nesse tipo de atividade (embora houvesse espaço, segundo Lúcio, para integrar quem se sentisse confiante para falar ao público).

Foram realizadas cerca de 25 apresentações virtuais entre março e junho de 2020, com um público que variava de 8 a 20 espectadores. Destas, 6 aconteceram com convidados/as de outros grupos espíritas, inclusive uma entre Lúcio e Vânia; e outra entre Antônio e Cristiana, ambas integrantes da Casa Chico Xavier. Entre os *gefianos*, 9 *lives* foram feitas entre Lúcio e Antônio e 1 entre Lúcio e Juliana. Individualmente, Lúcio, Antônio e Juliana realizaram, cada um, 3 *lives*. A partir de meados de maio de 2020 as gravações desses momentos foram disponibilizadas nas redes sociais do grupo.

Os temas variavam, indo de passagens d'O *Evangelho segundo o espiritismo* até capítulos de livros de autores conhecidos no meio espírita, como Chico Xavier e Waldo Vieira, Léon Dennis, Divaldo Franco, além de serem propostos temas livres, a depender do palestrante. A manutenção dessas apresentações era um mecanismo de divulgação do espiritismo e do GEEFA.

A maior preocupação era a exposição de conteúdos voltados a questões básicas do espiritismo, à reflexão de valores cristãos, à transformação moral dos indivíduos (a *reforma íntima*). Lúcio se adaptou rapidamente ao formato *online*, comentando nos encontros presenciais do grupo que por ele ser um divulgador do espiritismo, aproveitaria o espaço virtual para postar apenas conteúdos espíritas. Em outro momento, ao final de abril, exaltou uma *live* apresentada por Juliana, que trouxe o autor Léon Denis, considerado clássico para os espíritas, porém desconhecido por um espectador da apresentação, que comentou que “iria atrás dele”. Para Lúcio, aquela foi uma evidência da necessidade de divulgação do espiritismo, pois ele via muitos espíritas “postando mensagens bonitas de Buda, do papa, mas nada da doutrina”. E para divulgar mais o espiritismo, era preciso estudá-lo sempre e ter consciência de que todo momento era uma oportunidade de aplicá-lo.

Juliana era um investimento de capital simbólico para Lúcio. Ele sempre recomendava leituras para ajudá-la nas exposições dos conteúdos das *lives*. Assim como havia acontecido com ele em seu início de trajetória, quando foi conquistando espaços (e granjeando seu próprio capital simbólico e social), agora era ele quem colocava outra pessoa em situações graduais de responsabilização, já que

Ingressar ou criar-se numa doutrina que enfatiza o estudo e a leitura, que estrutura-se como “escola”, prevê uma docência em que o participante é “aluno” e futuro “docente” de novos “alunos”, em que cada um deverá estar apto a desempenhar as funções de médium, orador, divulgador do espiritismo, exegeta de textos e intérprete das situações à luz do sistema espírita (LEWGOY, 2000, p. 231).

Apesar da ideia de durar uma hora, as *lives* ultrapassavam esse tempo, chegando até mesmo a quase duas horas. Vamos descrever uma delas, protagonizada por Juliana e Lúcio, em 6 de junho de 2020.

Foi escolhido o tema *Necessidade de sublimação*, do livro “*À Luz do Consolador*”, da autora espírita Yvonne Pereira. Lúcio elogiava Juliana e dizia que a *live* era dela. Os primeiros 20 minutos foram reservados para uma explicação do que seria a mediunidade à luz dos escritos de Kardec. Juliana explicou, então, conceitos básicos para os espíritas sobre essa faculdade, como a ideia de que qualquer pessoa, espírita ou não, pode ser médium, já que essa é uma condição orgânica do ser humano que permite a comunicação entre o plano espiritual e o plano físico. O médium seria a pessoa que transmite uma mensagem de uma esfera para outra. Nossos sonhos, intuições e percepções também seriam modalidades da mediunidade. Lúcio complementou sua fala dizendo que os antigos profetas citados no Velho Testamento nada mais seriam que médiuns, também chamados, em outras civilizações, de oráculos, pitonisas, sibilas...

segundo ele, se comunicar com os espíritos e saber que eles existem nunca foi “uma invenção dos espíritos”, porém apenas através do *Livro dos Médiuns* e de uma casa espírita séria seria possível entender o que a faculdade mediúnica nos traz e o porquê da necessidade de buscar a sublimação nos intercâmbios entre os vivos e os mortos. Sem estudo, disciplina e cuidado, a mediunidade seria algo perigoso.

Somente depois Juliana apresentou uma breve biografia da escritora espírita Yvonne Pereira, frisando que a própria autora se baseia fortemente em Kardec para seus textos, para rapidamente falar da sublimação como ferramenta de desenvolvimento mediúnico. O restante da *live* se desenrolou na leitura do texto em si, seguida de comentários dos dois *gefianos*, sempre girando em torno da mediunidade. A grande mensagem do momento, comentada por Juliana, dizia que antes de se decidir médium (assumindo trabalhos mediúnicos), temos que meditar profundamente sobre o assunto, pois isso é um compromisso com as leis de Deus e a própria consciência. “Não posso entrar na partida sem conhecer as regras do jogo”, comentou. Cinco pontos chamaram sua atenção para se ter prudência e vigilância no assunto da mediunidade sublimada: conhecer as leis que regem a faculdade mediúnica; conhecer a finalidade da faculdade mediúnica; avaliar a delicadeza do compromisso que se assume com a mediunidade; quais responsabilidades se terão e; quais os perigos disso.

Por fim, o recado dado era sobre a constância do estudo do espiritismo para possuímos uma mediunidade disciplinada e elevada, segundo os preceitos espíritas e cristãos de amor ao próximo.

As *lives* foram bem aceitas pelo grupo. Todos levaram em consideração os benefícios de poderem continuar com os estudos e as apresentações de conteúdos ao público, mesmo que o isolamento físico chegasse ao fim. Antônio as percebia como uma ferramenta de divulgação que quebrava paradigmas e o forçava a estudar e se lançar diante das câmeras. Era uma forma de “cutucar” a casa para os tipos de linguagem que deveriam ser adotadas para os diferentes tipos de público. Juliana pensava nelas como “interessantes para abarcar pessoas que já frequentavam o GEEFA e também outras que não podiam fazê-lo e acompanhar nossas reflexões de suas casas pela *internet*”. Para Afonso, elas eram uma ferramenta que precisava ser mantida, mesmo com um futuro retorno presencial das atividades do grupo, e Wycara levantava a importância de os encontros serem registrados para servirem como fonte de consulta aos que quisessem conhecer ou se aprofundar no espiritismo.

Apenas Maria refletiu sobre o acesso ao mundo virtual não ser para todas as pessoas e Nazareno sobre os estranhamentos entre o mundo real e o mundo virtual:

E quanto a essas atividades através da *internet*, quem tem acesso... Pra você ter uma ideia eu nunca assisti nenhuma [*live*]. Uma, que eu nem me lembro, e outra que eu já tentei uma vez e não consegui, e aí deixei pra lá, sabe? Mas pra quem tem oportunidade de chegar até lá, é muito bom (Maria).

Pelas *lives* a gente já não consegue interagir como interagía ali presencialmente, por exemplo. Indagações, questões que você queria perguntar em relação ao que tava sendo estudado, mas que na *live* não dá pra você levantar a voz ou pedir a fala e fazer um questionamento, como dá pra fazer ali presencialmente, feito a gente faz. Ou acrescentar algo, não é? (Nazareno).

Outra ferramenta digital que já era usada antes da pandemia foram os grupos do *WhatsApp*, em número de pelo menos três: um geral, com os trabalhadores e as pessoas frequentadoras dos estudos e palestras, assim como algumas pessoas que sequer haviam ido presencialmente à casa; outro apenas para os trabalhadores, destinado a informações sobre as reuniões mediúnicas, para avisos e divulgação de psicografias e textos espíritas para reflexão e debate; e um terceiro, destinado aos palestrantes (este, ocioso). Criavam-se mais grupos, normalmente por iniciativa de Lúcio, que continham apenas ele e integrantes pontuais: antes das reformulações das atividades da casa, por exemplo, eu sabia da existência de pelo menos um deles⁷⁵, nomeado de “sexta dimensão” (porque as reuniões eram feitas nas manhãs das sextas, apenas entre Lúcio e duas médiuns em desenvolvimento. Depois, Antônio também passou a frequentar os encontros).

As conversas entre os médiuns se desdobravam sobremaneira no grupo voltado especificamente para eles. Lá, Lúcio compartilhava áudios das psicofonias gravadas nas reuniões mediúnicas ou das psicografias digitadas. Ele sempre deixava à mesa dois gravadores (mesmo que ele se ausentasse, reiterando que todas as reuniões fossem gravadas) para registrar e analisar as comunicações mediúnicas⁷⁶, além de encorajar os médiuns psicógrafos a digitar as mensagens para que todos tivessem acesso a elas. Antônio, por sua vez, passou a fazer uso desse grupo e do grupo geral para divulgar as ações com os alimentos.

Ao final de maio, um episódio que evidenciou o alcance das comunicações através do *WhatsApp* aconteceu graças a uma provocação minha, com a discussão no grupo voltado aos membros da casa sobre o conceito do *choque anímico*. Disponibilizei um *link*⁷⁷ a respeito do tema, de autoria do *site O Consolador* (revista espírita conhecida no meio), datado de outubro de 2011. O texto em questão, como a grande parte dos escritos espíritas, citava obras de figurões do espiritismo, como Divaldo Franco e Chico Xavier – lembrando o que Lewgoy (1998; 2000)

⁷⁵ Mencionamos esse grupo no primeiro capítulo.

⁷⁶ Lúcio era o único com o acesso na íntegra às comunicações, alegando ter a disponibilidade para editar os áudios, devido à sua rotina de trabalho.

⁷⁷ http://www.oconsolador.com.br/ano5/229/leonardo_marmo.html

defende como a *intertextualidade* nas obras espíritas, onde autores e espíritos se confundem nas narrativas, garantindo um tom de veracidade através de "uma incessante remessa a outros textos, onde idéias e afirmações de autores encarnados são respaldadas pela autoria de afirmações atribuída a espíritos desencarnados" (LEWGOY, 1998, p. 101). Minha intenção de provocar um debate rapidamente se tornou uma conversa enxergada como um diálogo de “achismos”. Eram necessários fontes e fatos, e Antônio frisou isso ao comentar, assim que levantei a hipótese de discutir apenas entre os membros do grupo suas *opiniões* sobre o *choque anímico*: "eu particularmente não tenho condições de dar uma opinião baseada apenas em um artigo. Estaria dando uma visão pessoal, sem fundamento, baseado no que eu acho...". Os outros membros não se manifestaram, exceto Bruna (“o que achei ao ler o artigo, seria que o ‘choque anímico’ teria o mesmo efeito que um choque, mas n [sic] necessariamente a sensação de um choque elétrico”) e Lúcio, que a princípio acolheu a ideia do debate, mas não participou dele (“vou ler o artigo e buscar as correlações quando oportuno” – o que nunca aconteceu). Depois, Antônio chegou a postar alguns vídeos explicativos⁷⁸ da visão espírita sobre o que seria o *choque anímico* e como ele funcionaria em uma reunião mediúnica, embasados nas obras de Divaldo Franco. Ninguém deu seguimento à conversa.

Esse acontecimento também ilustra a integração dos relacionamentos entre os ambientes *online* e *offline* pensada por Miller e Slater (2004) e que aconteceram no GEEFA. A conversa sobre o *choque anímico* começou devido às reuniões mediúnicas, um ambiente presencial que os autores pensam como fornecedor de “conhecimentos de fundo” (p. 45), que depois toma fôlego no ambiente do *WhatsApp*, um espaço virtual.

Se comigo a iniciativa de um debate se mostrou frustrada, a coisa foi diferente para Lúcio. Entre o final de maio e o começo de abril, ele postou trechos do texto *Relato Completo da Cura da Jovem Obsedada de Marmande*, da *Revista Espírita de 1864* (KARDEC, 2017), que tratava sobre o processo de identificação e tratamento de uma jovem *obsidiada*, segundo um grupo espírita que manteve contato com Allan Kardec. A estratégia do dirigente *gefiano* foi a de divulgar partes da narração em diferentes dias e deixar que todos comentassem à vontade suas impressões. Somente ao final ele fez seus apontamentos (alguns sobre o relato em si, outros parabenizando a interação do grupo), comparando as realidades do GEEFA e a do grupo ilustrado no caso, para mostrar que era preciso seguir os ensinamentos de Kardec.

Outra face do uso de ferramentas virtuais era estar sujeito, assim como poderia acontecer em um espaço físico, a conversas mais acaloradas diante de outras pessoas: na tarde de 10 de

⁷⁸ Ferreira (2018).

junho de 2020, um domingo, foi realizada uma videoconferência entre eu, Lúcio, Antônio, Juliana, Bruna e Afonso. Alguns pontos foram levantados sobre os futuros passos do grupo, como a possibilidade da mudança dos dias de distribuição dos alimentos. Segundo Lúcio, a disponibilidade da equipe nas quartas era devida ao isolamento físico, mas à medida que as coisas normalizassem e as pessoas voltassem às suas rotinas, provavelmente aquele dia, por ser no meio da semana, ficaria comprometido. Caso mais membros fossem integrados ao quadro de voluntários, nada impediria que se formassem duas equipes em dias distintos. Sua fala começou a partir da reflexão de que apesar de haverem recursos em caixa e regularidade nas doações, lhe preocupava o crescimento da produção dos *kits* (“antes se faziam 70, depois 90, depois 110...”). Ao seu ver, a qualidade deveria ser posta à frente da quantidade. Foi aí que Antônio pediu a palavra para comentar sobre o surgimento da ideia dos *kits*: nos arredores do seu trabalho havia muitos lavadores de carros que pediam ajuda, o que se intensificou à medida que a circulação de veículos nas ruas diminuiu por conta da pandemia. A ideia de aumentar a quantidade de *kits* aconteceu porque eles acabavam antes que o grupo terminasse o percurso das entregas. Depois disso, Afonso sugeriu que fosse estabelecido um valor fixo a ser usado nos dias das ações (como, por exemplo, o uso de R\$ 100,00 para cada dia em que se produzissem os *kits*), o que ficou em aberto para futuras considerações. Em seguida, Lúcio fez uma crítica sobre o comportamento de algumas pessoas assistidas durante as entregas, relatando um episódio onde ele mesmo entregou uma sopa a uma mulher, que a guardou e pediu aos seus companheiros que levassem o alimento à sua residência para que ela a tomasse em outro momento. Para Lúcio, essa pessoa “não estava precisando realmente”, caso contrário teria consumido a sopa no ato. Rapidamente, Antônio, apoiado por Afonso, questionou essa colocação. Para eles, não havia como saber o tipo de vida que as pessoas levavam para julgar quem teria maior ou menor necessidade de comer, levantando questionamentos como “e se aquela pessoa vai levar a sopa pra alguém que não pode ir buscar?” ou “e se tiver mais de uma pessoa na casa dela?”. Isso provocou o apoio dos outros membros presentes na reunião, o que fez com que Lúcio silenciasse.

Nesse encontro *online*, Lúcio falou sobre suas primeiras ideias para a indicação de alguns integrantes do GEEFA para comporem o estatuto do grupo, como ele mesmo, Antônio e Juliana, frisando que os demais *gefianos* não deveriam se sentir preteridos, pois aquela seria uma ação *pro forma* para uma futura formalização da casa (o que nunca chegou a acontecer). Na prática, nada mudou, e o grupo continuou sendo conduzido por aqueles que já comandavam sua estrutura.

4.4 REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA COVID-19 NO GEEFA

Uma situação nova, como um mundo de fronteiras fechadas devido a um vírus, pede abordagens que podem vir de áreas que inspirem conforto ou segurança, como a religião. Sobre isso, Bottino, Scheliga e Menezes (2020), ao lembrarem de Geertz, defendem que a religião

[...] é desdobrável em dimensões cognitivas, emotivas, morais, de organização social, de assistência e caridade, de mutualidade etc. Ela produz coletivos e articula redes de alto grau de capilaridade, que atingem e atendem pessoas muitas vezes inalcançáveis de outras formas. E ela é capaz de operar como uma gramática, ou uma sintaxe, ao fornecer instrumentos para a interpretação do mundo. Assim, ela pode conferir inteligibilidade em situações de crise, ajudando a ultrapassar momentos graves como os atuais, portanto, parece óbvio que as pessoas religiosas utilizem esses recursos (BOTTINO, SCHELIGA & MENEZES, 2020, p. 291).

As autoras afirmam que seus próprios grupos de pesquisa manifestaram uma multiplicação de referências religiosas, o que as fez perceber que a vivência religiosa das pessoas analisadas era ao mesmo tempo afetada e estimulada pela pandemia, de maneira similar ao que aconteceu no GEEFA, onde todos buscaram no espiritismo respostas para interpretar a COVID-19, mesmo quem optou pelo isolamento físico. O grupo, como aponta Oliveira et al. (2020), construiu interpretações específicas sobre as experiências do sofrimento e do morrer, como encará-las e, de certa forma, superá-las a partir da perspectiva de que tudo que acontece está nos planos de Deus e que os mortos são atendidos pelos espíritos benevolentes que os ajudam (assim como auxiliam eles mesmos, os encarnados). A insistência na continuidade das atividades mediúnicas lembra o que defende Arribas (2014) sobre todas as ações mediúnicas de um grupo serem, na verdade, desdobramentos da caridade em si:

A melhor propaganda e a melhor fundamentação das ações dos diferentes protagonistas espíritas devem estar calcadas, antes de tudo, na moral cristã, mais precisamente, na moral evangélica apoiada pela prática da *caridade*. A caridade para os espíritas, independentemente das divergências doutrinárias, é um lema basilar, ou por outra, um “imperativo ético” (Giumbelli, 1995: 10). Ela pode se manifestar de diversas formas, de acordo com o conjunto mais geral de crenças espíritas. Alguns exemplos são: (1) obras assistenciais aos necessitados de toda sorte (ou falta de sorte), (2) oferta de alívio ou de cura das dores, material ou espiritual, (3) os passes e (4) a prática da desobsessão (p. 144, grifo da autora).

No GEEFA, presenciamos uma *disputa pelo real* (BRANCO-PEREIRA, 2021), onde toda a dimensão da *caridade simbólica* precisava superar as mazelas do mundo. Esse era o significado de falas como as de Antônio ao dizer que se o grupo tivesse *fé*, a exemplo dos primeiros cristãos, ninguém seria assolado pela COVID-19: era a construção da narrativa

gefiana para atravessar o coronavírus. Como se não bastasse, as figuras de autoridade do grupo ratificavam a decisão da continuidade do GEEFA com a apresentação de mensagens atribuídas aos espíritos amigos da casa em concordância com a decisão tomada:

Coragem e bravura são características dos intrépidos e valentes, dos destemidos, dos fiéis, dos que possuem princípios de libertadores, trazem no coração a gratidão por serem agentes de mudança, transformando vidas e levando esperança aos aflitos. Não se esqueçam, a covardia, a indiferença e o egoísmo são os piores males que fazem sucumbir o homem! (Psicografia apresentada no GEEFA em 25/03/2020).

Era o esforço da construção de um GEEFA salvacionista, a última das casas espíritas em Caruaru a funcionar como posto avançado de ajuda aos espíritos esquecidos pela COVID-19. Para membros como Lúcio ou Antônio, “sentar e esperar que a realidade concreta se imponha é abster-se, portanto, da disputa pelo real” (BRANCO-PEREIRA, 2021, p. 141). Por outro lado, nas falas de Bruna ou de Morgana víamos outra percepção da realidade, mais apreensiva – mas que perdia potência quando confrontada com o posicionamento dos integrantes ocupantes de postos de autoridade.

Vamos lembrar do comentário de Antônio sobre o grupo precisar ter *fé*. Nesse caso, pensamos na *fé* do tipo *fé-crença*, conforme Reesink (2020a). Como escreve a autora, esse tipo de fé implica na articulação entre a dúvida, a crença e o conhecimento de algo, onde a *prova* desempenha um papel extremamente relevante⁷⁹. Para alguns, como Lúcio e o próprio Antônio, nenhum *gefiano* ter adoecido era uma *prova* real e efetiva da proteção da espiritualidade para o grupo seguir seu curso.

Apesar de não haver um conflito escancarado ou um *cisma* turneriano, era notório o clima de desconforto para uns e de irredutibilidade ou convivência pelo seguimento dos trabalhos para outros. A COVID-19 trouxe uma disputa da prática ideal. Bruna e Morgana manifestaram suas preocupações, porém continuaram frequentando a casa, ao contrário de Maria, que desde o começo se posicionou contra. Isso deu margem para o fortalecimento do grupo pró-permanência dos trabalhos presenciais, afinal a maior parte das pessoas que diziam ser contra os encontros terminavam indo ao GEEFA, mesmo que por um ou dois dias na semana. Apenas uma das partes, a das lideranças da casa, impôs a prática a ser adotada no campo *gefiano*, conforme a teoria de Bourdieu que Jourdain e Naulin (2017) comentam:

⁷⁹ “But if *faith-belief* implies a distinction (at least in analytical terms) between belief and knowing, it also implies doubt and scepticism. Put differently, the category of faith exists at the articulation of doubt-belief-knowing, in which proof plays an extremely relevant role” (REESINK, 2020a, p. 11).

De um ponto de vista estático, um campo é um campo de forças. Num dado momento, um campo se caracteriza por uma distribuição desigual dos recursos que determinam posições diferentes. Esquematicamente, em todo campo existem indivíduos ricos em capital específico que são os dominantes e indivíduos menos bem-dotados que são dominados (p. 149).

Já vimos que indivíduos como Lúcio eram dotados de capitais que se sobressaíam no GEEFA. Além disso, ele trazia para perto de si outros membros (Antônio e Juliana) e os investia de capital simbólico. Assim, foi criado “um espaço social, um espaço de diferenças” (JOURDAIN & NAULIN, 2017, p. 139) que projetou, em especial graças à COVID-19, grupos dominantes e dominados:

Legitimando a ordem social que lhes dá vantagens, os dominantes exercem uma violência simbólica sobre os dominados [...]. Uma vez legitimada, a dominação aparece efetivamente como “natural” não somente aos dominantes, mas também aos dominados, que desconhecem os mecanismos de imposição deste arbitrário. [...] a invisibilidade da dominação repousa sobre a produção de crenças não explícitas formando a *doxa*, isto é, uma *opinião comum*, partilhada e não questionada. [...] os dominados aderem à sua própria dominação e tendem a ajustar suas expectativas subjetivas às suas probabilidades objetivas de sucesso social, convencendo-se de que certas posições não são feitas para eles (JOURDAIN & NAULIN, 2017, p. 140, grifo nosso).

A opinião de maior peso no GEEFA estava na inculcação de que a espiritualidade benfeitora apelava pela continuação dos trabalhos. E os agentes das mensagens que ratificavam esse posicionamento eram justamente os “membros-estrela” (TURNER, 2015) da casa, dotados de maior capital simbólico e que, portanto, davam o tom do campo *gefiano* na pandemia.

A analogia entre o campo e o jogo vai mais longe. Segundo Pierre Bourdieu, o que consolida um campo é “a adesão coletiva ao jogo que é ao mesmo tempo causa e efeito da existência do jogo” [...]. Para que o jogo exista é preciso que os jogadores acreditem nele, acreditem no valor da aposta e tenham interesse em jogar por essa aposta. Pierre Bourdieu denomina *illusio* este fato “de estar tomado pelo jogo, de crer que o jogo vale o investimento, ou, para dizer as coisas simplesmente, que vale a pena jogar” [...] (JOURDAIN & NAULIN, 2017, p. 147).

Os “jogadores” do GEEFA acreditavam nas figuras que detinham os capitais (cultural, social, simbólico etc) e por isso se colocavam em risco, tomados pela crença de que aquele era um investimento que valia a pena. Sobre as ações de Lúcio e Antônio, vejamos que

As diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do *capital religioso* na concorrência [...] do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa

do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social (BOURDIEU, 2007, p. 57, grifo do autor).

Como diziam em seus discursos, nenhuma lei estava sendo quebrada ao continuarem com as reuniões no GEEFA. Restava insistir com o máximo de membros para seguirem trabalhando, até que chegasse um ponto onde se consolidasse um *habitus* referente à necessidade de trabalhos ininterruptos no grupo.

Olhando para Lúcio, temos o sinônimo da palavra *controle*. Em vários momentos tivemos exemplos disso, a começar por ele ser o único com acesso na íntegra às gravações das reuniões mediúnicas, que raramente chegavam aos ouvidos dos outros membros e, quando chegavam, eram em partes recortadas que serviam para embasar algum dos seus discursos. Outro exemplo eram as criações dos grupos de *WhatsApp* onde só ele e as pessoas que ele selecionava faziam parte. Seus investimentos em expandir seus capitais aumentavam o controle que exercia: assim como fez na reunião que anunciou Juliana e Bruna como membros do primeiro grupo gestor do GEEFA, de novo (no encontro *online*) ele comunicou que outros integrantes (Juliana e Antônio) estavam garantidos como representantes da casa por força de um estatuto.

Não foi à toa que apenas Antônio e Juliana participaram das *lives*. Para o restante do grupo, informalmente se pensava que “certas posições não são feitas para eles” (JOURDAIN & NAULIN, 2017, p. 140), já que eles não detinham capital suficiente ou não contavam com o apoio do dirigente de forma tão escancarada quanto Juliana, que alavancava, junto a Antônio, um capital social que os levou a palestrar, futuramente, em outras casas espíritas.

Outra observação, mais uma vez, sobre a dinâmica Lúcio/Antônio, acontece na burocratização dos passos da casa como forma de dominação legítima⁸⁰ – que já vimos ser um jogo, na acepção bourdiana apresentada por Jourdain e Naulin (2017), “jogado” por todos e onde se aceitava que as cartas fossem dadas pela dupla em questão. Vamos lembrar da minha tentativa frustrada de provocar um debate no grupo de *WhatsApp*, onde Antônio acionou a necessidade do embasamento teórico para opinar e Lúcio se colocou na posição de observador que não se daria ao trabalho de participar, sinalizando que seu capital simbólico e religioso

⁸⁰ Reesink (2007) escreve a respeito de um processo de estruturação semelhante onde um vidente da Virgem Maria passa a institucionalizar todo um cenário que antes seria um exemplo de *communitas*, mas com o aval da própria Santa, por meio de mensagens intermediadas por ele. Esse processo se assemelha ao que aconteceu no GEEFA, onde as mensagens da espiritualidade vieram para garantir que a casa seguisse de portas abertas. Escreve a autora que “o processo de institucionalização é legitimado pela sacralização realizada pelo divino, o que implica um estabelecimento de compromisso maior entre os fiéis e o sagrado” (p. 582). Se um membro do GEEFA legitimasse as propostas da direção do grupo, ele teria que “se submeter ao controle da instituição e [...] se estruturar” (REESINK, 2007, p. 594), se comprometendo a continuar na casa, apesar da COVID-19, pois o grupo estava legitimado perante os espíritos para continuar seguindo com seu formato estruturado.

estava disponível para outras pessoas. Tudo isso, contudo, implicava em uma constante necessidade de racionalização do que acontecia na casa, como a explicação de tantas cisões ao redor dele – começando com os primeiros grupos com os quais ele trabalhou, seu tempo com Roberto e depois com Claudete – ou a razão do GEEFA perder membros.

Vamos recordar do antigo integrante do GEEFA, Dino, que se afastou do grupo para ficar ao lado da esposa que combatia um câncer e por não concordar com o discurso que classificava como “medroso” quem não frequentasse a casa. Essa tensão latente o levou ao rompimento com o GEEFA⁸¹. O “lado B” de Lúcio gerava conflitos que ele mesmo produzia. Por isso ele buscava na mediunidade de Antônio algo que justificasse/racionalizasse suas ações. Assim, a debandada de médiuns era colocada na esfera pública do GEEFA como uma “seleção natural” da espiritualidade da casa, onde os mais “fortes” (aqueles com vontade e disposição) “sobreviviam” e seguiam nos trabalhos, ao passo que os dissidentes eram afastados através de seus compromissos mundanos. Tudo, claro, a cargo da espiritualidade.

Quando a pandemia explodiu, apenas Maria rompeu com a narrativa *gefiana* sobre a necessidade da presença de todos na casa, se recolhendo abertamente ao isolamento físico. Assim, Lúcio se apressou em exercer os mecanismos de controle de que dispunha para desligá-la do quadro de médiuns ativos – iniciando uma *ruptura*, aos moldes dramáticos de Turner (2017), que só não se consolidou graças à *ação corretiva* tomada pela mediunidade de Antônio⁸².

O fundador do GEEFA era o “pior inimigo” de si mesmo, no sentido de sempre atrair e afastar colaboradores. Com a pandemia, um contexto de crise social total⁸³, os conflitos latentes se intensificaram, e sua liderança e modelo de gestão deram vazão a dramas sociais e arenas de conflitos. Vamos relembrar que as pessoas que Lúcio trouxe para perto eram as que estavam em concordância com ele, a começar por Antônio, que compartilhava do senso de urgência e da absoluta aceitação das diretrizes doutrinárias e administrativas, passando por Juliana, sua conhecida de longa data de fora dos muros do GEEFA, e Afonso, seu ex-aluno que acatava todas as orientações propostas. Outras pessoas como Bruna, Morgana ou Nazareno sentavam à mesa por conta da mediunidade que ofereciam para a manutenção das sessões do local.

Nesse capítulo, observamos a formatação tomada pelo GEEFA com a pandemia da COVID-19. Vimos como as lideranças do grupo adotaram narrativas baseadas na retórica do

⁸¹ Como escreve Cavalcanti (2020), “no plano sociológico, o drama social considera como conflito a tensão latente produzida na vida coletiva pela atuação constante de princípios estruturais contraditórios” (p. 76)

⁸² E que a levou a exercer outro papel de destaque, como veremos no próximo capítulo.

⁸³ Reesink (2020b) se inspira no conceito do fato social total maussiano para apresentar a “crise social total”, pensando a pandemia como uma crise multidimensional e totalizante da sociedade brasileira.

convencimento, buscando, inclusive, o apoio das mensagens espirituais dos benfeitores da casa. O grupo migrou algumas das suas atividades presenciais para contextos virtuais (como as palestras públicas que se tornaram as *lives*), reativou ações (as entregas de alimentos pelas ruas de Caruaru) e incorporou novas nuances às práticas já existentes (as *mentalizações* que foram inseridas nas reuniões mediúnicas). Ao mesmo tempo, processos desqualificatórios aconteceram com a intenção de mitigar posturas de "medo" em relação à exposição ao coronavírus e ao contato físico dentro do GEEFA, onde membros como Maria correram o risco de ser desligados da casa por se posicionarem contra a frequência do local. Aos que estivessem de acordo com as expectativas de Lúcio, teriam acesso aos capitais do dirigente *gefiano*, como nas *lives* em que ele esteve com Juliana ou Antônio. Caso contrário, ele se absteria, a exemplo da minha tentativa de promover um debate no grupo de *WhatsApp* do GEEFA, postura que por si só desautorizava outras pessoas menos próximas.

Além disso, notamos que membros como Nazareno, Afonso e Morgana, que disseram, ao serem entrevistados, concordar com a Ciência (quanto ao isolamento físico e outras precauções), acabaram cedendo à narrativa de Lúcio, Antônio e Juliana, e continuaram frequentando o GEEFA.

5 SONHOS E *DESDOBRAMENTOS*

Uma situação única que surgiu no campo do GEEFA diz respeito aos relatos de alguns de seus membros, como Bruna, Nazareno e Maria, sobre seus sonhos e suas viagens fora do corpo (os *desdobramentos*). A partir do quadro pandêmico que vimos no capítulo anterior, agora vamos pensar como os *gefianos* interpretaram as narrativas oníricas apresentadas e as implicações disso nas práticas da casa.

Escrever sobre esses relatos foi desafiador, pois não foram muitas as informações que os *gefianos* sonhadores me passaram, mesmo porque preservar lembranças precisas desses momentos parecia ser difícil para eles, à exceção, talvez, de Maria, mais experiente nessa prática. Bruna e Nazareno, por exemplo, comentaram sobre os sonhos que tiveram em apenas uma ocasião, no GEEFA, diante de todos e em tom de descontração.

5.1 OS SONHOS E O GEEFA

Para os *gefianos*, é possível acessar o “além” através dos sonhos, pois dormindo nos desprendemos do corpo material para encontrar espíritos e lugares sintonizados às nossas vibrações. Nesse mundo, é possível visitar nossos entes queridos, mentores, desconhecidos e até mesmo desafetos. Segundo a cosmologia espírita, quem está encarnado não pode abandonar completamente o corpo físico, graças aos laços que nos unem ao *perispírito*. Ocorre uma espécie de afrouxamento desses laços no sono, onde

[...] durante o sonho, o Espírito encarnado recobra sua liberdade, passeia pelo Mundo Invisível, comunicando-se com seus habitantes. *O que chamamos de sonho não são senão lembranças mais ou menos nítidas que o Espírito, ao retornar à sua “prisão”, guarda desse convívio* (CAVALCANTI, 2008, p. 87, grifo nosso).

A análise das relações, através dos sonhos, entre encarnados e desencarnados não é um privilégio dos espíritas. Reesink (2009), por exemplo, mostra que para os católicos os sonhos também são momentos onde vivos e mortos se encontram (embora, nesse caso, muitos interpretem isso como um sinal de que o morto esteja precisando de preces ou de missas para ajudar na sua salvação). Barbara Tedlock (1991), ao analisar exemplos de registros antropológicos de sonhos, suas interpretações e seus impactos, também aponta a “crença geral

de que os sonhos facilitam a comunicação com seres sobrenaturais” (p. 3, tradução nossa)⁸⁴.

Como reflete Tedlock (1991), cabe ao antropólogo buscar as *narrativas dos sonhos* e não os sonhos em si – que estão restritos ao universo particular de cada sonhador. Essas narrativas vêm naturalmente em situações que envolvem o compartilhamento, a representação e a interpretação dos sonhos. Elas são, conforme pensa Roger Bastide (2016), a única maneira de conhecermos os sonhos alheios.

No GEEFA, Bruna narrou sonhar que encontrava com os outros trabalhadores da casa na sede do próprio grupo ou na residência dela para assistir aulas ou estudos sobre temas que, embora ela não soubesse definir, tinha certeza que eram de cunho espírita. Também disse que eles partiram para atividades de visitas nas casas de outras pessoas (para fazerem preces por elas). Todos os *gefianos*, segundo ela, estavam sempre de bom humor e entusiasmados.

Eu encontrava a galera, a gente sempre tava numa palestra, alguma coisa assim. E tinham os sonhos que a gente ia trabalhar, que eu lembro que tem um bem claro, que foi um que todo mundo tava reunido – era como se fosse o ponto de encontro lá em casa – e aí a gente ia fazer uma tarefa específica (Bruna).

O mesmo aconteceu com Nazareno, que teve sonhos em que estava em companhia dos membros do GEEFA para assistir a palestras em lugares como anfiteatros (local que remete à sua formação de ator) e, assim como Bruna, para ir às casas de outras pessoas para fazerem preces e vigílias. Para ele, ter a capacidade de lembrar de sonhos tão vívidos não era algo à toa, mas uma ajuda do plano espiritual no seu trabalho como médium: "se eu tô tendo essas ferramentas mediúnicas, é porque eu tô devendo muito e tenho que trabalhar. Tem coisa aí, eu tô devendo e tenho muito a pagar" (Nazareno).

Antônio relatou um sonho onde, após deitar para dormir, percebeu que diante da sua cama havia quatro entidades mal-intencionadas, querendo um ajuste de contas. Ao tentar levantar, notou que estava paralisado. Seu primeiro impulso, após ser insultado pelos visitantes indesejados, foi o de atacá-los, o que se provou inútil. Depois, lembrou de fazer preces pedindo ajuda e, assim, tanto sua paralisia quanto os espíritos sumiram. Esse sonho foi narrado antes de uma reunião mediúnica, na esperança de que alguma informação pudesse ser obtida sobre a situação.

⁸⁴ "The general belief that dreams facilitate communication with supernatural beings" (TEDLOCK, 1991, p. 3). Outros autores, como Roger Bastide (2016) ou Sidarta Ribeiro (2019) também escrevem sobre as relações entre os sonhos e o mundo sobrenatural.

Apesar da sua posição (como o homem de confiança de Lúcio e o médium que roteirizava as reuniões do GEEFA), Antônio buscou o auxílio dos outros membros da casa para desvendar o mistério do seu sonho – mas também para verificar, junto a Lúcio, como estavam as percepções dos médiuns. Para isso, Antônio se declarava como apenas uma “peça num grande quebra-cabeça”.

O que se apreende quando os *gefiãos* resolvem compartilhar entre si um relato onírico? Os relatos de Bruna e Nazareno mostravam que quem continuou frequentando o GEEFA esteve em seus sonhos⁸⁵, trabalhando e procurando uns aos outros para atuarem juntos:

Bruna: Ontem à noite sonhei que a gente se encontrava em uma casa e tínhamos que dormir lá porque íamos fazer como que uma vigília. A gente tinha que ficar lá fazendo preces por alguém.

Nazareno: Que coisa! Pois eu sonhei que vocês vinham me buscar em casa pra gente ir fazer alguma tarefa mesmo.

A revelação deles foi colocada de uma maneira em que ambos ficaram surpresos com a coincidência de terem sonhado o mesmo contexto, achando aquilo tudo engraçado. Aproveitando a ocasião, não puderam deixar de traçar paralelos com a concepção espírita de que estavam trabalhando fora do corpo também. Para eles, os laços que os uniam na dimensão onírica se mostravam tão coesos e necessários quanto no estado de vigília. Expor os sonhos funcionava como uma ferramenta de confiança, destacando a importância de cada um diante do grupo, e fazer isso no ambiente da casa era um recurso visto com bons olhos, pois lá era o lugar pensado como ideal para tratar de assuntos ligados à espiritualidade, à caridade e à mediunidade, fosse ela exercida presencialmente ou oniricamente – e com pessoas (ou espíritos) que ajudassem a interpretar as narrativas trazidas. Isso também valia para Antônio e seu “encontro” com os espíritos. Em geral, saber que tinham uns aos outros lhes inspirava segurança.

Como aponta Fernanda Henrique (2017), “com a proposta de Tedlock, observa-se um reposicionamento do sonho que deixa de ser abordado enquanto objeto para ser encarado como uma atividade” (p. 35). Pensando esse argumento, podemos afirmar que, de todos os membros do GEEFA, sem dúvida Maria era o maior exemplo de trabalhadora que conseguia conservar lembranças dos seus sonhos e que enxergava esse mundo como mais um campo de trabalho. Para ela, sonhar era uma atividade tão importante que foi um instrumento de desenvolvimento

⁸⁵ Os médiuns relataram que eu também estava presente nesse sonho. Ao compartilhar o episódio citado, inconscientemente eles me mostravam que se criava, como pensa Tedlock (1991), uma realidade social que nos ligava.

da sua mediunidade. Em entrevista, ela comentou sobre um espírito (“a vovó”) que lhe explicou, em sonho, que para o seu desenvolvimento mediúnico era preciso confiar e deixar as coisas fluírem: "quando eu sentisse essas sensações, meu coração batendo forte, que eu deixasse fluir, que não era eu, era o espírito em mim” (Maria).

Ela dizia sonhar que era conduzida regularmente para espaços onde atuava como enfermeira, encontrava conhecidos e desconhecidos e levava outros companheiros do GEEFA para lá, como Lúcio:

Esse último que eu tive, não sei se Lúcio falou, porque eu escuto alguém dizer assim "vá e leve fulano", como eu já levei Antônio [...]. Só que eles não lembram depois. Aí esse último foi com Lúcio. Disse "olhe, você vai", aí ele [o espírito que a acompanhou em sonho] disse assim "a gente vai fazer dois pedidos. Um: você vai toda de branco; e o outro: você vai levar Lúcio, que ele vai ter uma surpresa lá". E eu passei na casa de Lúcio e levei Lúcio. E quando Lúcio chegou lá, ele viu o pai e o irmão [já falecidos] e eu fui trabalhar. Depois Lúcio veio embora, eu não sei nem como, que eu não vi e eu fiquei lá trabalhando, porque são inúmeras as quantidades de pessoas que chegam, né? E eu, como enfermeira que fui.... Aí eu trabalho na enfermagem (Maria).

No GEEFA, dada a ostensividade de Maria e as falas de Bruna e Nazareno, situações como essas eram percebidas como bastante críveis, já que ratificavam o que se estudava e o que se vivia nas reuniões. Os relatos dos sonhos eram as narrativas que complementavam o senso de caridade dos espíritas, mesmo quando estavam no estado do sono. Especialmente para Maria, afastada devido ao isolamento físico, sonhar recorrentemente com trabalhos e com seus colegas espíritas reforçava que as suas atividades perduravam, além de ser uma maneira de mostrar que ela continuava tão *gefiana* quanto qualquer trabalhador. Como lembra Bastide (2016), "se os sonhos têm certas funções, é porque a sociedade se organiza de modo que essas funções sejam exercidas" (p. 69) – e, na sociedade *gefiana*, havia espaço para as funções oníricas, reveladoras de que os seus membros, em espírito, continuavam seus trabalhos. As narrativas dos sonhos eram as provas dessas funções.

5.2 O SONO E O SONHO

Vamos pensar sobre o que são os sonhos, lembrando que esse é um campo que atravessa muitas disciplinas. A princípio, vamos buscar uma interpretação mais apegada à Neurociência sobre o estado de sono humano, afinal, antes de sonhar é preciso dormir, e, para chegarmos aos sonhos, devemos, então, entender o que é o *sono*. Sobre isso, escreve Sidarta Ribeiro (2019) que

Quando deitamos a cabeça sobre o travesseiro e fechamos os olhos para dormir, profundas mudanças ocorrem nas ondas cerebrais e substâncias químicas são liberadas por nosso sistema nervoso. Primeiro experimentamos a entrega à penumbra das pálpebras cerradas, iniciando uma desconexão reversível entre corpo e mundo exterior. Em seguida surgem as transitórias alucinações oníricas do início do sono, que logo cedem terreno ao sono sem sonhos, um estado de abandonada quietude e grande redução da reatividade sensorial. Finalmente, após quase duas horas, começam a emergir os sonhos intensos e vívidos dos quais por vezes nos lembramos ao despertar (RIBEIRO, 2019, p. 135).

Segundo o autor, à medida que o nosso sono progride, chegamos em um estado conhecido como sono de ondas lentas, onde “ocorre uma redução de até 50% nas frequências de ondas cerebrais, isto é, ocorre uma desaceleração dessas ondas com correspondente aumento do seu ‘tamanho’ ou amplitude” (p. 125). Isso faz com que, a cada onda, nossas células sejam temporariamente “silenciadas”. Esse estágio domina a primeira metade da nossa noite, com pouca atividade elétrica sendo gerada pelo cérebro e, conseqüentemente, com memórias sem vivacidade.

Passada essa fase, entramos no sono REM⁸⁶, onde os sonhos mais expressivos tomam forma. Ele é “marcado por grande ativação cerebral, que reverbera memórias com muita intensidade. Essa reverberação é o próprio material de que são feitos os sonhos” (RIBEIRO, 2019, p. 34). Esse é o momento em que acontecem as aventuras dos *gefianos*.

Ainda de acordo com o autor, entendemos que o sono se divide em duas fases: na primeira metade da noite há o sono não REM (NREM), que se subdivide em três subfases e, finalmente, o sono REM, que prevalece na parte final da noite. Um ciclo completo de sono humano dura cerca de noventa minutos e compreende uma sequência fixa de estados sucessivos: N1 – N2 – N3 – sono REM, que se repete de quatro a cinco vezes até o despertar. As primeiras imagens oníricas surgem no estado inicial do sono e persistem no estado N2, onde há um apagão mental, uma perda de consciência que prenuncia o estado N3. Os estados N1 e N2 são muito breves, quase sempre durando entre cinco e vinte minutos. O N3 tem duração maior, mas seus episódios vão se encurtando durante a noite. Já o sono REM acontece em momentos curtos que vão se alongando até atingir a duração máxima ao final da madrugada, podendo ultrapassar uma hora em seu último episódio. Os momentos de sono REM se tornam mais longos e também mais intensos, aumentando os movimentos oculares, os espasmos musculares localizados e a nitidez dos relatos de sonhos.

⁸⁶ REM, de “*rapid eye movement*” ou “movimento rápido dos olhos” (RIBEIRO, 2019, p. 33).

Finalmente, chegamos aos sonhos. Segundo Ribeiro (2019), para nós, mamíferos, “os sonhos evoluíram como uma função adicional do sono, capaz de simular comportamentos antes de testá-los na vida real” (p. 331). De maneira geral:

Sonhos são narrativas subjetivas, muitas vezes fragmentadas e compostas de elementos – seres, coisas e lugares – interagindo com uma autorrepresentação do sonhador, que em geral apenas observa o desdobramento de um enredo.
[...] Quanto aos personagens, sonha-se frequentemente com os familiares, amigos mais próximos e pessoas com quem nos relacionamos no dia a dia, embora sonhar com estranhos também seja possível e até frequente em certos momentos da vida (RIBEIRO, 2019, p. 16).

Ou seja, nos sonhos, tudo gira ao nosso redor. Os acontecimentos, atores e nossos pensamentos nos seguem mesmo quando trocamos o mundo dos humanos pelo de Morfeu – ou quando nos desprendemos do corpo para percorrer a espiritualidade. É por isso que “a compreensão da motivação de um sonho exige o entendimento do contexto subjetivo do sonhador no tempo presente. Apenas nesse contexto é possível a interpretação onírica” (RIBEIRO, 2019, p. 271).

5.3 SONHOS *GEFIANOS*

Como espíritas que estudavam as obras fundamentais dessa doutrina, a interpretação dos sonhos de Bruna, Nazareno e Maria inevitavelmente atravessa o pensamento de Kardec. Segundo ele, quando dormimos nosso espírito se desprende parcialmente do corpo, ficando livre para passear pelo espaço, desempenhar as mais variadas funções e encontrar com outros seres, encarnados ou desencarnados, que podemos conhecer (ou não) da existência atual ou de experiências pretéritas. Isso, porém, não nos livra das paixões que conservamos da Terra: se tivermos nobres aspirações, nos reuniremos com companhias e trabalhos edificantes, caso contrário iremos ao encontro de lugares e acompanhantes que compartilham dos nossos vícios. Para Kardec (2013a), “o sono influi mais do que supondes na vossa vida. Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos” (p. 217). O sonho, como consequência do estado de descanso do corpo e de continuação das atividades do espírito, é a lembrança conservada das ações praticadas quando nos ausentamos da matéria. Como não temos o pleno desenvolvimento de faculdades inerentes ao mundo etéreo, só conseguimos memorizar fragmentos do que experimentamos. De maneira resumida, assim escreve o autor sobre a resposta que os espíritos lhe dão sobre o que acontece quando adormecemos:

O que se dá é o seguinte: Adormecendo o homem, seu Espírito desperta e, muitas vezes, nada disposto se mostra a fazer o que o homem resolvera, porque a vida deste pouco interessa ao seu Espírito, uma vez desprendido da matéria. Isto com relação a homens já bastante elevados espiritualmente. Os outros passam de modo muito diverso a fase espiritual de sua existência terrena. Entregam-se às paixões que os escravizaram, ou se mantêm inativos. Pode, pois, suceder, tais sejam os motivos que a isso o induzem, que o Espírito vá visitar aqueles com quem deseja encontrar-se, mas não constitui razão, para que semelhante coisa se verifique, o simples fato de ele o querer quando desperto (KARDEC, 2013a, p. 221).

Essa seria, então, a visão dos *gefianos* a respeito dos relatos compartilhados dos seus sonhos: eles acreditavam que, ao dormir, se desvencilhavam das suas vestimentas carnis e buscavam trabalho no outro mundo.

Com as restrições da pandemia, o movimento de socializar os sonhos representa um esforço dos sonhadores em se mostrarem ativos em seus labores: Bruna e Nazareno apontavam que os estudos não paravam e imediatamente eram colocados em prática no atendimento “em domicílio” feitos com preces e vigílias; Antônio queria acertar as contas com um passado que ele tinha pressa em remediar, mas agora com paciência e em preces; e Maria fazia suas viagens oníricas de trabalho, onde, ao levar outros membros do GEEFA, ilustrava que estava ajudando os próprios ajudantes (os trabalhadores encarnados da casa). Em comum, havia a ação subjetiva de fazer frente ao isolamento físico que limitava a todos.

Assim como Tedlock (1991) adverte a respeito da atenção que devemos ter à narrativa do sonhador, também Ribeiro (2019) observa que

Para compreender a lógica do sonho na atualidade é preciso contemplar sua enorme diversidade, as especificidades culturais e a articulação com o contexto de ocorrência. [...] Para além de diferenças culturais, é preciso sobretudo identificar as ansiedades e expectativas do sonhador, que prospectam a realidade iminente e podem simular possíveis soluções ou alternativas para problemas do presente (RIBEIRO, 2019, p. 86).

Para o autor, a elucidação de um sonho tem relação direta com o desejo dominante de quem o teve. Do ponto de vista de Nazareno e Bruna, as atividades em que eles participavam em sonhos pouco se diferenciavam das que eles faziam no estado de vigília, como visitar alguém, fazer preces ou assistir a palestras: eram situações onde eles se viam como iguais diante dos outros membros que também preenchiam seus sonhos, ou seja, eram sonhos que *horizontalizavam* todos os *gefianos*. No caso de Antônio, que *a priori* tentou resolver sozinho e na força as ameaças das entidades que o perseguiram, foi preciso assumir uma postura de humildade e entrega, se voltando às preces como pedido de socorro. Os sonhos representavam um controle que ele ainda não dominava e a mensagem de que somente sendo humilde poderia

conquistar o domínio de si próprio. Para Maria, recolhida em sua casa, seus sonhos eram a maneira de dizer que, mesmo afastada, ela continuava ativa – e em contato direto com os espíritos e com os *gefianos*, sendo o elo entre uns e outros ao trazer os trabalhadores encarnados para perto de seus entes queridos e para outros locais. Isso se aproxima do que Ribeiro (2019) correlaciona com o “conceito freudiano de ‘satisfação do desejo’, em que a narrativa onírica representa a obtenção de alguma recompensa”, pois “os sonhos são simulações de situações relevantes para o sonhador” (p. 264) – e a ideia de igualdade, de fraternidade, de redenção e de reconhecimento eram conceitos importantes para os sonhadores do GEEFA.

Quais os objetos de desejo que as narrativas deles demonstravam? Do que podemos inferir, Nazareno transporta para seu discurso o empenho em praticar a caridade. Bruna, junto a ele, apresenta uma noção de igualdade entre os trabalhadores. As inquietações dela perante a defesa das lideranças *gefianas* sobre a permanência das atividades presenciais do grupo repercutem nos sonhos de trabalhos contínuos. Antônio demonstra a luta entre seu “eu” de antes, impulsivo, e o “eu” de agora, certo de que se submetendo à prece poderia progredir em sua caminhada de reparações. Maria, além de mostrar que continuava trabalhando, contrariando a ideia de Lúcio de afastá-la, reaviva sua antiga profissão de enfermeira para cuidar, agora, dos espíritos – não à toa ter sido levada para os trabalhos em uma enfermaria e usando uma roupa branca, alusiva aos profissionais da Saúde.

Como escreve Bastide (2016, p. 40), “o próprio grau de integração do sonho parece depender, em certa medida, do grau de integração a determinada sociedade”. Cada sonhador dispõe de imagens individuais de seus percursos oníricos, entretanto, como pensa o autor, essas mesmas imagens são “escolhidas entre aquelas que interessam ao meio social que mais prezamos” (p. 41) – o que nos lembra os “grupos-estrela” turnerianos, quando ponderamos que as narrativas dos sonhos são como manipulações que reforçam a importância coletiva e individual do sonhador no meio social que ele frequenta. No GEEFA, por exemplo, cada pessoa queria mostrar que se importava com o grupo e que estava ali a trabalho. Outro ponto interessante é que:

Para o homem comum, o sonho não se separa da interpretação do sonho. Sociologicamente, *o sonhado é interpretável*. Basicamente, “porque o indivíduo se utiliza, nessas circunstâncias, de representações coletivas, a interpretação do sonho aparece como um fenômeno social, estando mais em função da cultura do grupo, que do próprio indivíduo” (Florestan Fernandes (1961) apud MARTINS, 1996, p. 18, grifo do autor).

Como propõe Martins (1996), o sujeito que sonha e relata se produz tanto nas relações sociais quanto é produzido por elas. Apresentar as narrativas oníricas diante do grupo é também dizer o quão comprometido se está com ele, assumindo a veracidade desses sonhos. Se estabelecermos uma relação entre sonho e vida cotidiana, como reflete Fraya Frehse et al. (1996), observando o conteúdo da mensagem e a interpretação fornecida pelo mensageiro, vemos que “o primeiro [o conteúdo] revela no sonho a representação de algum elemento da vida em vigília, a segunda [a interpretação] permite ler o que o universo onírico, de alguma forma, transmite para a vida em vigília” (p. 92). Ora, sobre o conteúdo é perceptível a preocupação com a união dos membros do GEEFA. No estado de vigília, entre as diferenças de opiniões e um vírus mortal, mesmo os membros discordantes resolvem continuar trabalhando. A ajuda, ou a caridade, é o elemento que perpassa o sono e a vigília. Em contrapartida, na interpretação do que o universo onírico traz para a vida desperta, há o cenário de que era possível ajudar uns aos outros mesmo durante o sono, por isso a assistência dos benfeitores espirituais – que buscavam os *gefianos* isolados em suas casas para trabalharem na espiritualidade.

Vê-se uma relação entre sonho e vida cotidiana. E isto no fato de eles assinalarem para os indivíduos os conflitos e contradições vividas por eles nesta mesma vida cotidiana: seus medos, angústias, alegrias e tristezas (FREHSE et al., 1996, p. 99).

Por fim, vale a pena destacar que, como lembrado por Tedlock (1991), Bastide (2016), Martins (1996) e Ribeiro (2019), do ponto de vista etnográfico o antropólogo é refém da narrativa do sonhador. Nenhum entrevistado da nossa pesquisa relatou pesadelos ou sonhos que fugiram à regra da união do grupo, apesar dos dramas sociais analisados anteriormente. Sobre Antônio, outra interpretação a respeito do seu relato mostra sua urgência com o passado quando ele mesmo contou sobre um longo período de sua vida em que fez uso de drogas. Para ele, ter dado a volta por cima era a prova da sua força de vontade e dos planos de Deus para sua nova fase. Agora, espírita e médium, buscava alívio para seguir adiante sem se prender ao ontem.

Se a análise sobre Antônio estiver com a verdade, podemos lembrar da reflexão de Ribeiro (2019) de que os sonhos em si mesmos funcionam como ferramentas de psicoterapia. Como escreve o autor, “à medida que o sonho simula a satisfação de desejos e antedesejos, as emoções de almejar, realizar e frustrar-se estão frequentemente sendo reativadas na experiência onírica” (p. 280). Antônio experimenta, em um único sonho, um caldeirão de emoções e desejos, querendo se desvincular de um passado que julga não lhe caber mais e se frustra ao perceber que não iria resolver nada somente com a força, e sim se rendendo às preces que o

libertam dos fantasmas dos seus erros, lhe dando a certeza de que somente sendo temente a Deus ele venceria a si mesmo.

Alexandre Zarias (2019), ao discorrer sobre o pensamento do sociólogo Bernard Lahire, escreve sobre a hipótese dos sonhos como “o espaço de tratamento dos problemas em curso não resolvidos, mas que fazem eco a situações problemáticas do passado: preocupações, conflitos ou tensões intrapsíquicas ou interpessoais” (ZARIAS, 2019, p. 5). Já verificamos que conflitos e tensões interpessoais foram ingredientes do GEEFA em 2020, com um subgrupo que se sobressaía em relação aos demais, *mindsets* salvacionistas e novas roupagens para os atendimentos mediúnicos.

Segundo Zarias (2019), Lahire apresenta o conceito de *disposição*, ou seja, aquilo que é deduzido a partir de um conjunto coerente de ações de uma pessoa em diferentes ocasiões que vêm de um passado incorporado: “esse passado incorporado diz respeito às experiências socializadoras sucessivas ou paralelas no âmbito da família, da escola, do trabalho, da igreja etc” (p. 2). Outro conceito é o do *contexto*, que fala do momento presente e que “diz respeito ao tecido social ao qual o indivíduo está vinculado, palco de suas ações” (p. 2). Assim, quando somamos a *disposição* e o *contexto* a um quadro de *dormência*, temos sonhos que podem ser interpretados sociologicamente – uma articulação entre passado e futuro que é a vinculação dessa experiência social a um estado subjetivo do sujeito.

Quando sonhamos, estamos simbolizando o mundo. Tal como a linguagem, prossegue o autor, o sonho funciona para múltiplas representações e faz parte das expressões humanas (como a música, o teatro, a pintura ou a literatura):

Para Lahire, o que caracteriza a fase pré sono são os eventos, gestos e palavras registrados de forma não consciente. Compõem assim uma problemática existencial que se liga a experiências do passado, longínquas ou recentes, infantis, adolescentes ou adultas, e funcionam como disparadores de uma das partes dos esquemas incorporados ou, dito de outra forma, das disposições do sonhador ou sonhadora. Tais disposições, presentes em todas as três principais fases do processo, dizem respeito a um passado incorporado estruturante, moldado pelas nossas experiências paralelas ou sucessivas em diferentes âmbitos da vida social (família, bairro, escola, trabalho, igreja etc.). Forma-se, dessa maneira, um repertório de fontes que passam a operar na fase seguinte que é o quadro ou contexto do sono. Este é caracterizado por redução ou ausência de interações externas, percepções sutis do ambiente durante o sono, perda do controle reflexivo e enfraquecimento da vigilância que organiza a narrativa onírica, uma linguagem interior implícita de si para si, enfraquecimento das censuras formais e morais e, finalmente, esquemas mentais de visualização, exagero, dramatização, simbolização, metaforização e condensação. Por último, quando acordados, nos restam as lembranças do sonho que podem ser transmitidas por relato oral a outrem ou registradas por escrito pelo próprio sujeito (ZARIAS, 2019, p. 4).

Ou seja, trazemos para o sono aquilo que acumulamos de experiências quando estamos despertos. Tudo isso se rearranja quando entramos no quadro do sono e, ao final, o que nos resta são as lembranças que conseguimos reter – um raciocínio curiosamente semelhante ao proposto por Kardec (2013a), ao mencionar que só conseguimos memorizar fragmentos do que experimentamos no mundo do sonhar. O que levamos do mundo material será a matéria-prima para o mundo espiritual. Em retorno, essa matéria-prima se transforma no mundo espiritual e se revela com base no contexto do sonhador.

O pensamento de Maria tinha uma ideia de que desde que se descobriu médium sempre ajudou as pessoas ao seu redor: foi assim que, por exemplo, ela deu recados de conforto a uma amiga (que atendeu enquanto ainda era enfermeira) cuja mãe faleceu⁸⁷. Esse acontecimento a marcou profundamente (um evento do seu passado estruturante) e se transportou para os sonhos onde ela continuou amparado os outros, como quando levou Lúcio ao pai (um esquema mental de autopercepção de que ela era alguém com a função de cuidar). No *contexto* fomentado pela pandemia e com um repertório de fontes de *disposições* formado, ela se vê novamente como enfermeira, porém dotada de novos recursos, proporcionados graças aos estudos do espiritismo e da mediunidade: observando as auras dos *gefianos*, verificando como iam os desencarnados no mundo invisível e relatando com riqueza de detalhes o mundo dos sonhos aos vivos. Esse traço era um capital único e seu trunfo diante do grupo, a moeda de troca que, sem ela se dar conta, garantiu sua permanência no GEEFA. Lúcio admitiu que, depois da conversa com os espíritos através de Antônio, ele pensou melhor sobre excluir Maria da formação “titular” dos médiuns, refletindo que todos têm seu papel e que cabia aos encarnados ter paciência. A partir disso, ele reconhece perante o grupo que, apesar de ausente, ela seguia com os trabalhos. Era a prova, para ele, que as mensagens dos espíritos que encorajavam os *gefianos* a permanecerem trabalhando estavam corretas e que eles realmente eram como trabalhadores da saúde, mas da esfera espiritual. Só pararia quem não quisesse trabalhar.

Esse evento, por si só, foi bastante representativo para mim, já que uma pessoa que foi de encontro à estratégia da liderança da casa de desqualificar quem não fosse mais ao GEEFA conseguiu permanecer no grupo. E mais: a chancela da permanência veio por meio da mediunidade de uma dessas lideranças.

Para Nazareno, sua participação nas ações de distribuição de alimentos estava acima de qualquer outra. Dessa forma, quando ele dizia encontrar seus companheiros nos sonhos para visitarem desconhecidos, observamos um contexto sobre sua vontade de ir até as pessoas,

⁸⁷ Veremos mais sobre esse episódio adiante, quando falarmos sobre os *desdobramentos*.

apesar dos decretos governamentais a favor do isolamento físico. Isso, na realidade (do mundo desperto), não foi impedimento para ele, que continuou entregando comidas pelas ruas de Caruaru. Essa vontade se ratifica no trecho da seguinte psicografia, que ele compartilhou no grupo de *WhatsApp* do GEEFA voltado para os trabalhadores em junho de 2020:

Despertar para a vida.
Meditemos nas nossas responsabilidades perante a humanidade, perante os espíritos e perante Deus.
De nós dependem as criaturas que nos cercam, no nosso íntimo, no nosso âmbito familiar, no nosso trabalho, na sociedade como um todo, bem sabemos que estão nos acompanhando a todo momento.
Que não fuçamos à responsabilidade que assumimos:
Realizemos nosso trabalho com amor, empatia e solidariedade, produzindo o melhor que pudermos e o máximo que nossas forças nos permitirem.
Em verdade quem é corajoso não foge da batalha da vida, todos teremos lutas, mas só quem sabe suportá-las pode ser classificado de corajoso.
Não digam que não podem trabalhar em benefício dos outros... (Psicografia de Nazareno).

Vemos uma preocupação a respeito da responsabilidade diante da humanidade e dos espíritos em ajudar quantas criaturas fosse possível, de forma incessante. A última frase indica a ideia de que sempre há algum trabalho em prol do próximo, independentemente da situação – até mesmo no mundo dos sonhos, assumido como o verdadeiro, na concepção *gefiana*.

Já para Bruna, adormecer e sonhar com os trabalhos de estudo e preces simbolizava uma continuação daquilo que, acordada, lhe assoberbava: a possibilidade de, estando em contato direto com muitas pessoas, contrair o coronavírus e transmiti-lo para seus pais. Sua vontade em ajudar o próximo, assim como a de Nazareno, era legítima, porém suas preocupações eram diferentes das dele, que morava só e não tinha uma mãe asmática, como vimos na entrevista relatada no primeiro capítulo. Quando Bruna falava sobre seu sonho de estudo e trabalho com os outros membros do GEEFA, talvez ela estivesse querendo trazer, em um mesmo momento, uma fuga das suas preocupações diárias à vontade de ajudar outras pessoas.

Havia uma diferença entre os sonhos relatados por Maria e aqueles comentados por Nazareno e Bruna. Como Maria havia passado pela leitura mediúnica de Antônio e foi recomendado que a deixassem em paz em suas viagens oníricas (mesmo ela ficando em casa), havia mais potência nesse trabalho que ela passou a exercer (no mundo dos sonhos). No caso de Bruna e Nazareno, seus sonhos foram acolhidos e não foram questionados, contudo não houve repercussão das lideranças da casa. Era como se dissessem: “sim, acreditamos que esses sonhos aconteceram e, claro, estamos trabalhando mesmo na espiritualidade – e isso é tudo”.

Isso remete a Bourdieu (1989), quando vemos que as interpretações dadas aos sonhos têm um peso diferente ao partirem do lado de Lúcio e afins. Mesmo com Maria permanecendo em casa e mostrando que era possível fazer o seu “*home office* mediúnico”, a história trazida pela liderança dominante aos demais membros frisa que a espiritualidade que protegia o GEEFA era a mesma que amparava Maria, *pois ela era uma trabalhadora gefiana*, e graças ao auxílio dos benfeitores espirituais do grupo ela poderia ficar nesse trânsito entre mundos da maneira que estava fazendo. Como escreve o autor,

[...] a distribuição das opiniões numa população determinada depende do estado dos instrumentos de percepção e de expressão disponíveis e do acesso que os diferentes grupos têm a esses instrumentos. Quer isso dizer que o campo político exerce de facto um efeito de censura ao limitar o universo do discurso político e, por este modo, o universo daquilo que é pensável politicamente, ao espaço finito dos discursos susceptíveis de serem produzidos ou reproduzidos nos limites da *problemática* política [...] (1989, p. 165).

A narrativa de Maria era mais interessante ao campo político *gefiano* por ser colocada menos como uma decisão dela de ficar em casa e mais como uma *permissão espiritual* para que ela continuasse trabalhando da sua morada. Por ter se colocado como reticente em relação à manutenção das atividades presenciais, o sonho de Bruna foi registrado, porém não foi reproduzido, afinal ela era contestadora do modelo de permanência física das pessoas no GEEFA.

5.4 OS DESDOBRAMENTOS

Segundo Cavalcanti (2008), “o desdobramento é um afrouxamento do laço que une perispírito ao corpo. Através dele o Espírito abandona parcialmente o corpo e passeia, volitando⁸⁸, pelo Mundo Espiritual” (p. 104). Ao contrário do sono comum, aqui, aparentemente, não são necessárias horas de repouso para atingir um estado de emancipação. Nazareno e Maria diziam ter a sensação de serem levados ou arrastados para fora dos seus corpos em direção a lugares desconhecidos (como no relato de Maria, onde ela conversou com pessoas que não conhecia) ou ficavam dentro do GEEFA, no momento das reuniões, para facilitar a condução de algum trabalho.

Vejamos alguns apontamentos de Kardec (2013a), que constam n’*O livro dos espíritos*, para entendermos a ótica *gefiana* sobre esse tema:

⁸⁸ Segundo explicado no GEEFA, *volitar* é a capacidade do espírito, pela força do seu pensamento e adiantamento moral, de voar ou planar.

407. É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito?
 “Não; basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre a sua liberdade. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando- se tanto mais livre, quanto mais fraco for o corpo.”
É assim que a sonolência ou o simples torpor dos sentidos apresenta, frequentemente, as mesmas imagens do sonho (p. 219, grifo do autor).

Sob esse ponto de vista, basta entrarmos em um estado de sonolência para que nosso espírito trave uma batalha para se desprender do corpo material. Em alguns momentos dos estudos do grupo, foi comentado que o espírito sempre quer voltar ao seu lar original, que é a espiritualidade. O corpo é como uma roupa pesada que o limita. Para esse retorno acontecer, não é preciso adormecer profundamente, pois “estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de desprender-se. Transporta-se e vê. *Se já fosse completo o sono, haveria sonho*” (KARDEC, 2013a, p. 220, grifo nosso).

O entorpecimento dos sentidos é o bastante para que a parte espiritual se desprenda mais facilmente. No caso de um médium com predisposição ao *desdobramento*, aí haveria uma boa oportunidade para isso acontecer. Contudo, segundo os espíritas, deve haver um limite no desligamento dos sentidos até que se chegue ao *desdobramento*, quando o espírito se projeta para fora do corpo físico. Caso ele seja ultrapassado, caímos no sono completo e passamos a sonhar.

Araújo (2007), em sua etnografia a respeito de médicos espíritas (e na análise do funcionamento de um Hospital Espírita), apresenta o *desdobramento* de maneira semelhante ao que acontecia nas reuniões de *desobsessões* do GEEFA:

[...] ao observar algumas sessões pude constatar que um *médium* podia atuar ora escrevendo, ora falando, ora descrevendo lugares ou pessoas, num processo chamado por eles de *desdobramento*. O *médium* explicava onde se encontrava espiritualmente e relatava o que estava vendo, de que cena estava presenciando e quem eram os envolvidos. Ele procurava identificar nesta fase se havia alguém pedindo ajuda ou se sentindo acuado. Nesta atividade, pelo relato do *médium* era como se ele estivesse ao mesmo tempo na sala do trabalho de *desobsessão* e também em outro lugar, este do qual ele falava (ARAÚJO, 2007, p. 77, grifos da autora).

Os *desdobramentos* eram vistos no GEEFA como uma ferramenta de apoio. Por serem poucos os médiuns com essa característica, os relatos sobre eles não são tão comuns – em geral, eles sempre vêm subsidiar outra atividade que seja feita (um atendimento mediúnico ou uma *mentalização*, por exemplo). Os *gefianos* usavam o termo *desdobrar* para falar quando alguém,

ainda acordado, saía do corpo físico e, caso contrário, diriam que essa pessoa dormiu para em seguida *desdobrar*.

Apesar de todo seu trabalho na montagem dos roteiros mediúnicos, Antônio não *desdobrava* nas reuniões. Ele se valia da mediunidade e das suas percepções para tocar as sessões da casa junto com Lúcio. Bruna nunca mencionou nada a respeito dessa nuance da sua mediunidade. Já Nazareno se mostrava animado por conseguir *desdobrar* durante as reuniões mediúnicas. Em uma dessas situações, ele explicou da seguinte maneira: “vem uma voz e um espírito e tenta entrar no meu perispírito e dar uma comunicação, aí eu levo em *desdobramento* pra ver o espaço”.

Ele afirmava sentir quando saía parcialmente do corpo e percebia quando era levado a outros lugares, onde via pessoas desconhecidas ou membros do GEEFA. Podia ir ao encontro de alguém que estivesse sendo atendido (encarnado ou desencarnado) ou apenas acompanhar o andamento da sessão mediúnica em curso, inclusive vendo a si próprio. As lembranças desses momentos não eram nítidas e apenas fragmentos delas se conservavam em sua memória. Dizia não ter controle sobre quando e como esses eventos aconteciam, já que tudo era muito novo para ele. Via de regra, escolhia não comentar sobre esses instantes e deixar o curso das reuniões fluir, se limitando a pontuar suas percepções somente quando provocado ou se sentisse algum espírito perto dele querendo fazer uso da sua mediunidade.

Para Nazareno, Lúcio era a figura legitimada (seu “guru”, como dizia) para lhe aconselhar sobre os *desdobramentos*, mesmo que ele nunca tivesse experimentado um. O dirigente da casa era a sua fonte de segurança e detentor das explicações teóricas sobre essa nova configuração da sua mediunidade. Mais uma vez, os capitais (simbólico, político e religioso) que mantinham Lúcio na posição de liderança se evidenciavam.

Maria, entretanto, era a pessoa com mais autonomia nessa atividade e se tornou o principal nome no grupo em matéria de *desdobramentos* na prática. Assim como aconteceu com as narrativas dos seus sonhos, que foram adaptadas pelas lideranças do GEEFA para servirem como fonte de estímulo aos trabalhos feitos pelos membros da casa durante a COVID-19, seus *desdobramentos* também foram aproveitados para validar os trabalhos *gefianos* em tempos pandêmicos.

Certa vez eu contei aí no GEEFA de um *desdobramento* onde eu fui, onde tinha um quarteirão enorme, enorme, enorme de pessoas escutando uma palestra, inclusive o palestrante se chamava Samuel, e eu me sentei ao lado e um menino chamou pelo meu nome, né? “Maria! Olhe, papai, olhe Maria!” Aí quando eu olhei pra ele, eu disse “é, tô feliz por ver vocês, mas eu não tô conhecendo nem o pai, nem o filho”. Aí ele disse “olhe aqui ao redor e veja a quantidade de gente”. Aí quando eu olhei eram inúmeras

peessoas, aí ele disse "essas pessoas são as que vocês tratam lá no GEEFA" e eu fiquei muito, muito feliz e eu vi que aquilo realmente era resultado do nosso trabalho (Maria, grifo nosso).

Nessa fala, notamos um elemento de intimidade a partir do momento em que ela diz que foi reconhecida por membros de uma família que lhe mostram uma multidão de pessoas atendidas por ela e seus companheiros do GEEFA. Para ela, era uma evidência perfeita do sucesso da assistência *gefiana*.

Mesmo afastada da casa, através das viagens fora do corpo Maria acessava espaços e os descrevia com mais detalhes do que qualquer outra pessoa do grupo. Essas ações, dizia, aconteciam enquanto estava acordada ou durante o sono:

Acontece das duas maneiras, visse? Tanto eu acordada como dormindo. Quando eu tô dormindo é como se fosse um sonho, mas que eu vejo tudo claramente, entendesse? E quando eu acordo, eu lembro de tudinho e eu sei que tô noutro lugar. E acordada, eu simplesmente me deito aqui [em casa] e sinto sair. E fico consciente, tanto quando eu estou dormindo quanto eu acordada, eu fico consciente, eu vejo, eu vejo tudo. Entendesse? (Maria).

Lembrando Ribeiro (2019), que aponta o sono REM como aquele em que os sonhos mais vívidos acontecem, sem dúvida Maria retinha a memória dos seus sonhos com muita precisão e frequência. Quando, na perspectiva espírita, ela relaxava, mas não caía no sono profundo, ou seja, quando seus sentidos estavam entorpecidos sem que ela ingressasse por completo no ciclo do sono, ela experimentava o estado de *desdobramento*. A gênese dessa faculdade aconteceu quando ela ainda frequentava a Igreja Evangélica:

Bom, a primeira vez que eu tive um *desdobramento* eu não frequentava nada, não. Eu frequentava a Igreja Evangélica. Mas eu senti que uma coisa saiu do meu corpo. Saiu do meu corpo e saiu voando, não foi pra canto nenhum, não. Pra longe, como eu vou agora, né? Ficou por aqui, mas ficou nas alturas, assim, andando. E eu "meu Deus do céu, que sensação!" É uma sensação estranha, eu tinha medo de cair, tá entendendo? Mas voltei. E teve outra vez que eu tava deitada no sofá e eu comecei a sentir que eu tava querendo sair e tava querendo... E não conseguia nem sair e nem me acordar e nem dormir, foi um negócio estranho. [...] Mas depois eu comecei a ter aquilo como um sonho: "ah, eu tive um sonho tão bom, sonhei voando, eu sonhei que eu fui num canto estranho, onde só tinha gente estranha, não via ninguém e as pessoas nem falavam comigo porque parece que não me viam. Muitas vezes as pessoas não me viam" (Maria, grifo nosso).

É interessante observar que, na descrição dos seus primeiros *desdobramentos*, ela faz a comparação da sensação experimentada com a de ter um sonho bom. Ela até podia voar, mas as pessoas que encontrava não a viam – ao contrário do que ela contou quando, já nos tempos

do GEEFA, conversou, no mundo espiritual, com gente que a ajudava e reconhecia como trabalhadora do grupo.

Assim como essa característica surgiu, também desapareceu e Maria não contou com ela por algum tempo até que, há cerca de 10 anos, atendeu uma paciente cuja filha era sua amiga. Eventualmente, a paciente faleceu e, passado um período após o seu sepultamento, os *desdobramentos* voltaram:

Aí, quando foi com uns dias depois... Não sei se foi semanas... ela era espírita também, essa senhora. Aí eu *desdobrei*. Uma pessoa, deve ter sido meu guia espiritual, não sei, eu sei que era um homem e ele não me deixou ver o rosto dele, ele me levou até lá. Me levou e me deixou assim, distante do lugar que ela tava e ele disse "olhe ela ali". Ela tava numa sala. Ele disse "ela tá se recuperando", mas ela não tava com aparelho nenhum, daqueles que a gente botava. E eu comecei a olhar pra ela e ela deu tchau pra mim, e depois eu comecei a olhar o ambiente em que eu estava. Era um ambiente muito bonito, tinha uma praça enorme, eu vi duas moças que vinham descendo, conversando, é um lugar que tem um verde diferente, tem uma luz diferente. Tudo isso eu percebi. Que o verde era um verde verdinho, bem vivo e meio molhado o chão. E a luz, ela não é pálida como a gente vê a luz do dia aqui. É uma luz dourada e eu achei aquilo tão bonito, aí quando eu acordei, eu fiquei pensando "mas como é que eu fui até lá?", aí foi quando eu comecei a entender o *desdobramento*. Aí eu falei pra filha dela, né, eu disse "olhe, eu estive lá onde sua mãe está e ela falou comigo". Aí passou um tempo e eu fui de novo e dessa vez, quando eu fui, ela passou por mim e olhou pra mim e disse assim... E eu falei com ela, dessa vez eu falei com ela. Ela tava com duas crianças e eu perguntei de quem eram aquelas crianças. Ela disse que tava tomando conta daquelas duas crianças, ela tomava conta de uma farmácia e tomava conta de criança. Aí depois ela olhou pra mim e disse assim "Maria, você precisa de trabalhar". Pronto, eu fiquei muito feliz por ela ter me dado esse recado e foi quando eu comecei a me interessar muito mais (Maria, grifos nossos).

Assim, interagindo com a falecida mãe da sua amiga, primeiro para vê-la convalescente e depois como responsável por uma farmácia e pelo cuidado de crianças – duas coisas que remetem à formação dela mesma: a farmácia como local de cura e as crianças como representação do cuidar do próximo –, Maria passou a ter uma visão mais séria a respeito da sua mediunidade.

Uma hipótese que podemos pensar a respeito dos *desdobramentos* relatados pelos *gefianos* é a de que eles são espécies de *sonhos lúcidos*. Esse é um tipo de sonho que tem como característica uma “lucidez exacerbada, em que o sonhador sabe que está sonhando e pode exercer controle total ou parcial sobre tudo o que compõe o enredo onírico” (RIBEIRO, 2019, p. 368):

O curso normal do sono REM tipicamente desemboca em duas situações antagônicas: despertar rapidamente e logo regressar ao estado onírico, ou então despertar e sustentar a vigília. Entretanto, a prática persistente permite ao sonhador equilibrar-se no limiar sutil entre sono REM e vigília, expandindo a consciência de forma a dominar o processo de simulação mental do sonho. Esse tipo de sonho é muito impressionante

e adiciona uma dimensão totalmente nova à vida mental. Nem mais nem menos daquilo que havia antes, mas sim um eixo novo, completamente diferente (RIBEIRO, 2019, p. 368).

Somente ao final dos anos 1970 e começo dos anos 1980 a Ciência passou a reconhecer os sonhos lúcidos como uma habilidade voluntária que poderia ser sugestionada verbalmente, treinada e estimulada (até por sinais luminosos), pensados como “um estado intermediário entre a vigília e o sono REM, um estado híbrido em que a atenção está voltada ‘para dentro’ como no sono, mas com a consciência intencional que caracteriza a vigília” (RIBEIRO, 2019, p. 370).

Os *desdobramentos* dos *gefianos* poderiam ser estados em que eles eram sugestionados, fosse por um agente externo, como Lúcio, ou por vontade própria, como quando Maria deitava no sofá da sua casa. De toda forma, os sonhadores sabiam, mais ou menos, o que acontecia e conservavam um relativo poder de decisão. Maria se dizia consciente em seus passeios e pontuava que exercia seu livre-arbítrio nas conversas que mantinha e nos trabalhos que exercia.

O próprio ambiente e o momento da reunião mediúnica, com luzes apagadas ou com a intensidade diminuída, música de fundo relaxante e os constantes comandos de Lúcio para que todos sossegassem e deixassem fluir suas percepções, era propício para a entrada em um estado de afrouxamento dos sentidos. Misturando-se isso às intenções de trabalharem para dar passagem aos mortos, havia a receita para a eclosão de um estado semelhante ao dos sonhos lúcidos, caso houvesse pessoas com predisposição a eles. Podemos ver que:

Quando transformado em portal para a ação onírica voluntária, o sonho se torna um espaço privilegiado para aprender, treinar, amar, viajar e contemplar. Torna-se também um espaço propício para encontrar e interagir com as criaturas da mente: parentes, amigos, ancestrais, entidades, deuses e o próprio Deus. [...] Embora normalmente o sonho lúcido se desenvolva a partir de um estado onírico não lúcido, relatos tradicionais e contemporâneos indicam que também é possível alcançar a lucidez onírica a partir da vigília (RIBEIRO, 2019, p. 368).

Não foi à toa que Maria, segundo seu relato, levou Lúcio para encontrar o pai e o irmão. Era de conhecimento de algumas pessoas que o pai e o irmão dele, desencarnados, representavam figuras marcantes na sua vida. Ela deu a ele, seguindo a sua predisposição de cuidar dos outros, a oportunidade de estar em um espaço de reencontro com seus familiares. Como escreve Ribeiro (2019), “o que permite ao sonhador lúcido bem treinado adquirir autoria sobre o enredo onírico é o controle volitivo da imaginação, o *desejo direcionado que manda e desmanda nas ações e cenas do sonho*” (p. 370, grifo nosso). No caso dela, ela se direcionava à caridade e ao trabalho que continuava na espiritualidade para criar os contextos dos seus *desdobramentos*.

Uma coisa é certa: como escreve Evans-Pritchard (2005), muitas vezes os acontecimentos que precedem um sonho são associados às imagens oníricas e eles são interpretados “de acordo com um processo de seleção de eventos e pessoas dirigido pelos afetos do sonhador” (p. 237). Nada mais natural do que Maria transportar para o mundo onírico os trabalhos de assistência ao próximo, dada a importância que foi dada à narrativa salvacionista de Lúcio e Antônio sobre ajudar os desencarnados e encarnados durante a pandemia.

Percebemos como a esfera dos sonhos também se conectou à maneira de pensar e agir dos membros do GEEFA. Através de alguns relatos trazidos nesse capítulo, acompanhamos como a crença de que a ajuda a outras pessoas também chegou pelo mundo dos sonhos e foi mais um elemento de apoio à ideia de que as atividades do grupo durante a pandemia eram necessárias e dignas de destaque. Para as lideranças da casa, o GEEFA (seu *grupo-estrela*) era a resiliência que fazia frente ao “vírus do medo”. Para outras pessoas, os sonhos e os *desdobramentos* foram a confirmação de que não é preciso um corpo material e a ida até um espaço físico demarcado para trabalhar – a espiritualidade faz uso de qualquer um que se coloque à disposição com sinceridade. Entretanto, no escopo do jogo de autoridades do local, Lúcio seguiu dando mais ouvidos às percepções de Antônio do que aos relatos de Nazareno, Bruna ou Maria. As narrativas dos últimos eram acolhidas, mas como prova de que a casa era bem assistida. As lideranças, mesmo sem acessarem o mundo dos sonhos e o estado de desprendimento do corpo, faziam uso dos seus capitais para inculcar no restante dos integrantes o senso de trabalho e serviço urgentes que somente o GEEFA poderia fazer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação, procuramos pensar os processos de conflitos e relações de poder no GEEFA, observando as práticas do grupo com base em autores como Victor Turner e Pierre Bourdieu para refletirmos disputas, tensões (manifestas e latentes) e esforços por posicionamentos na estrutura desse local. Para isso, partimos da seguinte questão: como são construídos os processos de *dramas sociais* em uma casa espírita como o GEEFA? Para subsidiá-la, levantamos outras perguntas, a saber: a) como se dá a escolha e o processo de alçada das lideranças da casa? b) como essa casa segue em operação, apesar das suas tensões e, também, do atravessamento da pandemia da COVID-19? c) quais as práticas adotadas pelos seus integrantes e como elas podem se aproximar dos antagonismos levantados por essa pesquisa?

Partimos da hipótese de que a liderança do grupo era, ao mesmo tempo, a mola propulsora que garantia o funcionamento do lugar e a grande responsável por provocar rupturas entre os seus membros. Para verificar esse raciocínio, usamos o método etnográfico e elaboramos entrevistas com os membros do local, no esforço de desenhar o grupo sob o olhar das nossas descobertas.

No primeiro capítulo, concluímos ter encontrado processos de dramas sociais no ambiente do GEEFA antes mesmo dele se estruturar enquanto casa espírita, visto que a sua concepção começa a partir da ruptura entre duas personagens, Lúcio e Roberto. Afirmamos, então, que a história do GEEFA é, desde o seu início, uma história de dramas. Alguns culminam em cisões entre as partes envolvidas – como a debandada de Claudete e Dino. Outros param na fase da reparação, como acontece entre Bruna e Lúcio, para que a agenda *gefiana* siga seu curso.

Assim, refletimos que a liderança da casa, apesar do crédito em fundá-la e conduzi-la, foi também agente de desestabilização da harmonia do lugar, o que confirma a hipótese levada a campo. Algumas dicotomias detectadas dão mostra disso: a princípio, é levantado um apreço pelos estudos do espiritismo, como garantidor de capitais necessários à condução do lugar como espaço reconhecido de leituras e debates da doutrina espírita, assim como de formação de adeptos mais aptos à prática da doutrina e a uma posição de comando. Outros fatores, contudo, foram observados como relevantes para a escolha de um membro ser alavancado a uma função de direção, como: a) sua disponibilidade e vontade em “viver o GEEFA”, ou seja, se doar à casa e; b) ter algum traço de destaque aos olhos do dirigente do grupo, algo que seja de utilidade para a realização das atividades *gefianas*, como acontece com Antônio, que tem em sua mediunidade um passaporte para a mesa diretora, ou Juliana, que por ter uma simpatia e

conhecer o dirigente de outros lugares, é convidada a ser investida de capitais que a fazem se destacar em atividades da casa. Esses acontecimentos reverberam para semear campos de afastamentos e aproximações entre aqueles que aderem às expectativas da direção do local e os que resolvem manter distância ou até mesmo se desligar do GEEFA. Vemos, então, conflitos ora mantidos em latência ou levados às últimas consequências.

No segundo capítulo, procuramos observar categorias nativas como a prece, o *passe*, o estudo e a mediunidade e suas aplicações no dia a dia *gefiano*. Atentamos, então, que na visão espírita, todas essas práticas são percebidas como desdobramentos da caridade – às vezes para os encarnados, outras para os desencarnados. Na vanguarda delas, observamos as mesmas lideranças dando pouco ou nenhum espaço aos demais membros para se locomoverem na hierarquia do GEEFA.

Concluimos que o mecanismo de dominação da parcela dirigente é efetivo em matéria de convencer os demais de que a estrutura do local não deve ser questionada, sob pena de sanções (como desligamentos) e com a justificativa de que os seus representantes detêm capitais adequados à condução do grupo, mostrando que apesar das tensões, há um equilíbrio mínimo que garante a continuação da casa. Além disso, não detectamos situações de antagonismos entre indivíduos de uma mesma parcela (trabalhador-trabalhador ou liderança-liderança), e sim entre membros “diferentes” (liderança-trabalhador).

O atravessamento do campo estudado pela pandemia do coronavírus mostra, no terceiro capítulo, uma transformação no GEEFA que força a direção da casa a tomar uma posição em relação ao funcionamento do grupo. De acordo com as nossas conclusões, mais uma vez são ativados mecanismos de dominação através dos capitais manuseados pelas lideranças quando se decide que o local deve seguir operando. Dessa forma, novas categorias nativas são adicionadas às que foram apontadas, sendo apresentadas pelos *gefianos* como funções caritativas em prol das vítimas da COVID-19. É, então, construída uma narrativa que coloca o GEEFA como a única casa espírita que seguiu de portas abertas nesse período. Identificamos, entretanto, que essa postura não é recebida com bons olhos por todos os membros e um novo drama é apresentado entre três segmentos: a) a direção pró-continuação dos trabalhos (Lúcio, Antônio e Juliana – e, em menor escala, Nazareno, Afonso e Wycara); b) os membros que seguem frequentando o grupo a contragosto (Bruna e Morgana) e; c) a minoria que adere ao isolamento e deixa de frequentar a casa (Maria). As duas últimas parcelas sofrem sanções da contraparte dominante, recebendo a alcunha de “medrosos” e, no caso de Maria, tendo o seu desligamento levado em consideração.

É interesse destacar que, apesar de termos integrantes que discordam da situação do GEEFA continuar em operação, não presenciamos um embate direto. As pessoas continuaram frequentando a casa, apesar da apreensão com a pandemia. Concluímos que isso ocorre graças a um processo turneriano de lealdade, onde é inculcado que esses espíritas sentem que têm uma espécie de obrigação com o próximo. Ao mesmo tempo, não fica claro se essa lealdade é completamente devida ao *habitus* espírita de trabalhar com a noção da caridade ou se tem ligação com a figura de autoridade do dirigente da casa, que cobra a adesão dos *gefianos*. De toda forma, isso evidencia, mais uma vez, a continuação do GEEFA, apesar das novas tensões trazidas com a pandemia e das práticas reformuladas para esse recorte de tempo.

Finalmente, o quarto e último capítulo trata da inesperada categoria dos sonhos (além dos *desdobramentos*). Os relatos coletados aparecem como mais uma forma de trabalho dos *gefianos* que as performam (como Bruna, Nazareno e, sobretudo, Maria), no que nós interpretamos como a vontade deles de ajudar, de alguma maneira, o próximo e mostrar que seguiram como membros ativos no quadro de trabalhadores da casa (em lealdade ao espiritismo e ao GEEFA). É interessante apontar que, para eles, não há diferença em relação à execução de suas atividades no mundo desperto ou no dos sonhos – assumido como o mundo espiritual e acessado com o auxílio dos espíritos e da mediunidade.

Das narrativas registradas dos sonhos e das saídas do corpo (os *desdobramentos*), atentamos para elementos em comum, como: a) a presença de um ou mais trabalhadores da casa que contribuem com as atividades desempenhadas no mundo dos sonhos/espiritual; b) ações que, no estado de vigília, acontecem no grupo (as preces e os estudos) e; c) a certeza do sonhador/a de que tarefas valiosas são executadas. Essa, pensamos, foi a resposta encontrada pela esfera minoritária dos *gefianos* para tensionar a autoridade das lideranças do local. Curiosamente, da direção da casa, apenas Antônio traz um relato de sonho, porém com uma disposição totalmente diferente da dos demais sonhadores: ele não se vê em meio a alguma tarefa e, diferente do que fazia nas reuniões mediúnicas, nos sonhos ele não tem *controle* das situações, se tornando uma personagem passiva que inverte a ordem dos seus papéis assumidos. Isso nos leva à conclusão de que essas práticas, apresentadas sobretudo pelos integrantes “trabalhadores” (ou não-dirigentes) do grupo, são uma forma de drama social, mais suave e indireta, sendo a maneira encontrada de dizer que, se no mundo desperto aconteciam desequilíbrios na potência das vozes dos membros da casa, na espiritualidade havia espaço para uma readequação.

Assim como acontece com os relatos dos sonhos mais comuns, os *desdobramentos* também são racionalizados pela direção da casa, que se apressa em adaptá-los à narrativa do

GEEFA como grupo espírita que seguiu trabalhando em meio à COVID-19 com a permissão e o acompanhamento da espiritualidade benfeitora, para reparar uma crise antes que ela tomasse proporções alarmantes, capaz de gerar mais afastamentos (como ocorreu com Maria). Pensamos ser essa uma alternativa das lideranças do local à ação (onírica) dos membros não-dirigentes, que pela primeira vez não dependeram das figuras de autoridade da casa.

Apesar de tratarmos, nessa dissertação, do microcosmo *gefiano*, esperamos que nossas descobertas e reflexões possam contribuir com os estudos antropológicos sobre o espiritismo e os grupos espíritas, assim como as relações interpessoais que os movimentam.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eveline Stella de. **Médicos, médiuns e mediações**: um estudo etnográfico sobre médicos-espíritas. 2007. 139 p. Dissertação. Universidade Federal do Paraná.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.

_____. No princípio era o verbo: espíritas e espiritismo na modernidade religiosa brasileira. 2014. 255 p. Tese. Universidade de São Paulo.

BASTIDE, Roger. **O sonho, o transe e a loucura**. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

BONET, Octavio. **La sociedad del espanto. Mallas de vidas en cuarentena**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 147-163, jan./abr. 2021.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: J. Richardson (Ed.) **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York, Greenwood, p. 241-258, 1986.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOTTINO, Caroline Martins de Melo; SCHELIGA, Eva; MENEZES, Renata de Castro. **Experimentos etnográficos em redes e varandas**: a religião em tempos de pandemia. Cadernos de Campo (São Paulo, online), vol.29 (suplemento), p. 289-301, USP, 2020.

BRANCO-PEREIRA, Alexandre. **Alucinando uma pandemia**: ensaio sobre as disputas pela realidade da Covid-19. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 129-145, jan./abr. 2021.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira Editora, 1961.

CAMPOS, Roberta B. C.; REESINK, Mísia L. Conversão (In)Útil. **Revista AntHropológicas**, Recife, UFPE, 25(1):49-77, 2014.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Etnografia em grupos religiosos: relativizar o absoluto. **TOMO**, São Cristóvão-SE, n. 14, p. 55-66, jan./jun. 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008.

_____. **Drama, ritual e performance**: a antropologia de Victor Turner. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X. 2020.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas; REZENDE, Eliane Garcia. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. Rio de Janeiro, v.4, n.3, p.51-62, Set. 2010.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. 3 ed. São Paulo: PAULUS, 2008.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da antropologia**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FREHSE, Fraya; COSTA, Larissa Barbosa da; TURATTI, Maria Cecília; MACEDO, Valéria. O estranho do sonho: o imediato e o possível. *In*: MARTINS, José de Souza (org.). **(Des)figurações**: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

GREENFIELD, Sidney. **Cirurgias do além**: pesquisas antropológicas sobre curas espirituais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e da legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

HENRIQUE, Fernanda. **Por uma oniologia Kaingang**: um breve levantamento etnográfico sobre o sonhar. 2017. 96 p. Dissertação de Mestrado. UFPR.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LEITE, Emanuelle Vieira de Melo. **Do Despertar ao Trabalhar**: a produção do médium espírita kardecista em dois diferentes contextos etnográficos. 2014. 143 p. Dissertação de Mestrado. UFPE.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LEWGOY, Bernardo. Antropologia pós-moderna e a produção literária espírita. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 87-113, jun. 1998.

_____. **Os espíritos e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. 2000. 352 p. Tese. Universidade de São Paulo.

_____. O Mal à Moda Espírita: As Estruturas Narrativas de Desobsessão. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 4, n. 4, p. 91-108, jul. 2003.

_____. **O grande mediador**: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru, SP: EDUSC, 2004a.

_____. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 255-282, jul./dez. 2004b.

MADUREIRA, Antoinette de Brito. **Vassouras, ciganas e extraterrestres**: médiuns e emoções no campo religioso espírita de Natal (RN). 2010. 386 p. Tese. Universidade Federal de Pernambuco.

MALUF, Sônia. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da “Nova Era”. **MANA** 11 (2): 499-528, 2005.

MARTINS, José de Souza. A peleja da vida cotidiana em nosso imaginário onírico. *In*: MARTINS, José de Souza (org.). **(Des)figurações**: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A. (Org). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia *on* e *off-line*: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Thiago de Lima; MATOS, Lennon Oliveira; LAURINO, Bianca van Steen Mello; SANTOS, Marina Ghirotto; OLIVEIRA, Aline Ferreira; REGITANO, Aline. **Para que serve a antropologia (em tempos de Covid-19)? [editorial]**. Cadernos de Campo (São Paulo, online), vol.29, (suplemento), p.1-15, USP, 2020.

PRANDI, Reginaldo. **Os mortos e os vivos**: uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

REESINK, Mísia Lins. Turner, Weber e o *Vidente*: reflexões sobre a institucionalização de uma aparição mariana. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 50 nº 2, p. 571-604, 2007.

_____. “Rogai por nós”: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 29 (2): 29-57, 2009.

_____. On Faith and Miracle: A Cosmological Perspective on Faith and Miracle as ‘Social Categories of Understanding’ in Brazilian Catholicism. **VIBRANT** (FLORIANÓPOLIS), v. 17, p. 1-21, 2020a.

_____. **Mortes morridas e mortes matadas, ou a banalização do mal**. 2020b. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEGATA, Jean; SCHUCH, Patrice; DAMO, Arlei Sander; VÍCTORA, Ceres. A Covid-19 e suas múltiplas pandemias. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 7-25, jan./abr. 2021.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2000.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: EDUSP; Curitiba: Orion, 2003.

TEDLOCK, Barbara. **The New Anthropology of Dreaming**. ASD Journal of Dreaming, vol. 1, n. 2, 1991.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **Do ritual ao teatro**: a seriedade humana de brincar. Rio de Janeiro. UFRJ, 2015.

_____. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. 1 reimp. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

VELHO, Yvonne Maggie Alves. **Guerra de Orixá**: um estudo de ritual e conflito. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar 1977.

ZARIAS, Alexandre. **Decifra-me! A sociologia como ciência dos sonhos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 34, n. 100. 2019.

OBRAS ESPÍRITAS

MAIA, João Nunes. **Francisco de Assis** (pelo espírito Miramez). 13. ed. Belo Horizonte: Editora Espírita Cristã Fonte Viva, 1997.

OLIVEIRA, Wanderley. **Reforma íntima sem martírio**: autotransformação com leveza e esperança (pelo espírito Ermance Dufaux). 2. ed. Belo Horizonte: DUFAUX, 2012.

PEREIRA, Yvonne do Amaral. **À luz do consolador**. 1 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2012.

SITES CONSULTADOS

ASSOCIAÇÃO MUNICIPAL ESPÍRITA DE CARUARU. **Uma breve história da AME**. Disponível em: <<http://amecaruaru.com.br/ame/index.php/historia>>. Acesso em out. 2021.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao&view=noticia>>. Acesso em dez. 2020.

_____. Ministério da Saúde. **Coronavírus**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso em jan. 2021.

CARUARU. Decreto nº 024, de 15 de março de 2020. Regulamenta, no Município de Caruaru, medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, conforme previsto na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020 e Altera o Decreto Municipal nº 036 de 03 de maio de 2018. **Diário Oficial de Caruaru**: seção 1, Caruaru, PE, ano 9, n. 1000 (edição extraordinária), p. 1-3, 15 mar. 2020. Disponível em: <<http://diario-oficial.caruaru.pe.gov.br/>>. Acesso em jun. 2020.

_____. Decreto nº 040, de 23 de abril de 2020. Dispõe sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras para toda população como medida de enfrentamento da Calamidade de Saúde pública decorrente da Infecção Humana pelo Coronavírus Covid-19) e dá outras providências. **Diário Oficial de Caruaru**: seção 1, Caruaru, PE, ano 9, n. 1030, p. 1-6, 23 abr. 2020. Disponível em: <<http://diario-oficial.caruaru.pe.gov.br/>>. Acesso em jun. 2020.

_____. **Boletim Covid-19**. Caruaru: 2020. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/category/coronavirus/>>. Acesso em mar. 2020.

_____. **Nota da Secretaria de Saúde de Caruaru**. Caruaru: 2020. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/nota-da-secretaria-de-saude-de-caruaru-3/>>. Acesso em abr. 2020.

_____. **Relatório com o monitoramento de isolamento social por bairros, aqui em Caruaru**. Caruaru: 2020. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/relatorio-com-o-monitoramento-de-isolamento-social-por-bairros-aqui-em-caruaru/>>. Acesso em abr. 2020.

_____. **Boletim Covid-19.** Caruaru: 2020. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/nota-caruaru-registra-mais-tres-casos-positivos-de-covid-19-na-cidade-2/>>. Acesso em abr. 2020.

_____. **Relatório com o monitoramento de isolamento social por bairros, aqui em Caruaru.** Caruaru: 2020. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/prefeitura-de-caruaru-divulga-monitoramento-do-isolamento-social-por-bairros-dessa-quarta-feira-27/>>. Acesso em mai. 2020.

_____. **Boletim diário da Secretaria de Saúde 31.05.** Caruaru: 2020. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/boletim-diario-da-secretaria-de-saude-31-05/>>. Acesso em mai. 2020.

_____. **Coronavírus.** Caruaru: 2020. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/category/coronavirus/>>. Acesso em jun. 2020.

_____. **Relatório com o monitoramento de isolamento social por bairros, aqui em Caruaru.** Caruaru: 2020. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/prefeitura-de-caruaru-divulga-monitoramento-do-isolamento-social-na-cidade-durante-os-ultimos-10-dias/>>. Acesso em jun. 2020.

_____. **Boletim diário da Secretaria de Saúde 30.06.** Caruaru: 2020. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/boletim-diario-da-secretaria-de-saude-30-06/>>. Acesso em jun. 2020.

_____. Caruaru inicia a vacinação contra a Covid-19. Caruaru: 2021. Disponível em: <<https://caruaru.pe.gov.br/caruaru-inicia-a-vacinacao-contra-covid-19/>>. Acesso em jan. 2021.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reuniões Mediúnicas.** Brasília: 2012. Disponível em: <<https://www.febnet.org.br/blog/geral/estudos/reunioes-mediunicas/>>. Acesso em: out. 2020.

_____. **Mensagem aos médiuns.** 08 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.febnet.org.br/blog/geral/noticias/mensagem-aos-mediuns/>>. Acesso em 23 set. 2020.

FRATERNIDADE ESPÍRITA LÉON DENIS. **Bem vindo à FELD.** 2012. Disponível em: <<https://feldcaruaru.webnode.com/sobre/>>. Acesso em out. 2021.

MOREIRA, Leonardo Marmo. Eletrochoque, choque anímico e desobsessão. **O Consolador**. São José dos Campos. 02 out. 2011. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano5/229/leonardo_marmo.html>. Acesso em 24 mai. 2020.

MOURA, Marta Antunes de. O Perispírito. **Federação Espírita Brasileira**. 01 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/o-perispirito/>> Acesso em 25 set. 2020.

PERNAMBUCO. Decreto nº 48.809, de 14 de março de 2020. Regulamenta, no Estado de Pernambuco, medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, conforme previsto na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial do Estado**: seção 1, Recife, PE, ano 97, n. 1 (edição extra), p. 1-2, 14 mar. 2020. Disponível em: <<https://diariooficial.cepe.com.br/diariooficialweb/#/visualizar-diario?dataPublicacao=14-03-2020&diario=MQ%3D%3D>>. Acesso em: mar. 2020.

_____. Decreto nº 49.133, de 23 de junho de 2020. Estabelece, nos Municípios de Caruaru e de Bezerros, regras específicas relativas às medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, conforme previsto na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial do Estado**: seção 1, Recife, PE, ano 97, n. 116, p. 1-12, 23 jun. 2020. Disponível em: <<https://diariooficial.cepe.com.br/diariooficialweb/#/visualizar-jornal?dataPublicacao=24-06-2020&diario=MQ%3D%3D&extra=false>>. Acesso em jun. 2020.

VÍDEOS

FEBtv. **Francisco de Assis – Biografia**. 2014. (37m40s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hghwNFTzB3c>>. Acesso em 23 set. 2020.

FERREIRA, José Moraes. **Choque Anímico P1**. 2018. (6m01s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5JpNeSN1kuA>>. Acesso em 24 mai. 2020.

_____. **Choque Anímico P2**. 2018. (6m06s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bRX_Bu1pbVs>. Acesso em 24 mai. 2020.

_____. **Choque Anímico P3**. 2018. (4m52s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wNSSYzBx0ss&t=13s>>. Acesso em 24 mai. 2020.